



RILVAN BATISTA DE SANTANA

SUOR, CACAUE SANGUE

CRÔNICAS



CARTAS

&

CONTOS



ANO 2013

Apresentação

Mais um livro em PDF que estou colocando à disposição do portal Domínio Público – MEC. Agradeço a Deus por ter me dado mais este presente e sem nenhuma pretensão, coloco-o à disposição de quem quiser lê-lo.

Não é uma obra prima, mas é um trabalho criativo elaborado com os tropeços e as experiências do dia a dia. Não tem um personagem principal: herói, gênio, intelectual, bravo, covarde, legalista ou justiceiro, porém, são muitas caras de gente simples que dão vida ao texto.

Não obstante este livro ser em PDF, o trabalho não é menor que se fosse impresso por uma editora. Produz-se os textos e seleciona aqueles que na visão do autor foram os melhores, em seguida, elabora-se uma imagem da capa de acordo com o título da obra. Neste caso, copiamos três imagens de domínio público e construímos uma imagem única modificada que simboliza “Suor, cacau e sangue”, que é o primeiro conto do texto e o título da obra.

Porém, nem sempre os textos selecionados e colocados em forma de E-book, são do agrado do leitor, porém, o livro impresso, editado numa gráfica, às vezes, não cai, também, no gosto do público alvo. No entanto, o livro eletrônico, o livro de biblioteca virtual, que não é vendido, o leitor tem a opção de fechar o programa sem prejuízo financeiro, diferente do livro impresso que fica relegado e empoeirado na estante.

O Portal Domínio Público-MEC é uma vitrine imprescindível para divulgação de trabalhos científicos e literários. O autor que não é conhecido nacionalmente e não faz do ato de escrever um meio de subsistência, mas uma atividade lúdica, esse portal foi providencial, assim como, uma fonte de pesquisa essencial para estudantes e professores em qualquer curso de formação profissional.

A mim só resta agradecer ao pessoal do MEC e desejar que os leitores deste país continental me deem a honra de sua leitura. Para mim não existe pagamento maior do que ser lido. Às vezes, sou criticado pelos meus trabalhos literários, não me importo, pois é sabido que é a crítica construtiva que ajuda o autor colocar as coisas no rumo certo.

O autor

Índice (relação de textos em ordem alfabética):

- 1) A criatividade
- 2) A dissimulada
- 3) A escola do futuro
- 4) A falsidade
- 5) A lei
- 6) A literatura e a internet
- 7) A mercantilização da fé
- 8) A praça da matriz
- 9) A queima de Judas
- 10) Antônio Charqueada
- 11) Bar de Pedro
- 12) Caboclo Ló
- 13) Carta para Amanda
- 14) Carta para Amanda II
- 15) Carta para Eglê
- 16) Carta para Eglê (tréplica)
- 17) Carta para Elma
- 18) Causos políticos
- 19) Cemitério X
- 20) A cidade menina
- 21) Compromisso
- 22) D. Morte
- 23) Deus deu as costas ao homem
- 24) Diálogo de Esqueletas

- 25) Helena Borborema
- 26) João Bode
- 27) João Victor
- 28) Labirintos da Inteligência
- 29) Mãe Anastácia
- 30) Noite de Terror
- 31) O cadáver
- 32) O desespero do diabo
- 33) O dia que eu me sentir importante
- 34) O fuminho
- 35) O pestinha
- 36) O que é filosofia
- 37) O retrato
- 38) O segredo
- 39) Otelo de Akira
- 40) São Caetano
- 41) Velho é molambo
- 42) Walker Luna
- 43) Zé das medalhas

Suor, cacau e sangue.

R. Santana

O suor gotejava do rosto de Tote, o pé de jaqueira projetava boa sombra, mas o sol a pino queimava o dia. Tote não montou emboscada ali por acaso, Manduquinha teria que passar por aquela vereda pra chegar à sede principal da fazenda Camacã. Além dos galhos de jaqueira servirem de um bom mirante, por detrás da árvore, havia um outeiro que dava pra mata fechada e lhe protegeria das balas do tiroteio. Não era medroso, mas todo cuidado era pouco no trato com Manduquinha, pois o filho mais velho de Dr. Armando Alvarez e Alvarez, rosnava valentia e não se desgrudava de parabelum, de capangas, e, o mais temido era Manuel das Onças.

Não armou tocaia só, levou também o negro Firmino que lhe era fiel como um cão e lhe ajudava tocar a burara Santa Fé e contratou alguns homens. O negro Firmino não era moço, mas de meia idade, os cabelos pouco e pouco encaneciam... Tote lhe gozava com o dito popular de que “negro quando pinta tem três vezes trinta”. Ele não bebia nem fumava, ainda forte como um touro, de pouca conversa, aliás, de nenhuma conversa com desconhecido, os mais velhos diziam que o negro já havia mandado mais de 30 pra São Pedro. Gostou de Tote desde que o patrão chegou fugido de Sergipe e comprou as terras da futura burara Santa Fé. Ambos eram unha e carne, se Tote fosse negro, os estranhos os tomariam por pai e filho.

Filho de família sergipana abastada, Tote fugiu de Simão Dias por vingar o assassinato de seu pai por um vizinho de malhada e homiziu-se nas terras do cacau do Sul da Bahia. O seu pai sentiu-se no prejuízo com o gado do vizinho que aproveitou um buraco na cerca de sua propriedade, comeu o milharal e pisoteou a roça de fumo. O pai de Tote exigiu indenização do vizinho, que não lhe pagou o prejuízo e lhe tirou a vida. Tote arrumou a vida dos irmãos e da mãe, pegou sua herança e quando ninguém lembrava mais do crime, vingou a morte de seu pai – acabara de completar 25 anos de idade.

Quando Tote comprou as 40 hectares de mata, às margens do rio Pardo, no ano de 1941, não muito longe de Vargito, distrito de Canavieiras, não encontrou um pé de cacau, mas pequi, Jacarandá, peroba, jequitibá, pau-brasil, cedro, ipê e outras espécies menos valiosas. Ele derrubou mata, cabrocou a terra, “coivrou” (não gostava de queimadas, a coivara apodrecia com o tempo), fez chácara, plantou aipim, mandioca,

bananeira, feijão, milho e 25 tarefas de cacau, além disto, construiu casa de taipa e antes mesmo do primeiro fruto de cacau, improvisou barcaça de madeira e zinco.

Nos dois primeiros anos, Tote e o negro Firmino, comeram o pão que o diabo amassou, pouca coisa eles compravam em Vargito (farinha, toucinho, azeite de dendê, sal, querosene, fósforo, sabão massa e pó de café), a roça e o rio Pardo lhes davam quase tudo. Não havia uma semana que o negro Firmino não salgasse um tatu, uma capivara, um preá, ou, enchesse os samburás de peixe.

O doutor Armando era experto em caxixe dizia o povo e fez uma fortuna colossal, colhia mais de 30.000 arrobas/ano de cacau, afora as fazendas de gado. O velho não era dado a jagunço, tudo começou com Manduquinha que após perambular na noite e nas faculdades de Rio de Janeiro e São Paulo, voltou pra casa sem diploma e cheio de más intenções.

Foi no retorno de Manduquinha que começaram os problemas de Tote (a Santa Fé ficou ilhada com o avanço das terras da fazenda Camacã), principalmente, por ter recusado proposta do herdeiro do doutor advogado para integrar o seu séquito:

- Tote, quer trabalhar comigo?
- Manduquinha, a Santa Fé não deixa...
- Por falar em Santa Fé, meu pai dobra o valor que lhe fez!
- Por favor, diga ao seu pai que nem pelo triplo!
- Então, trabalhe pra mim que irei tirar essa ideia do velho!
- Fazer o quê?
- Na minha segurança!

- Em sua segurança, Manduquinha? Quem irá tocar num fio de cabelo do filho de Dr. Armando Alvarez e Alvarez? Só se for doido! – deu uma risada gostosa que deixou Manduquinha desconcertado.

- Não brinque rapaz!
- Estou falando sério, quem ousará lhe fazer o mal!?

- Não é bem assim rapaz, a fazenda Camacã, hoje, é um mundo de grande, tivemos que mexer com muitos posseiros, tem gente que vende seu pedacinho de terra numa boa, mas outros resistem ao nosso projeto de expansão, aí tivemos que endurecer...

- Mas Manduquinha, ninguém é obrigado vender o que é seu! – provocou.

- Tote, meu pai tem o título de mais 2000 hectares, desde o Vargito e muito além do Rio Pardo, posseiro não é dono de terra, não tem escritura, é um invasor de terras alheias!!! – irritado.

- Desculpe-me, eu não entendo de posseiros... – Manduquinha continuou:

- O posseiro é um aproveitador, invade nossa terra, planta aipim, mandioca, bananeira, faz uma horta no fundo da choupana, depois quer cobrar o dinheiro de uma fazenda!

- Manduquinha, já lhe pedi desculpa. Eu não entendo de posse nem de posseiro, é coisa de tabelião e de doutor advogado!...

- Tudo bem Tote, deixemos esse negócio pra lá, porém, o convite está de pé, vai ou não trabalhar pra mim?

- Eu não tenho jeito nem coragem pra essas coisas...

- Deixe de ser modesto, rapaz! Eu soube que tu és um ás no gatilho, derruba uma araponga no vôo e valente como um cão de raça!

- O povo exagera...

Tote não aceitou de forma alguma trabalhar para os Alvarez. Manduquinha desiludido de contar com a arma do rapaz, contratou a peso de ouro o pistoleiro Manuel das Onças. Manuel das Onças, além de valente, atirava com perfeição, papa-cria e malvado, suas histórias eram de arrepiar cabelo de defunto... Contava-se que certa feita, um dos seus asseclas comeu uma de suas filhas, ele matou o cabra-de-peia aos pedacinhos, começou pelos ovos.

Manduquinha não podia peitar Tote como os posseiros, seu pedaço de terra havia sido comprado antes dos avanços da fazenda Camacã, escriturada e registrada no cartório de imóveis de Canavieiras, documento nos conformes, a saída legal seria a compra superfaturada da Santa Fé se ele resolvesse vendê-la, mas Tote estava tomando gosto na produção de cacau que começava vender nos armazéns de Itabuna ou nos armazéns da família Kaufman em Ilhéus.

Porém, com recusa de Tote à proposta de Manduquinha de fazê-lo chefe dos jagunços, passou ser retaliado: primeiro, com dificuldade no escoamento de seu cacau, Manduquinha proibiu os animais da burara Santa Fé, passarem por suas terras até Vargito; depois, sua burara foi assaltada, queimaram a barça, não queimaram suas roças de cacau porque era crime repudiado por todos e foi salvo do atentado, graças, ele e Firmino estarem pescando no rio Panelão.

Por isso, Tote resolveu acertar contas com o filho de Armando Alvarez e Alvarez. Não deu queixa à polícia de Canavieiras, medida inútil, além de não ter provas contra seu desafeto, sua palavra pouco significava diante do prestígio político e riqueza de Manduquinha. Na casa do sem jeito, pensou lhe tocaiar, antes de nova investida... Traçou todos os planos. Estudou os pontos fracos e fortes do seu inimigo, repassou-os, concluiu que não seria fácil, pois o número de capangas que escoltava Manduquinha era grande, sem falar em Manuel das Onças que valia pelos demais em astúcia e maldade, então, o negro Firmino lhe foi providencial:

- Pur qui o sinhô num cuntrata os pusseros qui ile expussou? – foi a faísca que faltava na cabeça de Tote, mas ponderou:

- Será que podemos confiar nessa gente, Firmino?

- Dexe cumigo! – assim foi feito.

O suor gotejava do rosto de Tote mais do que os outros, o calor abafado era terrível. Ele e os demais minaram o chão de armadilhas num raio de 50 metros. Tote ficou encarregado de Manuel das Onças, seria o tiro primeiro, se falhasse, Firmino completaria o serviço, não era pra matar Manduquinha, havia um homem especialista em laço, a ideia era laçá-lo e lhe puxar de cima do cavalo para um lugar seguro, vivo valia uma fortuna, morto seria pasto de urubus antes que a família chegasse.

A surpresa vale por um batalhão. O olheiro escanchado no mais alto galho do velho Jequitibá assoviou como um curió (era o sinal, eles foram vistos), todos ficaram apostos com o dedo no gatilho de suas carabinas e Tote se encarregou do primeiro tiro. Às 15:40 horas, Manduquinha e seus capangas caíram na toca do leão.

O bando foi surpreendido, os jagunços e Manduquinha galopavam relaxados, assoviando e cantando, Manuel das Onças foi o primeiro, o balaço trespassou-lhe o coração, um tiro impecável... Manduquinha foi laçado e puxado do cavalo, antes que o tiroteio tomasse gosto. O bando instintivamente tentou recuar de maneira logística, mas todos estavam cercados pelo fogo das carabinas, além disto, foram surpreendidos com várias armadilhas: buracos cobertos de galhos, tábuas de prego, cordas esticadas no caminho... Foi uma carnificina, do lado dos jagunços não sobrou ninguém pra contar história, um posseiro foi atingido e morto.

Manduquinha foi feito prisioneiro, escreveu para que seu pai lhe socorresse, indenizou como devia meia dúzia de posseiros, comprou a burara de Tote pelo triplo do valor e jamais esqueceu a lição enquanto vida teve.

Tote, Firmino e os posseiros desapareceram das terras do Sul da Bahia.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 22.01.2013

1

A Criatividade

R. Santana

A criatividade é um dom de Deus. Escrever, pintar, esculpir, construir, fazer, transformar, são habilidades e atividades que, com aprendizagem e domínio técnico o homem aprende fazer, mas criar ou inventar é uma manifestação divina.

Muitos engenheiros e arquitetos construíram prédios fabulosos, seguros, no mais preciso rigor técnico de cálculo estrutural e formas convencionais em nosso país, porém, foi preciso o gênio de Oscar Niemayer aparecer para torná-los mais belos em formas e lugares aprazíveis, em poesias...

Todos ou quase todos os mortais balançam o esqueleto, mas foi Fred Astaire quem primeiro fez da dança um poema escrito com os pés. Os seus filmes congestionaram bilheterias em todo o mundo, não pelo conteúdo dos scripts, mas pela magia de sua dança.

Os livros de Machado de Assis, Euclides da Cunha (Os sertões), Drummond, Fernando Pessoa, Shekspeare, Dante Alighieri, Haminguey, Allan Poe, Thomas Mann, Irmãos Grimm, Goethe, Dostoivski, Castro Alves, Jorge Amado, Kahlil Gibran, Homero e tantos outros, não foram somente escritores, foram gênios, deuses da criatividade e da escrita.

Na música e na composição, Mozart, Beethoven, Friedrich Haendel, Villa Lobos, padre José Maurício, Noel Rosa, Cartola, Antônio Carlos Jobim, Adelino Moreira, não foram músicos e compositores de técnica, foram compositores e músicos de pura técnica e criatividade. Suas produções permanecem e permanecerão na história da arte para sempre pela criatividade e beleza.

Na pintura e na escultura, Michel Ângelo, Da Vinci, Picasso, Monet, Renoir, Baldini, Almeida Júnior, Anita Malfatti, Carybé, Di Cavalcanti, Antônio Francisco, Lisboa, o Aleijadinho, não reproduziram formas e imagens, retratistas amadores, mas produziram formas e imagens divinas, com o dom da criatividade que Deus lhes deu.

Deus premia somente alguns com o dom da criatividade e da invenção, mas não lhes premia de mão beijada, exige-lhes determinação e perseverança. Certa feita, Thomas Édson, um dos maiores inventores de todos os tempos, questionado por alguém se suas invenções eram inspiradas, ele respondeu-lhe que a inspiração não prescinde da transpiração, uma depende da outra. Se alguém ficar deitado, esperando que Deus lhe mande uma grande idéia, dê-lhe habilidade nas mãos, sensibilidade, insight, raciocínio lógico, nada acontecerá, mas se alguém tem uma boa idéia, persegue e persiste aquela idéia, diuturnamente, ele terá um desfecho feliz, mesmo que para muitos seja um contrassenso.

Conta-se que Isaac Newton descobriu a “Lei da Gravidade” por acaso, quando embaixo de uma macieira, uma maçã lhe caiu à cabeça. É evidente que Newton já perseguia essa idéia dos corpos puxados para baixo por influência de Galileu Galilei há longo tempo, porém, foi preciso uma centelha divina que lhe despertasse.

Santo Dumont botou muito dinheiro no bolso, uma idéia na cabeça, se mandou pra Paris e inventou o avião. E, quando sobrevoou o campo de Bagatelle, com o seu XIV- Bis, deixando os franceses e o mundo estupefatos, com uma máquina mais pesada do que o ar, movida a gasolina, suas idéias e o seu feito estavam inscritos perenes na História.

O físico e matemático Arquimedes, o homem das alavancas e roldanas, “dê-me uma alavanca e um ponto de apoio que levantarei o mundo”, descobriu a picaretagem de um ourives que enganou o rei Hierão, confeccionando uma coroa de prata e ouro, vendendo-a por puro ouro, e as leis de impulso da hidrostática, depois de um estalo divino em sua mente, quando Arquimedes imerso numa banheira, conta a lenda que despido, ele saiu pelas ruas gritando: “Eureka! Eureka!”, “Encontrei! Encontrei!”, a ciência registrava mais uma descoberta...

Alexandre Fleming descobriu a penicilina depois de varar noites e dias, por um acaso de Deus, esqueceu umas placas com bactérias em cima da mesa do seu laboratório e o bolor destruiu essas culturas enquanto esteve de férias.

A escola não produz gênios. A escola educa, transmite conhecimento e instrui pessoas. Se os geneticistas de todo mundo quisessem “construir” um Shekspere, um

Mozart, um Santo Dumont, um Machado de Assis, Rembrandt, um Picasso, um Charles Chaplin, não conseguiriam, salvo, se Deus acrescentasse uns cromossomozinhos de genialidade no DNA, o dom criatividade, da invenção.

Alguém pode suscitar que este texto é uma apologia determinista o que não é verdade, o gênio não nasce pronto, nasce com as potencialidades (filosofia aristotélica de potência e ato), o meio, a educação, a interação social e outros fatores contribuem para que ele se transforme em ato.

Cartola, negro e pouco letrado, passou alguns anos desaparecido, depois de várias investidas fracassadas em músicas e escolas de samba. No ostracismo, sumido, trabalhando de vigia e lavador de carro teve o seu momento providencial com Sérgio Porto, o imortal Stanislaw Ponte Preta, quando por acaso o famoso jornalista o encontrou num bar, sujo e maltratado em 1956, de lá pra cá, o gênio de lindas composições, dentre tantas, “As rosas não falam”, jamais será esquecido.

Que o tempo não me contradiga, mas Deus ao criar o homem, deu inteligência a todos e o dom da sabedoria e da genialidade a poucos.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 30.01.2010

2

A dissimulada.
R. Santana

Helena tinha o dobro da natureza de Capitu em dissimulação e sonsice. Não tinha a polidez da mulher de Dr. Bento F. Santiago, o Bentinho de Dom Casmurro, porém, enganou o marido e a pequena comunidade do São Caetano com mais ousadia do que a personagem dos “olhos de ressaca” de Machado de Assis, pois Capitu não deixou Bentinho por Ezequiel, mas Helena deixou Juquinha pelo velho Leôncio nas fuças de todos não se incomodando com os mexericos dos vizinhos nem com os filhos e o marido.

Alguém poderá reclamar: “... lá vem mais uma história de infidelidade!”, a queixa procede, não existe tema mais explorado pelos escritores do que a traição de pessoas que se gostam, porém, a traição de Helena deu panos pra manga por muito

tempo pelo inusitado, pelo absurdo: não se troca uma camisa nova por um molambo, nem um marido novo por um amante velho, ainda mais quando o amante velho é um pobre diabo sem eira nem beira. Mas, as paixões loucas são sentimentos inexplicáveis e não se prendem às amarras da ética e da lógica.

Juquinha herdou da família a altura, contudo, não se sabe se ele herdou também da família, o gosto pelo trabalho, o tino comercial, o amor mariano, o apego à mulher e aos filhos, e, às coisas corretas da vida. Carvoeiro quando rapazinho, quando adulto, fundou com esforço e economia um razoável comércio varejista na rua principal do São Caetano. Naquela época, seu mercado de varejo abastecia a comunidade de tudo, desde o zíper ao que comer e beber sem necessidade da cidade grande.

Helena era os pés e as mãos de Juquinha na lida comercial, o pé-de-boi, o pau para toda obra, o que lhe sobrava em disposição, lhe faltava em beleza e graça, sempre emburrada, cara de poucos amigos, ainda hoje não se sabe como Leôncio entrou em sua vida. Os mais crédulos juravam de pés juntos que o velho tinha parte com o Gauxumão e possuía o livro de São Cipriano, senão, não teria gozado do sexo de Helena.

Leôncio marido de Ana, pai de vários filhos, inclusive, de um soldado sanguínário, passava dos 65 anos de idade. Com a idade, vivia com ajuda dos filhos e de uns pedaços arrendados de roça pra o lado de Macuco. Branco, cabelos grisalhos, rugas acentuadas no rosto, queixo pelancudo, baixo e barrigudo, perdera em acidente de trabalho um dos dedos polegares, as más línguas diziam que foi numa briga de facão por causa de mulher alheia e por pouco não perdeu a vida. O lazer de Leôncio era o jogo de dama e o dominó, mas nos últimos tempos, era visto xeretando o armazém de Juquinha - Eis aí, leitor, o desenho de Leôncio, pintura mais fiel, só se tivesse sido pintado por Rembrandt.

A vida caminhava como de costume no São Caetano quando algum pasquineiro usou de “cartas anônimas” para espalhar maldade e intriga entre os moradores da pequena comunidade. A carta anônima mexe mais com os nervos duma pequena população do que o pasquim, pois a linha do pasquim é jornalística, é a informação da politicagem e roubo do dinheiro público, enquanto a carta anônima denuncia as mazelas de família, mais ainda, atormenta e enlameia gente conhecida, gente próxima, gente da intimidade de todos.

Foi uma carta anônima que deixou os caetanenses estupefatos, de queixo caído, que trouxe à tona o romance proibido de Leôncio e Helena. Não se soube, na época, se Juquinha recebeu, também, uma cópia dessa carta, os fatos dizem que não, pois Helena

continuou com a mesma rotina no armazém do marido: afetada, dona de si, pouco se lixando para o mundo. Só depois de uma segunda carta anônima, mais contundente e mais detalhada, é que a infidelidade de Helena ficou às claras, então, na casa do sem jeito, ela fugiu com o amante ainda dia escuro.

O que era suspeito, bisbilhotice de gente desocupada, transformou-se em acontecimento. A mulher de Leôncio, uma senhora de idade, ficou desesperada e os filhos revoltados.

Juquinha não se mexeu nem se contorceu, continuou tocando o negócio amparado pelos empregados e cuidando dos filhos, como se a desgraça não lhe tivesse envolvido. Educado, atencioso, comerciante nato, continuou no trato com as pessoas como dantes, porém, não deixou espaço para que os fregueses comentassem em sua frente o seu infortúnio conjugal, Helena tinha sido sem ter sido sua mulher e pronto.

A lua de mel dos amantes não foi um fiasco completo porque Helena levou sua burra cheia de dinheiro. Leôncio, além de velho, pobre, nada ou quase tinha para lhe oferecer. Não pegaram o caminho do litoral, da pousada, do “resort”, do hotel de alguma estrela, mas o caminho da roça, roça onde Judas perdeu as botas!...

Não muito tempo depois, Leôncio voltou pra sua velha e seus filhos e Helena se homiziou na casa de algum parente ou no puteiro da Baixa Fria para sempre.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 15 de fevereiro de 2013.

A escola do futuro não será o modelo atual e não é necessário ser um futurólogo, um Paulo Freire, um Vygotsky, um Piaget, um Wallon, um Anísio Teixeira, ou seja, um cientista da educação para entender que a escola de hoje está doente das pernas e não sobreviverá por muito tempo, pois além dos problemas de aprendizagem que vêm se arrastando muito antes do movimento da “Escola Nova”, que de maneira sábia, valorizou mais a capacidade de discernimento do que o processo de memorização, o

sujeito da aprendizagem não é mais um repositório de informação, mas um ser de capacidade de julgamento crítico e produtivo.

Hoje, além dos problemas estruturais (política salarial aviltante, profissionais sem vocação e descomprometidos, carência de materiais didáticos, instalações físicas precárias, exploração comercial, etc.), a escola é vítima da violência, do narcotráfico, e, os crimes escolares que grassam aqui, acolá e alhures, não são mais casos isolados, mas índices estatísticos, malucos de ideias e de drogas estão promovendo carnificinas repugnantes naquela que deveria ser, somente, a casa de formação cívica e saber.

Com o advento da informática e da internet, o conhecimento não é mais privilégio de poucos. Os fatos, em qualquer lugar do mundo, são transmitidos e vistos em tempo real. Afora alguns conhecimentos técnicos de direitos autorais alienados às indústrias e protegidos das especulações comerciais e as tecnologias bélicas que asseguram a segurança dos estados, as bibliotecas tradicionais e as bibliotecas virtuais, possuem todo conhecimento sistematizado produzido pela humanidade e de domínio público, logo, o saber é mais um ato de vontade, é querer aprender, é determinação, é consciência cívica.

Não se pode negar o papel fundamental da escola no desenvolvimento afetivo, social, moral e intelectual do homem desde os sofistas até os dias atuais, seria uma injustiça histórica, seria tampar o sol com a peneira, a escola é o embrião da ciência, porém, o modelo de escola atual é que não mais se sustenta e será necessário que os pedagogos e os cientistas da educação encontrem outro caminho de uma escola mais dinâmica e atualizada, uma escola mais segura, uma escola mais acessível, uma escola mais comprometida com a aprendizagem e formação do sujeito.

Vai longe o tempo que a escola pública ou privada tinha ensino de qualidade, não obstante as distâncias e acesso (escolas da zona rural), dificuldades de professores com formação específica (a maioria leiga, às vezes, sem curso médio ou fundamental incompleto), instalações inadequadas, material didático improvisado, metodologia imprópria e atitudes radicais de avaliação e educação dos mediadores da aprendizagem, valorizava-se mais as normas de comportamento do sujeito e a memorização dos conteúdos em detrimento do desenvolvimento intelectual.

Os estágios de desenvolvimento piagetianos: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório-formal não são mais os mesmos, as crianças cresceram mentalmente e fisicamente. Hoje, a idade escolar inicial é de 4 anos e o adolescente de 16 anos participa do processo eletivo do chefe da nação. A evidência atual que os

estágios de desenvolvimento cognitivo não são os mesmos apregoados pela “Epistemologia Genética”, é que existe um clamor social para que a maioria penal seja reduzida e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) seja reformulado e adaptado à realidade da sociedade contemporânea.

Não é fácil mudar conceitos arraigados, situações definidas, interesses inconfessáveis, “Status quo”, pois o novo faz medo e encontra resistência. O Criacionismo, por exemplo, é mais cômodo para religião do que a Teoria da Evolução de Darwin. Certamente, irá ocorrer a mesma coisa com a escola atual, qualquer projeto de mudança esbarrará em enésimos empecilhos, porém, mais cedo ou mais tarde, o modelo atual esgotado, o ambiente onde se processa o ensino-aprendizagem será outro, mais dinâmico e mais eficiente.

Alfabetizar é capacitar o sujeito da aprendizagem na leitura e na escrita. Alfabetizado é ser capaz de escrever, compreender e explicar o que leu. Se o indivíduo não domina a escrita e a leitura, apenas assina o seu nome ou ler a placa de um ônibus do seu bairro, é um analfabeto funcional. A escola do futuro vai exigir que o indivíduo seja alfabetizado ainda nas séries iniciais para desenvolver suas potencialidades e construa o seu saber.

Embora o ato de aprender seja solitário, o processo de aprendizagem é a interação do sujeito com o seu meio ambiente e Piaget acrescenta que o sujeito aprende aquilo que lhe é significativo e conforme sua predisposição genética, se o objeto não tem significado o aprendiz não tem interesse e não haverá nenhuma transformação intelectual.

A escola convencional não motiva mais o sujeito da aprendizagem, além do conteúdo sem finalidade prática e intelectual, o meio ambiente não possui os estímulos necessários para aprendizagem de qualidade, até os conteúdos transversais não atendem mais ao interesse de uma clientela ciosa de informação atualizada. Os cursos de educação à distância, tomam conta do mercado. Com as novas tecnologias, o ambiente presencial não é condição **sine qua non** no processo ensino-aprendizagem.

É difícil prever o modelo da escola do futuro, certamente, seguirá o caminho da ciência da computação porque os recursos de imagem e de linguagem estão cada vez mais sofisticados – computador, laptop, laptop infantil, tablet, idphone, celular, data show, fotoshow, etc., etc. - professor e aluno podem estar separados a quilômetros de distância, que a interação e o feedback não serão prejudicados.

Enfim, a escola do futuro sua clientela ao invés de ter livros, ela terá computadores ligados à web, ao invés de professores, mediadores da aprendizagem, ao invés de salas de aula, centros de consulta e informação, ao invés de avaliação individual, exame nacional anual em todos os níveis de aprendizagem e os cursos de formação profissional completariam sua carga horária nas instituições específicas.

Decerto, essas novas ferramentas subsidiarão uma nova pedagogia, uma nova escola...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 16 de abril de 2013.

Licenciado: Creative Commons

4

A Falsidade R. Santana

Não faz muito tempo li um pensamento de Martinho Lutero que diz: “Existem três cães perigosos: a ingratidão, a soberba e a inveja. Quando mordem deixam uma ferida profunda.” Não morro de amores pelo sacerdote responsável pela Reforma Protestante, todavia, a minha admiração pelo seu pensamento é perene: são três facetas da personalidade que o homem escamoteia, esconde, sublima, mas de quando em vez, ele não consegue deter um desses pensamentos maus e esse cão sangra a nossa carne e dilacera o nosso coração.

Porém, o sacerdote alemão deixou de incluir no seu pensamento, a mãe que gerou a ingratidão, a soberba e a inveja: a falsidade, que travestida da mentira, da calúnia, do fingimento e da hipocrisia, não só pode deixar ferida profunda com sua mordida, mas pode destruir sonhos e vidas.

Esses vis sentimentos o homem não consegue escondê-los por muito tempo, pois eles têm um pé na ira e são temperamentais, despidorados, imorais e obtusos, enquanto a falsidade se alimenta do ódio e solapa com ardis, dissimulação e manhas o mais experiente e inteligente dos homens.

A ingratidão, a soberba e a inveja são sementes que vicejam mais no terreno da ignorância, onde a terra é estéril em conhecimento. O homem ignorante, mesquinho,

vulgar, se apropria com mais facilidade desses males do pensamento luterano. Porém, a falsidade viceja em terreno de conhecimento, inteligente, polido, educado e civilizado. Jamais um troglodita irá cometer um crime de falsidade ideológica, mas ele poderá ser acometido, facilmente, de sentimentos de ingratidão, soberba e inveja.

Às vezes, eu fico aqui no meu canto, matutando comigo mesmo (uma amiga me deu o epíteto de “homem pensante”, pura bondade sua), quanta gente falsa existe nesse mundo de meu Deus!? Enésima. Essa gente é escorregadia, cordata a maioria das vezes, mas não tem o menor remorso de não lhe avisar que uma cobra venenosa vai lhe picar lá adiante se você não sair do seu caminho. São pessoas ardilosas e inteligentes que espalham a mentira, a calúnia e a hipocrisia com tanta competência que a vítima por mais que se esforce, não consegue que a verdade prevaleça...

O falso é simpático, envolvente, não toma partido de frente, sempre em cima do muro, mas por detrás lhe apunhala sem o menor resquício de consciência. O falso, também, é ingrato, soberbo e invejoso, mas age com tanta doçura, com tanta polidez que é difícil a pessoa de boa fé descobrir o lobo embaixo da pele de cordeiro.

O falso é desprovido de lealdade, de fidelidade, de amor, é egocêntrico de natureza, só pensa em si, pouco lhe incomoda trair sicrano ou fulano, desde que seja compensado por beltrano, os seus objetivos estão acima de qualquer consideração firme e sadia.

O falso é hipócrita, é afetado, gosta de aparecer, chamar a atenção, quer ser valorizado nos seus feitos, se não consegue por mérito, espalha calúnia e mentira com a mesma desenvoltura que toma um copo de água, o seu slogan preferido é o princípio nazista que uma mentira bem repetida toma foro de verdade.

Porém, o falso e a falsidade não se sustentam nem impressionam por muito tempo, é igual à fábula da máscara de La Fontaine, impressiona à primeira vista, é esteticamente bonita, mas um dia se descobre que a cabeça da máscara é oca e a verdade virá á tona.

O falso é um inimigo não declarado, mas não se sente seu inimigo, é que moralmente, os fins justificam os meios e se alguém está no seu caminho, a desídia e os meios escusos são sua arma.

O falso tem quase a mesma lógica de um proeminente político que já se foi que dizia: “os meus amigos não têm defeitos, mas os meus inimigos se não têm defeitos, eu os coloco”, portanto, o falso não mede aleivosia para denegrir quem lhe atrapalhe e não mede esforço para bajular quem lhe é de seu interesse.

Quando se é vítima da falsidade, não adianta esperar, esbravejar – daqui que se prove que sapo não tem cabelo... -, ninguém lhe dará ouvido e se lhe der, é para atenuar o falso e confirmar a falsidade, porque panela que muito se mexe, mingau vira angu. Então, faz-se o quê? Nada. O tempo é o senhor da razão, que se dê tempo ao tempo. Se viver por muito tempo irá provar que aquele indivíduo não passa de um escroque e que muita gente se enganou e deixou-se enganar!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 16.12.2012.

5

A Lei

R. de Santana

"Quem decide um caso sem ouvir a outra parte não pode ser considerado justo, ainda que decida com justiça." (Sêneca).

A sociedade impõe que o homem não pode viver à margem da lei ou desconhecê-la desde o mais simples trabalhador ao presidente do país, portanto, ninguém pode fazer algo errado e justificar ignorância. Porém, as leis, assim como as verdades, os costumes e os conceitos morais são relativos e não absolutos, mudam com o tempo, a ordem social e a crença religiosa. É passível de punição a mulher muçulmana que não usa sua burca e seria esdrúxulo se uma mulher brasileira fizesse da burca sua vestimenta cotidiana.

As “Tábuas de Moisés”, os “Dez Mandamentos”, constituem sem dúvida o primeiro Tratado de Leis escritas, depois vieram leis de Salomão, leis de Péricles, de Confúcio, leis inspiradas nos “Livros Sagrados da Índia”, Código de Hamurábi, o Código de Zaratustra, o Código de Napoleão etc., etc.

As leis, naquela época, eram mais regras de conduta moral, religiosa, e, normas de convivência social. Os crimes eram resolvidos na base “olho por olho” e “dente por dente”. Os romanos, os gregos e os ingleses foram pródigos em leis. Todavia, os reis, os

imperadores, os ministros, enfim, o Manda-Chuva de plantão governava à moda Luis XIV- “L’ État c’est moi”, os regimes eram absolutos, o rei enfaixava nas mãos o poder executivo, legislativo e judiciário, triste daquele ou daquela que não caísse nas graças do rei, o seu fim seria o calabouço ou a força.

Não se pode prescindir da lei, porém, nem sempre a lei é justa ou tem o mesmo alcance social, embora a Constituição do país mencione que todo homem é igual perante a lei, sua aplicação é diferente para rico e para pobre. Se um rico e um pobre cometem o mesmo crime, nas mesmas circunstâncias, a lei deveria ser igual e justa, porém, os álibis, as interpretações jurídicas e os recursos legais vão ser diferentes para o rico e para o pobre, pois a justiça é uma máquina lenta, corrompida, que é exequível e rápida quando é azeitada com recursos financeiros ou tráfico de influência. Hoje, quantos pobres com sentenças vencidas apodrecem na cadeia por não ter advogado? Centenas!...

Diz o povo que voto e cabeça de juiz são imprevisíveis, os resultados são conhecidos depois do voto apurado e da sentença publicada. Antes, qualquer ilação, a priori, é temerária, salvo, em casos de manipulação de consciência e venda de sentença. Portanto, seria imprudente, arriscado, que um país como o nosso, com estruturas viciadas e poderes corrompidos, tivesse uma legislação criminal, por exemplo, que apenasse um criminoso em pena de morte ou prisão perpétua, decerto, o pobre seria executado ou mofaria na cadeia, mas o rico enxeria os tribunais de recursos e sua sentença moderada por alguma jurisprudência.

Seria bom que todas as leis fossem resumidas no bom senso e nos mandamentos cristãos: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo coração, de toda a tua alma e de todo o entendimento e ao próximo como a ti mesmo”. Se todos os homens tivessem bom senso pelo menos – para René Descartes, bom senso é atributo do homem -, metade das leis poderia ser jogada na lata de lixo. Se beber e dirigir é um contrassenso, por exemplo, pra que beber?... Se todos motoristas tivessem bom senso, amassem o próximo com a si mesmo, não atropelariam e nem matariam o próximo em decorrência do álcool.

Embora as leis do país sejam feitas pelos deputados federais e senadores, elas refletem a vontade do povo, da sociedade, quando a lei expressa mais a vontade do grupo dominante, geralmente, a lei entra em desuso e “morre”. Ultimamente, as leis que protegem os afrodescendentes, os homossexuais e os índios, têm gerado conflitos significativos pelo fato dessas leis contemplarem essas minorias em detrimento dos brancos e pessoas que não se encaixam nesses grupos sociais.

O homem não é mau, mas é naturalmente resistente à proibição e à regra desde Adão, se o Criador não lhe proibisse comer a maçã do Paraíso, não existiria o pecado e o homem fosse feliz. O homem nasce subversivo, revolucionário, insatisfeito com a sua natureza humana limitada, por isto, ele é contrário a qualquer ordem estabelecida, daí a necessidade das leis e dos mecanismos de prevenção e repressão do estado, mas são instrumentos ineficazes se o homem não tiver educação, instrução e políticas de bem estar social.

Não obstante a corrupção, os desvios de caráter dos que fazem as leis e as mazelas dos agentes das leis, a máxima latina é um dogma: *Dura Lex Sed Lex*.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 04 de julho de 2012.

6

A Literatura e a Internet
R. Santana

A escola ensina literatura, mas não faz literatura. O poeta e o romancista podem prescindir de algumas técnicas de redação e verso sem prejuízo da poesia e da prosa. Literatura se aprende na escola, mas fazê-la é um dom de poucos. Jamais se forjará nos bancos escolares, poetas e romancistas da grandeza de Homero, Shakespeare, Camões, Machado de Assis, Dostoievsky, Hemingway, Goethe, Fernando Pessoa, Julio Verne, e tantos outros que as páginas literárias registram e de conhecimento do leitor bem informado.

Porém, potenciais poetas e escritores foram apagados pela ação do tempo e dificuldade de acesso ao reduzidíssimo meio de comunicação em tempos remotos. Hoje, existe facilidade de divulgação para o autor, independente da boa ou má qualidade de sua obra.

Com o advento da tecnologia Internet nos anos 70, durante a Guerra Fria e popularizada nos anos 90, nas escolas, nas universidades, nas pesquisas, nas empresas,

nas residências e nas redes sociais, o processo divulgação de uma obra literária deixou de ser uma atividade hercúlea.

Um livro de poesias ou um romance, por exemplo, não faz muito tempo, levaria anos pra ser impresso, editado, divulgado, distribuído nos pontos de venda e lido. Atualmente, com os programas computadorizados de Word e PDF, o texto é digitado, processado, armazenado e enviado para milhões de pessoas em tempo recorde.

Por outro lado, a enorme quantidade de informação e a escassez de tempo de nossos leitores contribuem para que obras-primas sejam jogadas no lixo eletrônico enquanto textos fúteis, apelativos, oportunistas, mas de interesses imediatos, tomem lugar na literatura e no gosto das pessoas.

Ninguém pode negar os benefícios e a democratização dos meios de comunicação em todos os segmentos da atividade humana, entretanto, ninguém pode negar a saturação da atividade literária de autores e obras. Hoje, existe na literatura brasileira e estrangeira, uma enxurrada de autores de verso e prosa, geralmente, qualificados nas técnicas da língua, mas sem vocação e criatividade. Poetas e escritores tupiniquins, canastrões da arte com fumos de intelectuais brilhantes, que devem ser considerados mais pelo esforço e vontade de escrever do que pelo uso correto da palavra e a capacidade de transformá-la em prosa e verso.

Claro que a tecnologia da Internet não dispensa o talento, a boa ideia, a imaginação, a ficção, a criatividade, além da capacidade do escritor colocar tudo no papel e transformar a palavra em literatura. O acesso às bibliotecas virtuais, aos dicionários digitais, á gramática digital e aos sites de conteúdos específicos, contribui e facilita a vida e o desempenho do escritor, mas o acesso às novas tecnologias, somente, não dá vida ao texto se o escritor não tem vocação e talento, se ele não possui percepção diferenciada do mundo e sensibilidade aflorada.

Tecnicamente se define Internet: “...qualquer conjunto de redes de computadores ligadas entre si por roteadores e gateways, de âmbito mundial, descentralizada e de acesso público, cujos principais serviços oferecidos são o correio eletrônico (e-mail), o chat e a Web etc.”, portanto, é condição **sine qua non** para explicar as novas tecnologias da escrita que se mencione o computador. A Internet não teria razão de ser se não houvesse o computador nas mais diferentes formas - a recíproca é verdadeira.

O computador é uma máquina diferente da antiga máquina de escrever, “recebe informação, armazena, envia dados, faz sobre estes, sequências previamente programadas de operações de aritmética (cálculos), de lógica (comparações), com o

objetivo de resolver problemas”, portanto, lamenta-se que alguns escritores resistam usar essa tecnologia, o caso mais notório é do imortal da ABL, Gilberto Freyre, que se recusava aprender a nova tecnologia da informática e escreveu sua extensa obra social e antropológica a bico-de-pena.

Faz-se necessário dizer, agora, que não houve deste autor, nenhuma pretensão de censurar, julgar, criticar, classificar esta ou aquela obra, apenas, chamar a atenção para proliferação desordenada duma cultura fútil e sem significado, em cadeia, que inunda os meios intelectuais e confunde a cabeça de crianças, jovens e adultos malformados, a Internet peca, somente, por não possuir mecanismos para separar o joio do trigo e coloca tudo no mesmo saco da literatura.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 16 de novembro de 2012.

7

A mercantilização da fé

R. Santana

O brasileiro tem uma fé ingênua, simplória, beata, atávica, desde os tempos de Pedro Álvares Cabral. Um dos primeiros atos da expedição de Cabral foi marcar o território com a cruz, símbolo do cristianismo, e, celebrar missas para índios e portugueses, antes mesmo da certeza se a terra descoberta era uma ilha ou um continente. A posse da terra se concretizou com os bandeirantes e o apoio dos jesuítas, dos missionários católicos, dos beneditinos, dos carmelitas e dos capuchinhos. Portanto, além da crença nativa do índio, o Brasil nasceu católico, apostólico romano. O Brasil não nasceu também protestante, porque Martinho Lutero nasceu quase ao mesmo tempo em que foi descoberto o nosso país continental.

Ninguém comunga totalmente com Karl Marx que “a religião é o ópio do povo”. A religião não entorpece o povo, não o deixa alienado para coisas do mundo, porém, quando se trata das coisas celestiais, o brasileiro se deixa levar sem discussão, sem questionamento, sem racionalidade... A maioria não “vê” a corrupção religiosa, a

degradação moral, o charlatanismo, a ladroagem, os falsos profetas, os milagres forjados e o uso da cura psicossomática como intervenção divina, mas se comporta como um carneirinho a caminho do matadouro ou dá uma de João sem braço: - eu faço a minha parte, ele que preste conta a Deus...

A fé é de natureza humana. O homem primitivo tinha sua crença no sobrenatural, mas sem proselitismo, nascia com a necessidade de acreditar em algo que tivesse feito o mundo e tivesse o controle dos fenômenos da natureza. Ele não plantava nem colhia se a lua e o sol não sinalizassem bons tempos. O homem civilizado sistematizou a fé e fez proselitismo de sua crença.

Do ponto de vista histórico religioso, o brasileiro era mais feliz quando o país era de predominância católica e os padres tinham, somente, como opositores, as seitas dos ingênuos afrodescendentes, que cultuavam os seus orixás e cantavam seus axés nos terreiros e candomblés. Faz-se necessário dizer, que naquela época, os padres, os capuchinhos, as freiras, os religiosos de modo geral, com raríssimas exceções, eram exemplos de vida moral e religiosa e deixaram para posteridade um profícuo trabalho social na educação e na saúde.

A preocupação maior da igreja católica, naquela época, era a pregação dos Evangelhos. Os padres e os missionários cumpriam com fidelidade canina os ensinamentos de Jesus Cristo aos doze discípulos: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado... E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Amém” (Marcos 16:15-20). E, Jesus Cristo ainda acrescentou: “Não levem nem ouro, nem prata, nem cobre em seus cintos; não levem nenhum saco de viagem, nem túnica extra, nem sandálias, nem bordão; pois o trabalhador é digno do seu sustento” (Mateus 10: 9-10).

Em situação adversa, fez recomendação diferente no Evangelho de Lucas: “E perguntou-lhes: Quando vos mandei sem bolsa, alforje, ou alparcas, faltou-vos porventura alguma coisa? Eles responderam: Nada. Disse-lhes, pois: Mas agora, quem tiver bolsa, tome-a, como também o alforje; e quem não tiver espada, venda o seu manto e compre-a” (Capítulo 22: 35-36). Mas, Jesus Cristo não recomendou que seus discípulos e apóstolos acumulassem riquezas e poder.

Lutero foi excomungado porque foi contra a venda de indulgências, provocou um cisma na igreja católica que deu origem à Reforma Protestante, durante séculos, os

protestantes foram sinônimos de retidão moral, intelectual, e fiéis seguidores de Jesus Cristo e guardiães da palavra bíblica.

Hoje, esses ensinamentos de Jesus Cristo para que os seus seguidores não acumulassem riquezas e poder perderam-se no tempo, não se sabe mais quem é alho ou quem é bugalho, tudo é farinha do mesmo saco, as mazelas, o enriquecimento pessoal ou da instituição, é um escândalo, digno da investigação da Polícia Federal e da Receita Federal, se não fosse a Constituição Federal de 1988, no seu Artigo 5, Parágrafo VI que diz:

“...é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.

Porém, a exploração financeira de incautos fiéis em forma de doação é feita à luz do dia com promessas de curas de doenças incuráveis, alcoolismo, libertação das drogas, desmanches de bruxarias, conversão de homossexuais em heterossexuais, etc., etc. Os líderes religiosos mais lapidados, aqueles de fé religiosa, moral e intelectual mais apuradas, prometem a remissão dos pecados, a vida eterna e a ressurreição da alma com a vinda de Jesus Cristo.

Com o surgimento de pentecostais e de carismáticos, a igreja católica se tornou mais dinâmica, mais jovem, houve um novo rumo, surgiram novas ideias, mas deu origem a uma torre de babel exegética da palavra de Deus. Em voga, no momento, são as igrejas do divino Pai Eterno.

Os instrumentos atuais de evangelização, a exemplo dos canais de televisão, emissoras de rádio AM e FM, editoras, gravadoras, jornais, revistas, livros, música gospel, são necessários, o mundo cresceu e a população também, porém, esses instrumentos, adquiridos com o dinheiro dos incautos fiéis, são usados mais para fins comerciais, formação de holdings, enriquecimento pessoal e família, que na evangelização e promoção social.

Outro disparate de certas igrejas atuais, que não contribui para expansão da fé, a juízo de qualquer pessoa de bom senso, mas que serve para encher o poço de vaidade dos seus idealizadores: é a construção dos megassantuários, que o menor deles, deixaria o Templo de Salomão no chinelo, que levou 46 anos para ser construído e arregimentou milhares de trabalhadores e artesãos. É um crime com o dinheiro do povo, são minúsculas cidades ultramodernas, um retrocesso na fé, quando o homem ao invés de se preocupar com o Deus de espírito, ele adorava bezerros de ouro!...

Parece que estamos entorpecidos de papoulas e alienados, contribuímos com o nosso dinheirinho para que os charlatães e os falsos profetas se proliferem, surrupiando e enganando o nosso povo sofrido. Adulterando, modificando e falsificando a palavra de Deus de maneira cínica e herética.

Autor: Rilvan Batista de Santana

8

A Praça da Matriz R. Santana

Não tínhamos mais de 9 anos de idade cada um. Éramos três crianças peraltas, bonitas e saudáveis. Nós tínhamos em comum morar no mesmo quarteirão da “Praça da Matriz”, quando o padre nos ritos finais dava sua bênção: “Benedicat vos omnipotens Deus”, e concluía: “Pater et filius et Spiritus Sanctus, Amen!” – era o fim. Não entendíamos bulhufas de latim, só entendíamos que tinha chegado ao fim pelo gesto da cruz que o padre fazia e pelo “Amen!” de língua enrolada do padre alemão – era o melhor momento da missa -, nossas mães nos prendíamos à força pelas mãos para que não saíssemos em disparada e fossemos brincar na praça da matriz.

Era uma praça suntuosa, ajardinada, cheia de bancos, árvores copadas e desenhadas em todo o seu redor, no meio um coreto e, postes de luz, encimados por um globo branco de acrílico, distribuídos estrategicamente em toda sua extensão, iluminando os casais de namorados e os demais. Não dávamos bola pra ninguém, somente, para nossas brincadeiras.

Além das árvores copadas, dos bancos e do jardim, gostávamos mesmo era do coreto, ali, quando o guarda deixava, subíamos na mureta e ficávamos deslumbrados com a fachada da igreja... Não tínhamos apego à sua nave de estilo gótico, comum a tantas outras igrejas, mas nos deslumbrávamos com sua fachada de duas enormes torres abóbadas e, lá em cima, a escultura de um galo, entre uma torre e outra, um pedestal de forma escalena, desenhado em suas laterais, no topo, a esplêndida estátua de Nossa Senhora da Piedade! Abaixo, depois duma faixa horizontal, quatro janelões retangulares

envidraçados e mais abaixo, três grandes portas, a porta principal mais alta do que as suas laterais e outros detalhes arquitetônico singulares.

O coreto oitavado recebia em suas muretas oito colunas que sustentavam uma abóboda que formava o teto, a parte superior do abrigo. Descobríamos nesses detalhes, que o nosso coreto não era diferente em forma e beleza das linhas arquitetônicas da matriz.

Gostávamos quando o coreto era usado pela orquestra sinfônica nos dias de festas cívicas e religiosas. O Natal era sem dúvida, a festa mais importante, a festa que mais curtíamos porque sua preparação começava um mês antes com os bazares e as quermesses e findava com a missa do Galo.

Na noite de Natal, chegávamos mais cedo à praça, todos nós com roupas brancas, camisa de manga comprida e gravata borboleta e sapatos engraxados. Nessa noite, os nossos pais frouxavam na disciplina desde que não sujássemos a roupa nova. Aí, corríamos toda praça, ouvíamos a orquestra sinfônica, elegíamos o casal mais bonito e mais feio de namorados, visitávamos alguns presépios, nos detínhamos naqueles mais inventivos, naqueles que contavam a história dos Reis Magos e a vaca se movimentava ou mugia, e, a manjedoura que abrigava uma Sagrada Família feliz. Não gostávamos de presépios pobres...

Porém, o ponto alto da noite de Natal não eram os folguedos da Praça da Matriz, mas o retorno para casa depois da missa do Galo, onde a família reunida e alguns convidados tomavam assento numa mesa enorme e as nossas mães começavam servir a Ceia de Natal com peru (o prato principal), uma variedade de saladas, feijão, arroz, castanha de caju, nozes, castanha-do-pará e uma variedade de doces na sobremesa, para os homens, um bom vinho ou um bom champanhe – era uma festa!...

A festa de Sete de Setembro tinha o seu início e o seu desfecho, também, na Praça da Matriz. Nós percorríamos todas as ruas da cidade de Lagarto, fazíamos nossa parada maior em frente ao palanque do prefeito e de outras autoridades, a fanfarra executava suas músicas, depois, voltávamos para praça e perfilados, ouvíamos o comando: “dispersar” dos diretores de escola.

Os anos se foram, hoje, matriz e praça não são mais as mesmas, elas não possuem mais a mesma suntuosidade e o mesmo tamanho daquele tempo de criança. Parece que matriz e praça foram encolhidas?... Não! Elas não foram encolhidas, permanecem do mesmo tamanho, despertando sonho, alegria e curiosidade aos olhos,

hoje, de outras crianças, o tempo é que levou as nossas crianças e trouxe adultos empedernidos e sem alma.

Gênero: Crônica

Autor: Rilvan Batista de Santana

9

A queima de Judas R.Santana

Na semana que findou, passei junto com os meus a “Sexta-Feira Santa” nas praias de Ilhéus. Como bom católico, não queria ir, eu argumentei aos familiares que preferia ficar em casa, jejuar, orar e compungir-me, enfim, aproveitar a oportunidade para uma conversa mais amiga com Deus e Lhe confessar o meu arrependimento das coisas erradas que pratiquei ao longo da vida, mas as circunstâncias me tiraram essa oportunidade e terminei o final de semana na casa de um cunhado rico na cidade vizinha, na “Praia dos Milionários”.

Passar a Sexta Feira Santa na praia, degustando boa bacalhoadada, dourado, merluza (com leite de coco e dendê), bom vinho, cerveja, caipirinha (brasileiro, afora alguns esnobes, não gosta de whisky), mergulhar no mar, jogar baralho e dominó, é privilégio de poucos, a maioria da população fica em casa, pega a papa do vizinho, outros, ainda menos aquinhoados, come o peixe que a prefeitura distribui grátis na Semana Santa.

Essa tradição católica vem de muito longe, aqui em nosso país, os portugueses que a trouxeram-na no seu descobrimento. Hoje, não se comemora a Sexta Feira Santa como antigamente, não existe mais o mesmo respeito religioso, o sentimento de pesar pelo flagelo de Jesus Cristo e o significado de sua ressurreição foram substituídos pelo ócio, pela fuga da cidade grande pra o litoral ou pra o campo. A páscoa não é mais momento de oração e regozijo por Jesus Cristo ter vencido a morte e ter dado ao homem esperança de vida eterna.

Porém, este ano não posso reclamar, é que pela primeira vez na vida assistir a queima e a malhação de Judas no Sábado de Aleluia. Não foi um Judas como o de Itu,

grandão, com bombas e dinamites para pipocar o mais famoso vilão da história da humanidade, que vendeu Jesus Cristo por 30 moedas com um beijo na face ou um Judas com cara e herança de político, mas foi um Judas chinfrim, magrinho, com cara de pobre, sem dinamites, com bombas que deram chabus e tudo foi salvo pela robusta e simpática morena testamenteira que leu com desembaraço a herança deixada pelo mais famoso traidor:

- Judas morreu!? – a assembleia respondia:

- Morreu!!! – ela completava:

- Não teve o que deixar, deixou um caminhão velho pra João mecânico consertar!

- Judas Morreu!?

- Morreu!!!

- Não teve o que deixar, deixou seu terno amarrotado pra Thiago casar! – repetia:

- Judas morreu!?

- Morreu!!!

- Não teve o que deixar, deixou 30 moedas de ouro pra Jabes Ribeiro, a cidade melhorar!

- Judas morreu?...

- Morreu!...

Os menos críticos saíram dali exultante com a herança folclórica de Judas e os mais exigentes, os espíritos menos desarmados, saíram lamentando o tempo perdido, particularmente, eu fiquei entre os menos críticos... Gostei dos assovios dos moleques, dos apupos, das brincadeiras, do chabu das bombas, do desembaraço da testamenteira, e, do estribilho: “Judas morreu?...”, “Morreu!...”

Se Judas Iscariotes permanece no imaginário popular o vilão mais odiado da história humana, é problema dele, também, não assino embaixo nas afirmações gnósticas dos cainitas de que Judas foi o grande mocinho e não vilão do cristianismo, pois se não fosse Judas Iscariotes, Jesus Cristo não teria se libertado do corpo corruptível e ressuscitado no terceiro dia em espírito, portanto, são conjeturas e mais conjeturas que só o tempo trará a verdade, por enquanto, prefiro alimentar a voz da morena da praia na minha mente:

- Judas morreu!?

- Morreu!!!

- Não teve o que deixar, deixou muitos livros para “seu” Rilvan estudar!
- Judas morreu!?
- Morreu! Morreu! Morreu.!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Ilhéus, 31 de março de 2013

10

Antônio Charqueada

R. Santana

O prenome era Antônio, “Charqueada” não era nome, mas um apelido que lhe substituiu o nome ao longo do tempo e ficou. Não sei se gostava que o chamasse de “Antônio Charqueada”, mas quem cala consente, então, conclui-se que ele gostava do nome “Charqueada”.

Quando eu o conheci já era homem de barba e bigode. Menino, eu o admirava pela força e valentia. Ele deveria passar de 1,80 m de altura, forte como um touro, cabelo pixaim e cor de betume. Não levava desaforo pra casa, não gostava de arma de fogo, numa briga, usava a enorme mão na broca do desafeto ou manejava como ninguém o facão.

Nascido no começo do Século XX, afrodescendente, não perdera o complexo de escravo dos bisavôs, tratava sempre o homem branco com deferência, chamando-o de “patrão” ou “doutor” e atitudes serviçais. Não se enxodozava com mulher negra, quanto mais branca, melhor, brincava: “dois negros no escuro não se enxergam”, porém, todo esse ranço atávico desaparecia quando alguém de sua raça era injustiçado, aí, Charqueada ficava bravo e o sangue africano se sobrepunha.

Certa feita um dos seus irmãos teve acidente grave de carro. No hospital, o cirurgião para lhe poupar do trabalho de reconstituição de uma perna estragada da vítima, quis amputá-la, Antônio Charqueada pegou o médico pelo gogó e ameaçou matá-lo se a perna fosse amputada, a perna foi reconstituída e seu irmão ficou bom e não deixou de ser motorista.

Porém, um episódio eu nunca esqueci: um sujeito apareceu na bodega dos meus parentes e se passou por cabo do exército. Falante, envolvente, havia participado de algumas campanhas militares no exterior, havia sido condecorado por bravura, conversa vai e conversa vem e bebericando!... Quando a conta havia atingido certo montante e a paciência da balconista havia chegado ao fim, exigiu-lhe pagamento, então, ele alegou ter deixado a carteira em casa e apressou-se buscar o dinheiro – fui junto com o desconhecido.

Acabara de completar 10 anos de idade, acompanhar um desconhecido, mesmo naquela época, era uma temeridade, mas o sujeito justificou que sua casa não ficava longe e meus parentes consentiram acompanhá-lo. Porém, a distância foi aumentando, o indivíduo caminhava na frente, dizia que sua casa estava perto e a casa não chegava, quando tínhamos atingido mais ou menos a distância de um quilômetro em lugar ermo, desabitado, vereda de um matagal, o meu coração começou bater mais forte, o medo apoderou-se de mim, não podia retornar sem o dinheiro ao tempo que o desconhecido estava me levando cada vez mais longe, foi quando surgiu por providência dos meus parentes, Antônio Charqueada!...

O meu coração adquiriu confiança, o medo fugiu quando eu o vi. Charqueada por perto, o sujeito que se cuidasse e foi o que aconteceu, fomos parados embaixo dum pé de jaqueira:

- Aonde vai com o menino? – o indivíduo amarelou:

- Não... moro ali... moro... moro na... – não completou, recebeu dois bofetões na cara: um jogou-o ao chão, quase aos nossos pés; o outro, fê-lo rolar ladeira abaixo, enquanto Charqueada gritava:

- Pera aí! Pera aí! Pera aí! Pera aí vagabundo! – o cara não esperou e “pernas pra que te quero”, o sujeito sumiu no matagal.

Ele não gostava de coisa errada, era justiceiro sem ser assassino, corrigia o infrator na mão grande ou alguns panaços de facão no lombo do malandro, muito tempo depois, na época de delegado de “calça-curta”, em reconhecimento pelos serviços prestados à comunidade, ele foi nomeado de papel passado: “inspetor de quarteirão” do bairro itabunense São Caetano.

O tempo passou, ele já não me chamava mais de “patrãozinho”, mas de “doutorzinho”, pois me via com frequência a caminho da escola e minha lida com os livros. Não me sentia à vontade com os seus epítetos de “patrãozinho” e “doutorzinho”, porém, a minha autoestima melhorava quando o encontrava, porque não eram gestos

dum simples bajulador, eram gestos de um amigo que torcia pela minha ascensão social e profissional, pois representava as oportunidades que ele não teve.

Anos mais tarde, quando a função de “inspetor de quarteirão” foi extinta, encontrei Antônio Charqueada em serviço de táxi com um velho Ford Corcel 1. Não demorou muitos anos nessa nova função, as dificuldades da vida, a idade e as doenças da velhice lhe deram cabo.

Certamente, o negro Antônio Charqueada foi um desses heróis anônimos que a história não registra, mas permanecerá para sempre no coração dos seus conterrâneos, exemplos de justiça e amor à raça, raça humana.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 02.02.2013.

11

Bar de Pedro
R. Santana

Nos meados dos anos 60, o “Bar de Pedro” era referência obrigatória no São Caetano, Itabuna, situado na esquina da Rua princesa Isabel com a transversal da Rua São José, à altura do número 1020, hoje, onde funciona uma casa lotérica.

Naquela época não havia outra casa de distração para adulto no São Caetano. O bar tinha duas sinucas, quatro mesas de dominó, uma mesa de baralho, um balcão de sorveteria e um serviço de bebida (murcha-venta, conhaque de alcatrão São João da Barra, caipirinha cerveja Brahma e cerveja Antártica), e um arremedo de lanchonete com todos os tipos de tira-gosto, picolé, sorvete, café-com-leite, pão e biscoito, vitaminas de fruta e sucos para todos os gostos, para os padrões da época, o lugar era chique no último...

Nos finais de semana e quase todas as noites o “Bar de Pedro” ficava apinhado de gente, embora quase todos os jogos fossem apostados, não havia briga, os jogadores se comportavam como profissionais, evidente, que havia os “esquentados”, perdedores insatisfeitos, porém, a maioria era cordata, ganhando ou perdendo.

O “Bar de Pedro” não ostentava placa ou letreiro em sua fachada, o nome surgiu boca-a-boca, como principal ponto de referência do São Caetano: “... eu lhe encontro no

Bar de Pedro”, “no Bar de Pedro o pessoal lhe mostra onde moro”, “...aonde vou? Vou ao Bar de Pedro!”, “... deixe a encomenda no Bar de Pedro!” etc., etc. O dono do bar, Pedro Batista de Santana, que emprestou o nome ao estabelecimento.

A população do bairro era de uns mil e poucos moradores, uma grande família, todo mundo conhecia todo mundo... Se chegasse alguém estranho, todos ficavam de butuca, de olho, e, se o forasteiro urinasse fora do pinico, os filhos do bairro lhe caíam de pau e o pobre diabo teria que se mandar! Porém, se fosse sangue bom, de paz, gente boa, seria aceito na comunidade pouco tempo depois assim que passasse a cisma.

Alguns clientes do “Bar de Pedro” tinham nomes esquisitos: Zé Urubu, Lopeu, Pintado, Antônio Charqueada, Crente, Elias Preto, Machado, Zoinho, Lubião, Lameu, Garrincha, Mané de Aristides, Tonho da Véia, Tibinha, Benzinho, Zarolho, Lagartixa (locutor de alto-falante, cujo estúdio ficava num compartimento do bar e que tinha a petulância de anunciar diuturnamente “A Voz...”: “... para o São Caetano, para o Brasil e para o mundo!”), Tamborete, Dendê... personagens simples, a maioria analfabeta, mas gente direita, gente trabalhadora e de bom coração.

O bairro só contava com uma autoridade: “Dico Soldado”. Dico se achava... Semi- analfabeto, grosso, metido a garanhão, armado até os dentes, eliminava os fora da lei e os seus supostos inimigos mais por prazer do que por necessidade. Naquela época, assentava praça mais por bravura, cultura e inteligência não eram pressupostos necessários na formação profissional de um policial, pois se cultura e inteligência fossem condições **sine qua non**, Dico não passaria nem na frente do quartel.

Não se tinha notícia da polícia civil, o delegado era “calça-curta” no jargão da classe. O primeiro delegado qualificado do São Caetano foi o sargento Mário Silva, escudado pelo soldado Sinval, um sujeito truculento e sanguinário. Mário Silva além de possuir o curso médio, era um autodidata do Direito, o seu “inquérito-policial”, hoje, serviria de modelo para qualquer doutor delegado, todavia, quando bebia, perdia as estribeiras e tornava-se violento e autoritário.

Lopeu era o cliente mais assíduo, um parasita, não trabalhava, vivia a expensas do pai e do jogo de sinuca. Lopeu “abria” e “fechava” o bar, mas era boa praça, índole afável, jamais agrediu alguém mesmo com os dichotes de afeminado que o pessoal lhe tachava. Certa feita, Dico Soldado, perdedor contumaz no jogo de sinuca, irritado jogou-lhe uma bola de bilhar na caixa dos peitos que lhe fez chorar.

Outro episódio lamentável daquela época, que ficou registrado nas mentes dos moradores, coisa de cachaça, foi Dico Soldado atirar num chapa (carregador de caminhão) em frente ao bar, provocando balbúrdia e sentimento de revolta na população do bairro.

O desenvolvimento do “Bar de Pedro” foi registrado por dois fatos curiosos: o primeiro, foi à troca da lâmpada elétrica incandescente pela lâmpada fluorescente com um transformador de energia acoplado numa calha; o segundo, foi a instalação de um balcão de sorveteria de mármore fingido. Hoje, seriam fatos de somenos importância, porém, naquela época, era o anúncio da chegada de progresso e mudança. Além disto, duas lições de humildade marcaram essa passagem que preferimos registrá-las nos parágrafos abaixo.

Luciano, funcionário federal, inteligente, de palavra fácil, gente boa, todavia, exagerado na pabulagem, garganteiro, tinha feito um curso por correspondência de eletricidade no Instituto Universal Brasileiro ou escola afim. Por isto, de vez em quando, após uns dois copos de cerveja ou alguns goles de murcha-venta, arrotava os seus vastos conhecimentos eletroeletrônicos para os seus incautos interlocutores no balcão do bar que não entendiam bulhufas daquela ciência, mas a eloquência de Luciano os deixavam embasbacados.

Naquele dia, o proprietário do “Bar de Pedro” contratou Luciano para trocar as lâmpadas incandescentes por lâmpadas fluorescentes. O procedimento exigia instalar as calhas e o sistema ligasse todas as lâmpadas do salão do bar num único interruptor. Luciano desenhou mapa das correntes elétricas, puxou fio daqui, esticou acolá, sobe escada, desce escada, fez emendas com fita isolante, mas nada das lâmpadas...

Pedro, o dono do bar, já preparava o Aladim pelo adiantado da hora, quando Benzinho, velho mecânico que há tempo testemunhava com humildade a imperícia do fanfarrão eletricista, ofereceu-se ajudá-lo e desatar o nó do problema. Luciano sentiu-se atingido no seu saber, duvidou de Benzinho e apostaram uma caixa de cerveja para que o velho mecânico lhe mostrasse o erro. Não demorou muito tempo para que ele realizasse o prometido: “Benzinho deu luz!”, gritou o menino abelhudo, alegre com a ruína do fanfarrão Luciano.

Quando da instalação do balcão de sorveteria algo parecido ocorreu com o mecânico Deusdedit do DNER – DNIT. Deusdedit um mecânico de mancha, reconhecido pelos colegas o melhor da época em seu mister, além disto, uma pessoa humilde, falava pouco, às avessas de Luciano, a pedido de Pedro do Bar, se dispôs

instalar o balcão de sorveteria, porém, ele tinha pouca prática naquele tipo de motor (era um motor trifásico, enorme para os padrões atuais), mexeu, remexeu, colocou chave de energia, fusíveis e nada do motor funcionar, enquanto isto, um moleque amarelo e inexpressivo o observava calado, e, quando Deusdedit pensou que não iria conseguir, o rapazinho sem bazófia, pediu-lhe que o deixasse tentar... Algum tempo depois o motor funcionou pra nunca mais parar, produzindo gostosos picolés e sorvetes de fruta para alegria da garotada e dos adultos – o rapaz era de uma família de exímios eletricitistas de motores pesados.

O jogo de dominó, o baralho e a sinuca corriam apostas, nada de significativo, mais pra matar o tempo, pois a maioria era de gente simples, trabalhadores rurais, pedreiros, carpinteiros, mecânicos, burareiros, raro, pessoas de condição da cidade e pequenos empresários viciados.

Certa feita apareceu um elemento mal-amanhado, pés descalços, chapéu de palha na cabeça, calça com bainhas uma mais alta que outra, enfim, uma figura esquisita, chamando parceiro para o jogo de sinuca. O mal-ajambrado demorou de encontrar quem quisesse jogar, o pessoal tinha certa resistência com desconhecido, porém, à medida que o tempo passava, essa resistência foi diminuindo e o forasteiro teve parceiro para jogar o tempo todo.

O mal-ajambrado se passou por pixote dois ou três dias, perdeu alguns trocados, suicidava (o próprio jogador encaçapa sua bola branca) o tempo todo no jogo, “espirrava” o taco com frequência, fez pantomima... Todos acreditaram que o forasteiro fosse um otário e aí, ele foi ganhando pouco a pouco, sem mostrar o seu verdadeiro potencial, mas quando as apostas chegaram ao limite, ele deixou os demais jogadores de bolso limpo, pra caçoar dos parceiros, várias vezes, ele fechou o jogo da bola um até a bola sete, numa tacada.

Os velhos moradores do São Caetano se lembram de um jogador compulsivo de carteadado que apareceu no bar e se passando por membro da tradicional família Gusmão de Vitória da Conquista. Indivíduo de fino trato, bem trajado, boa lábia, mas viciado em jogo de baralho. Não sabia jogar, um otário no linguajar dos carteadores, perdia mais do que ganhava. Além do jogo comprou carro fiado, deu cheque sem fundo, deitou e rolou com trapalhadas e terminou sendo preso. A família veio de Minas ou Vitória da Conquista, soltá-lo. Soube-se depois que o jogador inveterado, era realmente, membro da família Gusmão - a ovelha negra.

Faz-se necessário dizer que o “Bar de Pedro” serviu durante algum tempo para realização de festas carnavalescas. O bairro ainda não tinha clube e os foliões, rapazes e moças fogosas, contratavam-no e transformavam o salão no mais requintado ambiente momesco.

Oxalá que este texto chegue às mãos de alguém que um dia queira escrever a História do Bairro São Caetano, e, insira o capítulo “Bar de Pedro” em suas páginas e registre a importância que teve aquela casa na promoção de diversão, lazer, entretenimento, comércio varejista e, referência comercial por mais de duas décadas na região Sul da Bahia, portanto, o “Bar de Pedro” contribuiu para o desenvolvimento e progresso do Bairro São Caetano e desta terra do cacau.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 22 de julho de 2011.

12

Caboclo Ló

R. Santana

Eu o conheci na Praça Olinto Leone. Não lhe perguntei onde morava nem o que fazia, não soube o seu de nome de batismo, apenas, disse-me que o tratasse por “Caboclo Ló”, depois desse dia, nunca mais o vi, acho que não morreu, apresentava boa saúde, acho, também, que esteve em Itabuna de passagem, todavia, em pouco mais de uma hora de bate-papo o desconhecido deixou-me muito impressionado.

Não tinha aura de intelectual, caboclo, baixo e atarracado, não despertava, à primeira vista, empatia, uma pessoa comum como tantas outras pessoas que cruzam o nosso dia a dia, aprendi que “Se a aparência explicasse a essência, o sabor seria desnecessário”, portanto, não tomei susto de sua sabedoria, não julgo ninguém pela aparência, no entanto, para desencargo de consciência, confesso que o desconhecido me surpreendeu em conhecimento e informação.

Cedo, dia de domingo, a Praça Olinto Leone estava vazia de gente, somente os pássaros e os saguins em cima das árvores davam vida ao ambiente, Caboclo Ló estava sentado num banco do jardim defronte a agência do Banco do Brasil, me aproximei e de praxe o cumprimentei:

- Bom dia, senhor!

- Se o dia for bom, no final lhe direi! – fiz que não entendi, olhei pra o céu, tentei puxar conversa:

- Hoje, o dia promete!...

- Ontem, a previsão do tempo no JN deu muito Sol no Sul da Bahia!

- Parece... – ofereci-lhe um cigarro:

-Fuma?

-Não, não fumo!

- Nunca fumou, quando moço?

- Rapazinho, eu tentei impressionar as garotas, era costume na época, os galãs de cinema apareciam nos pôsteres soltando baforadas e com mulheres bonitas... Porém, conheci a minha esposa que é religiosa e me convenceu de deixar o vício e o fumo... – não o deixei terminar:

- O vício e o fumo!? Não é a mesma coisa?

- Não. O vício é dependência e a dependência é mais nociva do que a droga. O vício é um ato de vontade e se o sujeito exerce controle sobre sua vontade: o fumo, o álcool, a cocaína, a maconha, o crack e outros venenos não lhes farão mal, serão comparáveis a um animal felino não domesticado, que não causa dano vê-lo de longe e jamais lhe abraçar!

- De que maneira, se o consumo de droga é generalizado? Nem a polícia dá cabo!

- Professor, o homem é suas circunstâncias, circunstâncias boas e ruins influenciam o destino do homem. O mal é mais acessível, é necessário um espírito forte para não se contaminar com o nocivo. O aparelho repressor do estado sozinho não resolve o narcotráfico e o vício, mas, a educação, a religião e as políticas públicas de bem estar social podem mudar esse quadro de vicissitudes...

- Caboclo Ló – já com intimidade – as escolas, os governos e as igrejas já fazem isso!

- Não o suficiente!

- E fazer mais o quê?

- Trabalhar mais com a família!

- Como?

- Professor, a educação doméstica é tudo... Os pais têm que ser presença, exemplo, ultimamente, o pai ou a mãe deixa aos outros a educação dos seus filhos desde a creche!

- Ninguém sobrevive sem trabalho!

- Eu sei, mas tem que haver meio termo, não se pode colocar o trabalho acima da educação dos filhos. Alguns pais pensam mais no seu bem estar profissional e social, valorizam mais os bens materiais do que a educação, ao invés de homens de bem, homens de bens, para os pais pobres, que se ampliem os programas sociais... – interrompi:

- Desculpe-me Caboclo Ló, bem ou mal, essas ações têm sido colocadas em prática pelo governo e pela sociedade!

- Não em regime de guerra! Estamos numa guerra, a maldade humana não tem mais limite, os pais estão enterrando os filhos, as leis são fracas... Além da educação e da conscientização na mídia dos malefícios da droga, urge a necessidade de trancafiar os narcotraficantes por tempo integral, sem redução de pena, sem benefícios, tomar-lhe todos os bens, reduzir a maioria penal e considerar os viciados doentes e sujeitos a internação hospitalar. Não se resolveria num passe de mágica, mas depois de algum tempo, o quadro seria outro! – tergiversei:

- Faz sentido... – puxei outro assunto:

- O senhor soube do acidente de carro que uma criança foi vítima?

- Acidente? Não!

- O pai foi colocar o carro de ré na garagem e imprensou a criança de três anos na parede, socorreram-na, mas foi inútil, coisas do destino!

- Destino, professor!?

- O senhor não acredita no destino, na fatalidade!?

- Desculpe-me professor, mas não acredito em sorte, azar, determinismo. Sei que alguns fatos fogem às leis da razão, o livre-arbítrio também não explica, aí, atribuímos à fatalidade!

- Então, foi o quê?

- Olhe, tenho pensado nessas leis da existência humana e Deus, alguns “porquês” são irrespondíveis ou as respostas são meias verdades, se o senhor tivesse tempo, iria colocar o meu pensamento, aliás, o pensamento não é meu, li um texto, não me lembro do autor, lembro-me do título: “O homem nasce para ser feliz?...”, porém, comungo... – não o deixei terminar, era tudo que queria, pois tinha minhas dúvidas:

- Por favor, fique à vontade, é necessário que se dê tempo ao tempo...
- Não existe determinismo, destino, predestinação ou coisa que valha e o livre-arbítrio não explica tudo, mas existe um mundo de possibilidades determinantes do comportamento humano, das coisas do mundo e da existência de Deus!
- Possibilidades determinantes? Não entendi!...
- Sim, possibilidades que estamos sujeitos... Fatos que, às vezes, fogem ao entendimento lógico, de natureza absurda, contingenciais, ou, possibilidade que existe por si, essencial, necessária, “conceito puro e fundamental à unidade do juízo”, e as possibilidades reais!
- O senhor está filosofando demais, não estou afeito a esse tipo de raciocínio, seja claro!
- Professor, o senhor me disse que ensinou Matemática por vários anos, o exercício lógico, os axiomas e as proposições abstratas foram o seu ofício, agora, me diz que não entende os princípios que lhe expliquei?
- Nunca gostei de raciocínios puros. O exemplo materializa o abstrato, por isto, peço-lhe que me dê exemplo desses princípios!
- A dedução é perigosa, particularizar os raciocínios dedutivos, corre o risco de sofismar, mas segundo o autor desse texto: “O homem nasce para ser feliz?...”, existe um “Mundo de Possibilidades”, desde o universo até o nascimento de uma flor!
- Então, essas “possibilidades” decidem o nosso destino?
- Sim e não!
- Sim, quando são reais, aí, aparece o livre-arbítrio; não, quando são contingenciais; aí, aparece o “destino”, a “predestinação”, o “determinismo” ou coisa que valha!
- Caboclo Ló, o senhor parece professor!
- Eu!? – deu uma gargalhada – Não, não sou professor, fiz o “curso primário”, mas o mundo foi o meu mestre, todavia, adquiri desde cedo o hábito de leitura e de escrita, isto me ajudou compreender o mundo. Mas, posso saber por que pareço um professor?
- O senhor é muito didático, cheio de detalhes...
- É necessária uma fundamentação lógica! – continuou:
- Vamos lá: “Possibilidade necessária” é Deus, Verdade Absoluta, indiscutível, que existe por Si, mesmo quando o ateu nega Deus, ele se contradiz, portanto, Deus é “Possibilidade necessária”. Se Deus existe, o Universo foi criado sob uma lógica

universal, “Ele não joga dado”, há Leis que regem a natureza, porém, nada é imutável, exceto Deus, daí, surgem possibilidades... – completou:

- A “Possibilidade real”, o nome por si justifica, é o que existe de real, um conjunto de circunstâncias reais, por exemplo, se alguém tem um pai que é músico ou gosta de música, existe a possibilidade real dele se tornar um músico e não um engenheiro... – eu o interrompi:

- Mas, se ele não quiser ser músico?

- Aí, entra o livre-arbítrio, porém, não se pode negar essa possibilidade! – continuou:

- Porém, é diferente de um acidente, de um naufrágio, de um vendaval, de um raio que cai na cabeça de alguém, etc., etc., são “Possibilidades contingenciais”. Veja o caso lamentável da criança que morreu imprensada: - o pai tinha carro, correu atrás do carro sem o pai vê-lo, houve o descuido do pai, a mãe foi negligente, ou seja, a criança não nasceu determinada morrer atropelada pelo pai, mas possibilidades e circunstâncias concorreram para o “fatalismo”.

Não mais repliquei, despedi-me de Caboclo Ló e fui embora.

Autor: Rilvan Batista de Santana - Academia de Letras (ALITA)

13

Carta para Amanda

R. Santana

Querida amiga:

Recebi sua cartinha carinhosa e cheia de elogios que a humildade e a prudência me impedem de divulgá-la na íntegra, porém, sem os afáveis e não merecidos adjetivos, não vejo motivo de não lhe responder, pelo menos, parte de sua cartinha. Não cuide que não lhe goste, que não lhe tenha um afeto maior que a minha querida cidade de Itabuna, que não lhe queira bem, é que o seu amor por mim, impede-lhe de enxergar os meus obstinados defeitos, aí, os seus elogios me deixam sem jeito.

Se eu estou bem de saúde? Claro que estou bem, prova disto, estou lhe respondendo quase tudo que me perguntou, mas lhe sou sincero ao afirmar que o homem deveria viver no máximo 35 anos e se gozasse de saúde. É pouco tempo? Não,

minha amiga, veja os homens que marcaram a História e viveram menos do que 35 anos de vida: Alexandre, o Grande, Jesus Cristo, Castro Alves, Álvares de Azevedo, Mozart, Noel Rosa... Trinta cinco anos, o homem está no ápice de sua atividade física e mental.

Vejo como hipocrisia alguém falar da velhice como a “melhor idade” se a velhice é a idade da dor aqui e acolá, a idade mal de Alzheimer, da diabetes, da hipertensão, do mal de Parkinson e doutras patologias geriátricas, além do velho ser por toda vida refém de remédios. Vida boa, minha amiga, é aquela que se vive em abundância!...

Querida Amanda, certa feita um médico me disse que o remédio é uma necessidade, é importante morrer com dignidade... Para mim, digna é a morte de um jovem pilotando um Fórmula 1 (razão de sua vida), do que um velho que morre entubado de remédios numa UTI para não sentir dor. O remédio para o idoso, minha amiga, é como se alguém consertasse um carro velho, conserta-se o câmbio, degradingola a embreagem, solda-se o radiador, o sistema de temperatura não resiste.

Porém, minha amiga, quando tu me perguntas (olhe como estou esnobe, o verbo na 2ª. pessoa...), se ainda sou católico, tomo como uma provocação: “Quo vadis domine?”, não poderei responder como Jesus Cristo, que respondeu ao apóstolo que fugia para não ser queimado por Nero, imperador romano: “Já que abandonaste o meu povo, vou a Roma para ser crucificado, outra vez”, sou católico.

O bom cristão nunca fica pulando de galho em galho. Hoje, que as garagens deixaram de guardar os carros para servirem de sala para um novo pastor, bem faz quem é fiel à igreja fundada por Jesus Cristo. Conheço-te, sei que vais me recriminar, tu vais alegar que é melhor abrir uma “igreja” todo dia, do que uma cadeia, porém, não sei qual é o mal maior: aquele que explora a fé dos incautos, ou, aquele que se deixa arrastar na vereda do pecado? Tu és inteligente, tens a retórica e a lógica no sangue, tu deves discernir com precisão o que é melhor para o homem.

Querida Amanda, a igreja de Roma, ao longo desses XX Séculos, cometeu vários acertos e muitos equívocos, mas não é à toa que é a única igreja que está em pé depois de 2000 anos. O cisma provocado por Lutero e Calvino, não lhe foi tão prejudicial quanto essa enxurrada, hoje, de denominações religiosas, onde picaretas, charlatães, falsos apóstolos e falsos pastores oferecem curas milagrosas, aproveitando-se do desespero de pessoas simples e ingênuas e amealhando riquezas espúrias.

Acho que a igreja católica está em crise de vocação. Os nossos sacerdotes, com algumas exceções, não possuem preparo intelectual nem vocação religiosa para

exercerem bem os seus ministérios, são pálidas figuras que não têm autoridade nem liderança para arrebanhar mais ovelhas, deveriam possuir, pelo menos, a ousadia protestante para aliciar novos seguidores. Suas homilias não cativam nem atraem...

Os ritos católicos pecam pelo tempo, embasados em releituras bíblicas desde São Paulo e São Pedro, se não fossem alguns sacramentos como a eucaristia, o batismo, a unção dos enfermos e o matrimônio, afora, a música e a mídia, a debandada dos fiéis para essas igrejas de porta de garagem, dos falsos curadores, seria maior.

Minha amiga, tu és a rainha da tentação, quisestes saber, também, se eu gosto do novo padre, tu sabes que não tenho papas na língua, que peço pela franqueza, ademais, a igreja não tem mais tribunais de inquisição, temos um estado democrático de direito, nem a ABIN tem subsídios para molestar o cidadão direito. Ademais, os bispos atuais, têm outra mentalidade e não poderiam ser diferentes, os meios rápidos e modernos de comunicação, escancaram para o mundo os deslizos, as truculências e o autoritarismo das autoridades em tempo recorde, por isto, responder-te-ei a seguir, as entrelinhas da tua capciosa curiosidade.

Não gosto nem desgosto do nosso padre, para mim, ele não fede nem cheira, ele não me diminui nem me acrescenta, é uma pessoa inteligente, mas desprovido de carisma, sem grande vôo, acho que não irá passar de pároco, seu discurso evangélico é igual resma de papel pardo, grande e amarelo! Esta semana, ele estava uma arara, se enrolou numa fábula, quis mandar um recado para alguém que o critica, disse que ignora os seus desafetos - não aprendeu a lição de Jesus Cristo, que mandou perdoar setenta vezes sete, ainda mais, na Semana Santa...

Espero nunca ser um infausto para ti, pois a nossa benquerença não é virtual, a nossa amizade não foi construída em falsa dialética, tu nunca serás decepcionada por mim, soubestes sempre aceitar as minhas qualidades e tolerar os meus defeitos.

Do teu amigo, que te preza e estima,

Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 03. 04.2012

Confesso-lhe que fico lisonjeado com os seus elogios. Quem não gosta de ser paparicado? Todos nós, pobres mortais, portanto, eles não me constroem tanto como nas cartas anteriores, mas ainda me incomodam quando tu me chamas de intelectual. Não sou intelectual, eu não tenho o estofo dos grandes pensadores, sou econômico de conhecimento e não fiz nada ainda para o bem da humanidade. Todavia, recuso-me ser um pseudointelectual, lestes a “Carta para Elma”, onde coloco de maneira explícita o que penso deles. Eu sou o quê? Eu sou um simples autodidata e um leitor contumaz, um escrevinhador, um Jeca na escrita de Monteiro Lobato, um Quasimodo na escrita de Vítor Hugo, nada mais que isto.

Querida amiga, eu sou apaixonado pela escrita: “a palavra voa, **a escrita fica** e o exemplo permanece”, é através da escrita que registramos todas as ações e pensamentos do homem. Porém, escrever não é um ato simples, é dolorido, difícil, espremido, é parido, é necessário que o escritor tenha vocação e determinação para garimpar as palavras certas na construção de uma escrita, de um texto.

No início, surge uma ideia, depois outras ideias, que como anéis de uma mesma corrente, formam períodos, orações, hipóteses, definições, conceitos, teorias e encerram num pensamento. Conhecer a gramática é fundamental do ponto de vista técnico, linguístico, etimológico, mas sem a sensibilidade do artista, o canto do poeta, o texto é árido, sem gosto e sem sal, é ciência, a mesma diferença entre o limão e a limonada, a mesma diferença entre o poeta tradicional, de rima e métrica, e, o poeta atual de verso livre, sem rima nem métrica.

Querida Amanda, talvez, me faltou talento para lhe explicar com mais detalhe entre a literatura genial e a escrita erudita, por isto, valho-me de alguns exemplos conhecido por mim e por ti e conhecido por mais alguns: Platão e Aristóteles, Leonardo da Vinci e Dante Alighieri, Francis Bacon e Descartes, Paulo Coelho e Monteiro Lobato, Manuel Bandeira e Euclides de Cunha, Rui Barbosa e Castro Alves, Fernando Pessoa e Camões, etc., etc. Todos são geniais, mas uns são gênios da palavra, outros, são gênios do conhecimento e da erudição.

Aqui, Amanda, na terra do cacau, os nossos escritores e poetas tupiniquins herdaram os mesmos senões, alguns, são eruditos poetas e escritores, outros, são gênios do verso e da prosa: Jorge Amado, Adonias Filho, Cyro de Mattos, Telmo Padilha, Firmino Rocha, Lucrecia Rocha, Minelvino, Plínio de Almeida, Euclides Neto, Hélio Pólvora etc. e etc., são gênios da palavra, outros, que não são gênios, em respeito não

foram citados, são os eruditos da palavra, que no conjunto, também, são importantes na história das artes e da cultura do Sul da Bahia.

Amanda, o mês passado fui vítima da maledicência, do deboche, de conversas desairosas, de achincalhe de duas poetisas de estimado valor literário da nossa terra, sobre as minhas falhas intelectuais, a minha falta de talento literário e a minha saúde mental.

Não me fiz de rogado com as críticas literárias, não sou poeta, não sou escritor, mas incomodou ridicularizar-me sobre a minha saúde, pois além de uma conversa falsa, leviana e irresponsável, nenhum ser humano é doente por desejo, a doença é adquirida involuntariamente, então, é congênita, portanto, é desumano qualquer achincalhe, qualquer deboche.

Sem nenhuma presunção, sem nenhum paralelo, quero lhe pedir vênua, para transcrever um trecho de uma crônica de Rubem Alves, intitulada “Saúde Mental”: “Fui convidado a fazer uma preleção sobre saúde mental. Os que me convidaram que, eu na qualidade de psicanalista, deveria ser um especialista no assunto. E eu também pensei. Tanto que aceitei.” – Ele completa: “Comecei o meu pensamento fazendo uma lista de pessoas que, do meu ponto de vista tiveram uma saúde mental rica e excitante, pessoas cujos livros e obras são alimento para minha alma: Nietzsche, Fernando Pessoa, Van Gogh, Wittgenstein, Cecília Meireles, Maiakovski. E logo me assustei, Nietzsche ficou louco, Fernando pessoa era dado à bebida, Van Gogh matou-se, Wittgenstein alegrou-se ao saber que ia morrer em breve; não suportava mais viver com tanta angústia, Cecília Meireles sofria de uma suave depressão crônica e Maiakovski suicidou-se”.

Eis aí minha amiga Amanda, a complexidade entre a lucidez e a loucura, a linha que separa a lucidez e a loucura é a mesma que separa o ódio e o amor, uma linha tênue...

Conheço-te, tu és malvada, provocativa, mesmo sendo uma alma boa e uma pessoa proba, não abre mão do seu feeling questionador, abelhudo, curioso, vasculha a alma humana como ninguém, novamente, me questiona sobre o nosso padre, se ainda penso a mesma coisa de suas práticas religiosas, dos seus discursos prolixos e sem encadeamento, das suas análises exegéticas decoradas...

Quero abrir um parêntesis, antes de lhe responder, que se eu fosse espírita, acreditaria que na outra encarnação fui um padre. Um dos meus livros: “O enviado”, que se encontra no Portal Domínio Público do MEC, se desenrola com a história de um padre impostor, agora, estou escrevendo outro, “A face obscura do homem”, que está no

XVI Capítulo que a personagem principal é um padre, Acho que estou purgando os meus pecados, colocando-os em minhas histórias.

Vamos lá, minha amiga, irei satisfazer sua curiosidade, sua boa bisbilhotice: não existe nada de pessoal entre mim e o padre, é uma pessoa culta, inteligente, mas as nossas ideias são conflitantes, as nossas ideias não poderiam ser diferentes, eu sou leigo, não tenho o mesmo embasamento teórico religioso, a minha fé é mais razão e intuição do que coração, ele, ao contrário, sua fé é plena por vocação e formação teológica, além de ser um estudioso da exegese.

Porém, é necessário dizer-lhe que nesta semana, ele fez uma homilia estudada e menos prolixa. Não sei se ele me deu a honra de ler o meu ensaio, publicado em 08.06.2010, no blog: <http://saber-literario.blogspot.com> e no Portal do MEC: www.dominiopublico.gov.br, com o título: **“O homem nasce para ser feliz?...”**, onde chamo atenção duma passagem do Evangelho que Jesus Cristo come e bebe com os apóstolos depois de ressuscitado, contrariando as leis da Física e do bom senso.

Amanda, eu não sei se entendeu ou já tinha prestado atenção sobre o fato, irei fazer um comentário complementar, aproveitando o gancho do nosso ilustre sacerdote que discursou sobre a dúvida de André (João 20: 1-30). A dúvida de André é de natureza humana - vejo e creio. Todavia, questiona-se Jesus Cristo ter ressuscitado para André e para outros discípulos em carne e osso (matéria corruptível), depois de penetrar e sair em perispírito (energia pura), num recinto fechado.

O sacerdote justificou que na dimensão divina tudo é providencial... Ora, nós sabemos disto, mas se Jesus Cristo não quis quebrar a lei do homem e morreu na cruz como um cordeirinho, jamais Ele iria violentar as leis da matéria por capricho e exibicionismo, criada por seu Pai, o seu Deus, o nosso Deus!...

Hoje, minha amiga, nós sabemos depois da Relatividade de Einstein, que essa conversão é possível, mas, querida Amanda, veja que equação complicada: $E = m \cdot c^2$, traduzindo: energia é igual à massa vezes a velocidade quadrada da luz (300.000.000 milhões/metros/segundo), a equação contrária seria: $M = e : c^2$.

Tu não entendestes bulhufas!? Então, minha querida amiga, risque tudo e sigamos o conselho do professor Remy de Souza: “... mulher, política e religião, não se escolhem, se abraça...”, se o pensamento do professor Remy de Souza não lhe convence, siga o que diz a Bíblia: “Sem a fé é impossível agradar a Deus, pois quem Dele se aproxima crer que Ele existe e que recompensa os que O buscam” (Hebreus 11,2).

Ufa!!! Estou cansado, minha amiga, os ponteiros do relógio acima da minha escrivadinha, marcam 4:35 horas, os galos já estão se movimentando no quintal para anunciarem o novo dia, enquanto as galinhas cacarejam ao seu redor. Eu vou aproveitar o lindo dia para fazer caminhada, pois estou na “pior idade”, a “idade de junta”, junta dor aqui e dor acolá...

Falei tanto da prolixidade do sacerdote e reconheço que sou um prolixo incorrigível da escrita.

Do teu amigo, que te preza e estima,

Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 16.04.2012

15

Carta para Eglê

Querida Amiga Eglê:

Obrigado por ter lido o meu ensaio: “O homem nasce para ser feliz?...” É a primeira intelectual que tece alguns comentários sobre esse ensaio. Sua avaliação me encheu de orgulho, pois, considero-lhe uma poetisa de grandes recursos literários e intelectuais.

Porém, quero a priori, lhe dizer que não tenho nada contra a Igreja Católica, considero uma instituição de importância única na história da humanidade, todavia, não se pode negar historicamente, os seus percalços, não basta pedir “perdão”, ou reconhecer “mea culpa”, faz-se necessário mudança de atitude exegetica, filosófica, política, administrativa – a igreja é a maior detentora de imóveis do planeta -, uma igreja menos dogmática, menos conservadora, mais evoluída, mais atual, uma igreja que corresponda às necessidades espirituais e temporais do homem do Século XXI.

Não li o livro: “Em nome de Deus” de David Yallop, mas li sua entrevista em que ele coloca em cheque a morte por infarto do miocárdio de Albino Luciani, o “papa sorriso” João Paulo I e desenvolve a tese de morte por envenenamento, após o papa

João Paulo I descobrir integrantes da máfia e escândalos de corrupção financeira no seio de sua igreja escudado pelo Banco Ambrosiano, mais tarde, Ambrosiano Veneto.

Não se pode negar, agora, que a igreja católica dos Estados Unidos, irá pagar por perversões sexuais de padres e bispos, milhões de dólares em indenizações de pedofilia. É sabido, também, que o papa João Paulo II foi leniente, menos contundente e mais diplomático nesse processo de apuração, hoje, essas vítimas tiveram com o papa Bento XVI a força da reparação moral e material.

Como cristão não posso negar a Ressurreição de Jesus Cristo, seria um contrassenso, mas como livre pensador, questiono alguns pontos da Bíblia, inclusive, a Ressurreição de matéria corruptível: “E, não o crendo eles ainda por causa da alegria, e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer? Então, eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado, e um favo de mel; o que ele tomou, e comeu diante deles”. (Lucas: 24: 41-43). Ora, o espírito não é matéria corruptível, não come nem bebe...

Minha amiga Eglê, nós concordamos quando achamos que Deus não irá resolver os meus e os seus problemas, as nossas desditas ou um Deus que pune, vingativo, um Deus personalizado, mas discordamos quanto à natureza de Deus, por isto, eu sugeri a teoria: “O mundo das possibilidades”, em três estágios de possibilidade: a) Necessárias, b) Contingenciais e c) Reais. **Não são possibilidades de oportunidades pessoais**, mas possibilidades lógicas, metafísicas e existenciais. Por isto, Eglê, sugiro-lhe um estudo isento, mais aprofundado, mesmo que o texto seja longo, afinal, não se deve desprezar as premissas e considerar somente a conclusão.

A nossa igreja nunca bateu palmas para Darwin, Galileu, Copérnico e outros gênios da humanidade que contrariaram os seus princípios, é sabido por todos, se patrocinou recente um estudo sobre a Evolução, acredito que foi por descargo de consciência ou outros interesses, mas esses textos jamais serão inseridos na sua exegese porque contrariam o princípio da criação de Adão e Eva.

Não tenho formação teológica, não coloco em dúvida a minha fé, sou partidário do dito que diz: “Religião, política e mulher não se discute se abraça”, porém, não tenho fé ingênua nem romântica, por isto, eu sugeri o ensaio: “O homem nasce para ser feliz?...”, onde discuto a felicidade do homem, seus problemas existenciais, a religião, o valor da simbologia, Jesus Cristo e Deus.

Fiquei feliz querida amiga, quando li: “... essa é a frase final do texto e reflete o meu pensamento sobre o assunto símbolo”, pelo menos concordou comigo quando

digo no final do Capítulo II: “Faz-se necessário dizer que essa simbologia contribui para materializar o que é transcendente”, porém, Eglê, tu não me surpreendeste como boa católica, que vai à missa todos os dias e participa da eucaristia, o uso da imagem é uma segunda natureza!...

Eu partilho do princípio do livre arbítrio, não acredito em destino nem determinismo, quando nascemos, somos “uma tabula rasa”, à medida que crescemos e amadurecemos, somos as nossas circunstâncias.

Enfim, demonstrei no ensaio “O homem nasce para ser feliz?...” – Leia-o em link nos meus textos, na coluna à direita deste blog - , argumentos e fatos que o homem, por natureza limitada, ele não nasce para ser feliz, mas para usufruir momentos de felicidade, com sua devida vênua, permita-me discordar do desfecho de sua avaliação do texto quando a poetisa diz: “E volto a afirmar: O HOMEM NASCE PARA SER FELIZ, SIM! Você pode até não perceber, mas você, Rilvan, um homem feliz. Muito feliz!”, porém, digo-lhe: ele e ela não são felizes, mas têm momentos de felicidade!...

Do seu amigo com admiração e respeito,

Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 24.05.2011.

16

Carta para Eglê (Tréplica)

Querida amiga Eglê,

Recebi, hoje, sua amável carta e quero, a priori, lhe agradecer por ter tido a gentileza de responder a minha carta publicada, ontem, no “Saber - Literário”, embora tenha “pegado pesado” comigo quando diz: “Acho meu caro amigo que terás de escolher entre ser cristão e ser livre pensador, pois se questionas a Ressurreição...”

Não tenho autoridade teológica para negar a Ressurreição, porém, coloco sob suspeição alguns aspectos da narração bíblica e atribuo às sucessivas traduções da Bíblia até os nossos dias e por ser um assunto que suscita interpretação diversa, prometo-lhe no decorrer desta missiva voltar ao assunto.

Desculpe a minha prolixidade, quando escrevo, um rio caudaloso brota dentro de mim, que a custo, procuro manter o rumo do barco das ideias, como se fosse uma casa

fácil de construir, o acabamento é que demanda tempo. Não demoro na construção do texto, mas na hora dos retoques... tiro uma vírgula daqui acrescento outra acolá, mexo nos pontos de exclamação e interrogação, substituo palavras, vejo e revejo as concordâncias, aí o bicho pega!...

Peço-lhe que não transformemos as nossas controvérsias em réplicas e trélicas à moda de Rui Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro, eu não tenho estofo intelectual para sustentar por muito tempo uma discussão exegética e teológica, os meus poucos conhecimentos denunciariam a minha ignorância, principalmente, no enfrentamento de uma intelectual e religiosa do seu porte.

Sua carta lembrou-me um frei amigo que após ler “O homem nasce para ser feliz?...”, perguntou-me reiteradamente o que entendia por Eucaristia, Moral e outras coisas... Não lhe respondi. Ele tem jeito de mestre-escola e usa muito a maiêutica socrática, não sei se deliberadamente ou como mecanismo de defesa para não cair em contradição.

Não sei se é do conhecimento da egrégia poetisa que Sócrates envenenava o espírito das pessoas com perguntas capciosas de tal forma que deixava o seu interlocutor aparvalhado. Não sei se é no livro de Mênon ou de Górgias, que Sócrates pede ao sofista que definisse a virtude e o pobre diabo que já tinha feito mais de mil discursos no Areópago sobre a virtude, rende-se à ignorância de não saber o que é virtude.

Noutro trecho de sua carta, pergunta-me: “Amigo, já ouviste... falar do milagre Lanciano...”, confesso-lhe que “en passant”, porém, um mês atrás, a Dra. Sione Porto, gentilmente, enviou-me um slide Lanciano, aí, pude me aprofundar na história. Aprofundei-me também, faz algum tempo, no Santo Sudário e nas chagas do Padre Pio, que são mistérios de fé, acho essas discussões estéreis...

No ensaio que elaborei: “O homem nasce para ser feliz?...”, recorro ao valor da simbologia para materializar a fé e o valor da oração como único meio de conversar com Deus... A História das Religiões prova o que afirmei nesse ensaio: Jesus Cristo, recolhia-se para orar, assim como Maomé, Moisés, Buda, Lao Tsé, Confúcio, mais recente, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Madre Tereza de Calcutá e a nossa Venerável Irmã Dulce. Porém, a Eucaristia é o símbolo maior da religião católica, a presença de Jesus Cristo no pão e no vinho durante a Consagração: "E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por

vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da Nova Aliança [ou Novo Pacto] no meu sangue derramado em favor de vós." (Lucas 22:19-20, e também Mateus 26;26-29, Marcos 14:22-25, I Coríntios 11:23-26), agora, a fé dá o desfecho da transubstanciação que é transformação da matéria no Corpo e no Sangue de Jesus Cristo e acho que estamos afinados neste mister por dogma.

Todavia, ao que parece, não estamos afinados em relação à Ressurreição, por um lado Eglê, tu sustentas uma fé sem discussão quando dizes: “Rilvan, amigo, TUDO ISTO É MISTÉRIO DE FÉ”.

Não sou um “pensador” como não sou um escritor, sou um livre ser pensante e um escrevinhador, Deus deu a mim e aos demais seres humanos essas potencialidades, necessário se faz, transformar em atos essas potencialidades, por isto, levantei no ensaio “O homem nasce para ser feliz!...”, o dogma da Ressurreição, não Ressurreição em si, mas a transformação de espírito em matéria corruptível, em corpo físico: “Tocai-Me e olhai que um espírito não tem carne nem ossos”. Porém, Santo Inácio acrescenta: “Eles tocaram n’Ele e acreditaram. Esta comunhão estreita com a Sua carne e o Seu espírito ajudou-os a enfrentar a morte e a ser mais fortes do que ela. Após a ressurreição, Jesus comeu e bebeu com eles, como um ser de carne, quando Se tinha tornado um só espírito com o Pai. Recordo-vos estas verdades, bem-amados, sabendo que esta é também a vossa profissão de fê.” (*Santo Inácio de Antioquia (?-c. 110), bispo e mártir Carta à Igreja de Esmirna- Evangelho Cotidiano*). Ora, minha amiga, mesmo um ato da Providência, é discutível, é um assunto que dá pano pra manga...

Por que sou cristão? A resposta é a mesma dada por São Pedro: “Senhor, para quem iremos nós? Tu tens palavras de vida eterna”. Além disto, minha amiga Eglê, tu não podes afirmar que sou ateu. Apenas, sem presunção e sem beatitude, eu creio num ser Superior que o homem chama de Alá, Jeová ou Deus, e, na linha São Tomé, sou um cristão. Sou apaixonado por Jesus Cristo e sua palavra, porque ao contrário de Moisés e Maomé, ele só pregou o amor e a paz, foi o único homem na História que se entregou na morte de cruz para justificar sua doutrina.

Ainda rapaz, li “Quo vadis”, livro escrito pelo polonês Henrik Sienkiewicz, que me impressionou o massacre sofrido pelos cristãos primitivos na época de Nero e a

força da resistência e da fé daquele povo. Embora, saibamos que o livro é literatura, o livro deve ter sido escrito pelo polonês após uma exaustiva pesquisa histórica do Império dos Césares face à convicção da leitura.

No epílogo, inesperadamente, aparece Jesus Cristo, e, São Pedro pergunta-lhe: “Quo vadis, Domini? (Aonde vais, Senhor?), Jesus Cristo responde-lhe: “Já que abandonas o meu povo, vou à Roma para ser crucificado outra vez”. São Pedro volta ao seu pastoreio e diz a lenda que morreu crucificado depois de cumprir o seu ministério, em morte de cruz de cabeça para baixo para não ser igual ao seu Mestre.

Na tua amável carta, tu dizes: “... pois se questionas a Ressurreição de Jesus em corpo e alma significa que questionas também a encarnação do Cristo no seio de uma Virgem por obra e graça do Espírito Santo”. Cara amiga, eu não sei de onde surgiu esta ideia, se eu negasse esta possibilidade, atestaria o meu desconhecimento do fenômeno partenogênese, que é a reprodução sem fecundação, isto é, o ser tem mãe, mas não tem pai, é o caso do zangão.

Quando estudei o “científico”, no Colégio Estadual de Itabuna - CEI, em mil novecentos antigamente, o meu professor indicou um livro de Biologia, não me lembro do autor, que trazia a história de partenogênese duma jovem inglesa que pariu sem conjugação carnal. Então, negar a encarnação de Jesus Cristo por uma virgem, seria desconhecer esse fenômeno.

Além do poder da Providência, Nossa Senhora se proclama: “Porque olhou para sua pobre serva. Por isto, desde agora, me proclamarão bem-aventurada todas as gerações.” (Lucas 1,48). Se tu leres a carta de Públios Lentúlios ao imperador César, tu irás encontrar, naquela época, referências sobre a santidade da jovem Maria, filha de Joaquim e Ana da linhagem de Davi. Portanto, amiga Eglê, a encarnação de Jesus Cristo por uma jovem judia virgem, é um fato e não um conto romântico.

Também, não tenho subsídios nem autoridade para negar a transfiguração de Jesus Cristo no monte Tabor, que embora seja um fenômeno raro, hoje, a ciência registra essa transformação da matéria. Os espíritas falam de perísprito que é mais ou menos algo que envolve o espírito, ou seja, estado de transfiguração.

Como vedes prezada amiga Eglê, eu não fui leviano na elaboração do ensaio: “O homem nasce para ser feliz?...”, acho que não faltou pesquisa e erudição. Eu pesquisei alguns aspectos existenciais do homem, porém, faltou em mim uma inteligência mais aguçada para desenvolver e clarear o que eu escrevi. Não culpo os leitores por não compreendê-lo, culpo a mim por tê-lo divulgado antes de esgotar todos esses questionamentos.

Enfim, te agradeço mais uma vez a possibilidade que estou tendo de explicar aos meus amigos leitores o meu pensamento.

Cordialmente,

Itabuna, 26 de maio de 2011

Rilvan Batista de Santana

17

Carta para Elma

R. Santana

Querida Elma:

Ontem, quase que não preguei os olhos, pois li por acaso o seu desabafo... Não me surpreendeu o estilo correto, a forma inteligente do seu desabafo, não me surpreendeu a gramática impecável, nem me surpreendeu o recurso textual subjacente usado pelos bons escritores para que sua mensagem seja lida e entendida por poucos, mas me surpreendeu a agressividade de suas palavras, surpreendeu-me o veneno que escorre no seu texto desde a primeira palavra até a última, ora, com ironia explícita, ora, através de pensamentos de gênios universais.

Não sou egoísta, não sou mesquinho, não sou afetado, não sou intelectual, nem sou escritor. Eu sou uma pessoa simples, humilde, uma pessoa desprovida de brilho, sem carisma e sem genialidade. Eu sou, apenas, uma pessoa comum como tantas outras que perambulam, diuturnamente, neste mundo de meu Deus, mas sem falha de caráter.

Minha amiga Elma, eu não sou ingrato, gosto de preservar as minhas amizades, às vezes, sou apunhalado pelas costas, face cultivar como norte da minha vida a franqueza e a verdade quando se fazem necessárias, não uso como moeda de conduta a

falsidade, tenho “o pavio curto” como diz a sabedoria popular, no entanto, sou fiel e amigo como um cão.

Reconheço as minhas falhas intelectuais porque além da falta de talento (Deus não me deu talento em abundância), estudei em escola pública todo o tempo, a minha amiga poderá vir com o contra-argumento que a maioria dos brasileiros teve o mesmo destino, porém, a maioria que se sobressaiu em várias atividades profissionais, teve família, pobre, mas estável, teve estabilidade afetiva, emocional, enquanto, eu não perdi, até hoje, o complexo de inferioridade, a falta de autoestima, achar que ele e ela sabem e eu não, tudo por conta dessa falha estrutural da personalidade.

Querida Elma, quero lhe contar no próximo parágrafo, não para lhe inspirar piedade, pena, tampouco, lhe deixar com complexo de culpa pelas palavras ácidas e ferinas que a amiga verteu em seu desabafo sobre mim, talvez, eu queira lhe dizer quanto de generosidade lhe falta na vida. Não somos íntimos, o nosso conhecimento é virtual, porém, ao longo do tempo, pude perceber que a ilustre intelectual tem uma personalidade forte, crítica, moralista, egocêntrica, perfeccionista, não dispensa a falha do outro, mesmo com toda carga religiosa e cultural que carrega. Mais ainda: a generosidade, o perdão, a compaixão, a piedade e o amor cristão pelo ser menos perfeito, possuem valores relativos no seu modo de ver.

Fui parido de uma mulher sem marido, no interior de Sergipe, numa família extremamente pobre, trazido para aqui, desnutrido e doente, com um ano de idade, para ser adotado a contragosto do seu marido, por minha tia materna, mulher de um oleiro. E, o pior estaria por vir, quando eu tinha 5 ou 6 anos de idade, eles se largaram e tive daí em diante, viver de favor na casa de um ou de outro parente do lado materno, pois não conheci meu pai nem seus parentes nem aderentes.

Tive infância (não nasci velho), mas não gozei a infância, desde cedo, tive que me preocupar não com a bola de gude, o carrinho de madeira, a bola de pano, o bodoque, o papagaio, o cavalo-de-pau, mas com o café, o almoço e a janta e não foram poucos, os dias, que pirão de água e sal, ovo, chá de capim-santo (substituía o café) e tripinha e bucho eram manjares dos céus.

Adolescente e moço, tive como lazer o trabalho, vivi grande parte dessas faixas etárias, enfurnado num bar, trabalhando todos os dias da semana, inclusive, domingos e feriados, sem descanso, o Colégio Estadual de Itabuna – CEI, à noite, era a minha saída, o meu lugar de fuga, por isto, não fui um aluno brilhante, não poderia sê-lo, pois

chegava lá cansado e quando voltava ia fazer as atividades escolares á luz de fifó. Tornei-me um misantropo, um solitário e fiz da leitura contumaz, estilo de vida.

Hoje, não me queixo dos meus criadores, nem da minha mãe, parodiando Alexandre, o macedônico – se uns me deram a vida, outros me deram arte de viver.

Aprendi com essas pessoas simples, lições de dignidade, de ética, de amor ao próximo e a Deus, se não me deram ciência, foram pródigos em sabedoria. Não foram poucas as lições de honestidade que tive subsidiada pela psicóloga palmatória, não fiquei com traumas nem desvios de conduta.

Não me sinto à vontade com os pseudointelectuais, eles são críticos, egoístas e afetados, não são generosos, acham que sabe tudo, são os mais inteligentes, são os mais cultos, são censores de plantão, se deslumbram fácil com suas produções medíocres, não reconhecem com humildade suas falhas intelectuais, tergiversam a verdade para não serem taxados de ignorantes, eles não têm o gênio nem a sabedoria de Sócrates que reconheceu sua ignorância.

Não sou escritor, não sou literato, tenho ojeriza pelas convenções, acho uma mediocridade alguém que se debruça sobre um texto e depois de lê-lo, ao invés de interpretá-lo, sorver nas entrelinhas, a mensagem, ele se presta descobrir as incorreções gramaticais. Não sei se foi Bérqson que disse: “quem sabe faz e quem não sabe ensina”, se não foi Bérqson, é de somenos importância quem o disse, é uma verdade universal.

Querida Elma, confesso-lhe que gostaria de ser um escritor, com a virtuosidade de um Machado de Assis, de um Guimarães Rosa, de um Graciliano Ramos, de um Euclides da Cunha, de uma Rachel de Queiróz, de um Saint- Exupéry, de um Morris West, de um Harold Robbins, de um Hemingway; o regionalismo de um Jorge Amado, de um Adonias Filho; o romantismo de um Vítor Hugo; o romance científico de um Júlio Verne e o absurdo de um Kafka; a poesia de um Castro Alves, de um Fernando Pessoa, de um Bocage, Camões, de um Khalil Gibran, dentre outros luminares das letras que, agora, não me vêm à memória.

Desde adolescente que escrevo, mas não sou um escritor, sou um escrevinhador, graças ao advento da INTERNET, pude mostrar as minhas “bobagens” para o mundo, por isto, agradeço a Deus, ter me concedido tempo para alcançar a informática, o celular, o telefone e a ciência cibernética. Se fosse noutros tempos, com a minha falta de talento, de conhecimento, de genialidade, todas essas matérias teriam servido para jogar na lata de lixo. Hoje, tenho o prazer de vê-las rondando mundo, sei que quando eu

morrer, esses textos virarão lixo eletrônico, mas o importante é o momento, afora Deus, nada é eterno, nem mesmo a vida!...

Quero lhe dizer que as ideias maniqueístas absolutas são perigosas, o mal e o bem vivem em comunhão na mesma pessoa em equilíbrio, ninguém é completamente ruim ou completamente bom, mesmo as personalidades santas ou as personalidades patológicas, ambas, possuem momentos de lucidez e de maldade.

Querida Elma, não devemos ser um repositório de ressentimentos, de mágoas fúteis, de inveja, de ego inflado. Devemos cultivar a humildade, a simplicidade, o perdão, a caridade e o amor cristão, não o amor de boca pra fora, social, fariseu, mas o amor ensinado por Jesus Cristo, o amor sem limite, o amor ágape. Para mim, leigo em exegese, o cristão deveria ter em mente sempre os ensinamentos de Jesus Cristo: - perdoar o seu inimigo setenta vezes sete, e, amar ao seu próximo e a Deus sobre todas as coisas, o resto é ilação, é releitura.

Enfim, do seu amigo, hoje, “persona non grata”,

Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 26 de março de 2012.

18

Causos políticos
R. Santana

Não faz muito tempo (50 anos, um nada de tempo, num tempo infinito), que Itabuna teve um dos mais carismáticos políticos de sua história: José de Almeida Alcântara, para molecada daquela época: “Seu Arranca”.

Alcântara era coletor estadual da Bahia antes da política, de família importante, seu primeiro gesto público relevante, que lhe deu panos pra manga e um processo administrativo sem fim, foi usar os recursos da coletoria para comprar cobertores e mantimentos, numa grande enchente do rio Cachoeira em Itapé (naquela época município de Itabuna), nos anos 50, e doá-los aos desabrigados ribeirinhos, sem autorização do estado.

Não obstante esse gesto não tivesse sido legal do ponto de vista administrativo, foi mais que justo. Se ele fosse aguardar os trâmites burocráticos e as ações políticas de

um governo distante e esperar que o governo socorresse de imediato uma terra sem representatividade política, seria a mesma coisa que condenar os flagelados morrerem de fome e frio.

Alcântara foi eleito em 1958 pelo Partido Libertador (PL) para prefeito de Itabuna, com o voto dos mais pobres, a elite o discriminava, tinha medo do seu jeito despojado, do seu populismo exacerbado, do seu discurso preocupado com o pobre, que sua administração fosse um caos, enfim, ideias conservadoras e preconceito burguês.

Mas, Alcântara fez um governo acima da média sem deixar de ser popular. Foi no seu governo que um dos sonhos dos itabunenses se concretizou com a fusão e modernização das ruas Sete de Setembro e J.J. Seabra, dando origem à Avenida Cinquentenário, principal artéria comercial varejista da cidade e saída para Ilhéus. Além disto, fez um trabalho de infraestrutura nos bairros pobres com abertura de ruas, saneamento básico e instalação de luz e água.

As aves agouzeiras de quanto pior, melhor, deram com os burros n'água, Alcântara não deixou que sua popularidade afetasse o bom ritmo administrativo, sua influência cresceu em todas as classes sociais, com ações de bem-estar para toda população itabunense e o povo lhe agradeceu com a eleição do seu sucessor em 1962, o forasteiro Félix Mendonça, jovem engenheiro civil e titular da Secretaria de Viação e Obras, depois, deputado estadual e deputado federal por várias legislaturas.

Embora os adversários políticos acusassem o prefeito José de Almeida Alcântara de demagogia, populismo, malversação de dinheiro público, nada foi provado, inclusive, foi arquivado o processo dos flagelados do rio Cachoeira de Itapé que já não pertencia a Itabuna, agora cidade, fundada no ano de 1960.

Naquela época, não existia agência de publicidade, o marketing político era feito boca-a-boca, também não seria necessário, havia empatia natural do prefeito e povo, aonde Alcântara ia, era abraçado e beijado por meninos, moços e velhos, sem nenhuma puxação de saco como se fosse da família. Ele adentrava nas casas sem cerimônia, tomava café ou suco ou mexia em alguma panela no fogão... Quando parava num boteco, num quiosque, era uma festa, não bebia nem fumava, mas nunca se recusou pagar pra quem bebesse e/ou fumasse.

Além de humano, ele era alegre, desprendido, com aparência de gringo, chamava a atenção em qualquer ambiente, principalmente, o feminino, mas os amigos juravam por todos os santos que jamais Alcântara havia traído Florisbela Alcântara,

dona “Sarinha” que ficou eternizada como nome de um dos principais bairros da cidade itabunense.

Porém, foi em 1966, depois de cumprir seu mandato de deputado estadual da Bahia, que Alcântara demonstrou sua força política, quando venceu pela segunda vez a eleição para prefeito de Itabuna, tendo como candidato adversário, o bem sucedido empresário José Soares Pinheiro, representante fidedigno do poder econômico da terra, dos intelectuais e da elite conservadora e reacionária.

Uma curiosidade é que ambos os candidatos pertenciam à Aliança Renovadora Nacional – ARENA, que para acomodar as duas lideranças o partido criado pela Revolução de 64, se desdobrou em ARENA – 1 e ARENA – 2.

José Soares Pinheiro, Pinheirinho, ex-vereador, ex-presidente da câmara municipal, autodidata, orador de grandes recursos retóricos, integralista de quatro costados, cacauicultor, quem primeiro empreendeu o plantio de seringa no Sul da Bahia, revendedor autorizado da Ford-Willys na região do cacau e uma das reservas morais da terra, tinha tudo para vencer a eleição para prefeito da terra onde nasceu, fez uma campanha multimilionária e memorável, mas era impopular, distante do povo.

Itabuna jamais teve uma campanha eleitoral tão agitada quanto à de 1966, os candidatos a prefeito dividiram a cidade, de um lado, Alcântara apoiado pelos pobres, alguns ricos, pela classe média e pelo ex-prefeito Félix Mendonça; do outro, Pinheirinho apoiado pelos empresários, pelos intelectuais, pelos remanescentes integralistas, pelos cacauicultores e pela classe média conservadora e reacionária.

Os recursos da campanha eram desiguais a olhos vistos, os comícios de Pinheirinho eram enriquecidos com a participação dos melhores oradores da cidade, intelectuais renomados, médicos, professores, faz-se necessário lembrar, dentre os professores, a negra dona de colégio, Celina Braga Bacelar, que abria os seus discursos com um trecho em latim das Catilinárias de Cícero, era uma beleza, um desbunde numa plateia de surdos!... Outra coisa que chamava a atenção em seu showmício era a quantidade de automóveis, ônibus, os gozadores diziam com propriedade: “... se carro votasse, Pinheirinho seria o prefeito”. Os seus “santinhos” foram substituídos por fotos enormes, pôsteres, afora os souvenirs personalizados.

Na campanha eleitoral de Alcântara os carros eram contados nos dedos das mãos, também, eles não eram necessários, o povo comparecia aos magotes, a pé, a cavalo, nos jegues, nas carroças... Os oradores eram pessoas simples, sem recursos oratórios, linguagem coloquial, mas que falavam o que o povo queria ouvir. Os apoios

políticos mais significativos foram do ex- prefeito Félix Mendonça, do vereador Mário César Anunciação, e, de um ilustre desconhecido, naquela época, o deputado federal Antônio Carlos Magalhães.

A vitória de Alcântara foi de “colher”, acachapante, e de um simbolismo nunca visto antes, pois foi a vitória dos menos aquinhoados, da classe média, a vitória do pobre e a derrota do rico. Alcântara fez a maioria dos vereadores, elegeu Félix Mendonça deputado estadual e ACM foi reeleito deputado federal com 6000 votos de Itabuna, um escândalo de votos pra época.

Todo enforcado tem direito ao esperneio: desenterraram os processos de Alcântara antes da posse, uma comissão de senhoras notáveis foi a Brasília conversar com o presidente Castelo Branco, mas esbarraram com ACM na entrada do palácio, mesmo assim, as mulheres foram bem recebidas pelo general Castelo Branco que lhes prometeu encaminhar as denúncias para averiguação, só e mais nada!...

Alcântara foi empossado na prefeitura de Itabuna e morreu de infarto fulminante em 7 abril de 1968, em pleno exercício da função. Não deixou patrimônio, porém, o seu nome ficou eterno na história itabunense, como o prefeito mais carismático que a cidade já teve e benfeitor dos pobres.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 21.02.2013.

19

Cemitério X
R. Santana

Quando Antony Cristhoff chegou ao “Cemitério X”, naquele Dia de Finados do ano de 2010, trazia no peito muita angústia e uma dor doída... Uma dor diferente das outras que o remédio não cura e a saudade eterna toma conta do coração. Ele jamais compreendeu a morte brutal de sua noiva Carol Antoniazzi, ocorrida 5 anos atrás, alguns dias antes do casamento, por um atrapalhado assaltante que para lhe tomar o carro e a bolsa, não entendeu o nervosismo de sua vítima e terminou lhe fuzilando à queima roupa, fugindo apavorado antes que a polícia chegasse, sem bolsa e sem carro.

Chegou ao “Cemitério X” com o Sol a pino. Desde que sua amada morreu, ele costumava assistir às missas e às palestras espíritas do Dia de Finados, desde o início da manhã, mas naquele dia, ficou preso no trânsito por longo tempo, quando o engarrafamento se dispersou, já era quase meio dia e foi o motivo involuntário do seu atraso. Embora fosse católico de nascimento, ultimamente, dava mais crédito ao espiritismo que lhe alimentava a esperança de reencontrar Carol no além-túmulo.

Não gostava das missas de padres velhos, os seus discursos eram **ipsis litteris**, pura interpretação exegética, uma releitura sem criatividade e sem vida. Entretanto, ficava de queixo caído quando ouvia mensagens novas, desatreladas de textos repetitivos e extemporâneos. Sabia que a Bíblia tinha sido inspirada por Deus há milhares de anos e reflete aquele tempo, portanto, existe a necessidade que os textos sagrados sejam adaptados sempre.

Antony refletia sobre o significado da morte desde que sua amada morreu. Entendia que o batismo é o sinal que transforma a criatura de Deus em seu filho, mas tinha um pé lá e outro cá em relação à ressurreição do homem, em particular, a ressurreição de Jesus Cristo e se perguntava: “Se Jesus Cristo ressuscitou em espírito, como Ele comeu e bebeu com os discípulos, ou seja, matéria corruptível, apanágio dos mortais?” Ou, “Sua promessa de retorno nunca se cumpre há 2000 anos?” Homem de fé, concluía: “Os apóstolos devem ter exagerado nos feitos e nos feitos!...”

Para Antony, havia mais lógica na doutrina de Kardec na explicação da morte, o espírito deve reencarnar várias vezes num processo de aperfeiçoamento e purificação, a exemplo da seleção genética, se alguém deseja uma espécie boa de milho, será necessário plantá-lo várias vezes para selecionar as melhores sementes e encontrar um tipo de milho mais resistente às pragas e mais produtivo. Assim Deus deixou que a semente do homem fosse melhorada através de várias mortes e lhe habitasse, depois, no reino dos céus.

O dia já se escondia atrás da noite quando foi puxado por uma força estranha, deixou o plenário da missa, a voz do sacerdote ainda lhe martelava a cabeça: “...Deus não nos abandonou à morte: ele nos enviou o seu Filho, em tudo igual a nós, menos no pecado”. Saiu a esmo pelas ruas e quadras do cemitério e não tinha vontade de voltar pra casa, ficou entretido com os mausolés, com os jazigos e estupefato com a quantidade de gavetas! Aí, deu razão à sabedoria popular que diz: “o rico quando morre não leva nada e o pobre nada deixa”, pois os jazigos e os mausolés davam gosto se apreciar, além de refletirem uma época, ostentavam a importância do falecido e a

riqueza da família, enquanto os defuntos pobres eram colocados em gavetas ou uma cruz fincada na cova indicava o nome do morto.

Enquanto a noite avançava, Antony se esquecia do tempo, quando deu em si, o cemitério estava fechado. Procurou uma saída, em vão, o muro muito alto lhe dificultava subir e ganhar o mundo... Tentou chamar a atenção das pessoas que passavam no passeio, mas foi confundido com fantasma, na casa do sem jeito, sentou-se num jazigo e ficou-se de sono e cansaço.

Acordou assustado. Não sabia quanto tempo havia dormido nem a hora, mas deduzia que passava da meia noite, frio e calor lhe tomavam o corpo, tochas em mãos invisíveis percorriam os quatro cantos do “Cemitério X”. Um gato preto, de olhos vermelhos, lhe fuzilava de cima de um suntuoso mausoléu, quando de repente, surgem dois casais conhecidos que lhe tomam pelo braço, e, devagarzinho, levam-no à capela, Antony resiste apavorado:

- Vocês seriam os meus padrinhos e os de Carol, mas vocês morreram naquele acidente!!! – não foi ouvido. Deixou-se levar...

Ainda distante, vislumbrou a capela arrumada e lotada, a música Unforgiven lhe chamou a atenção, os acordes do piano e os sons do violino e do sax entravam em seu ser e ele gozava de prazer. Percebeu-se arrumado de terno e gravata, agora, na entrada da capela, o Concerto nº1, de Tchaikovisk, dava o tom da cerimônia.

No pé do altar, ele vira-se pra entrada da capela e ver Carol, diáfana, de braço dado com o seu pai sob as marchas nupciais de Mendelson e Wagner, encaminham-se em sua direção, acompanhados das portas-alianças. Achou Carol mais bonita do que nunca, tomou-a pelo braço e ambos se colocam sob as bênçãos do sacerdote que após pequeno comentário, ele lhes pergunta:

- Antony Cristhoff e Carol Antoniazzi estardes aqui para que eu celebre o vosso matrimônio. É de vossa livre vontade que vos desejais casar?

- Sim! – respondeu o noivo.

- Sim! – completou a noiva.

- Vós que buscardes a igreja de Jesus Cristo, prometeis-Lhe, amar-vos e respeitar-vos para sempre?

- Sim!

- Sim!

- Estais preparados para chegada dos filhos e educá-los na fé cristã?

- Sim!

- Sim!

- Visto que é de vossa vontade unir-vos no matrimônio, peço-vos unir as mãos direitas e manifesteis o vosso consentimento diante de Deus e da Igreja Católica!

- Eu, Antony Cristhoff, recebo-te por minha esposa a ti, Carol Antoniazzi, prometo a ti, ser fiel, respeitar-te, na alegria, na adversidade, na saúde e na doença, eternamente!...

- Eu, Carol Antoniazzi, recebo Antony Cristhoff por meu esposo e prometo-te ser fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria, na adversidade, na saúde e na doença, eternamente!...

O padre dá sua bênção e finaliza a cerimônia com os ritos finais. Noivo e noiva (agora, casados), se beijam, Carol joga o buquê... Todos se confraternizam e se despendem do novo casal.

No outro dia:

- Paulo, aqui tem um homem morto!!!

- Pra variar, não é!? – e deu uma sonora risada.

- Paulo não brinque, o sujeito está teso em cima do jazigo da família Antoniazzi!!! – gritou o colega.

Certamente, se o destino lhes foi traiçoeiro, a morte lhes aproximou para sempre!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 10 de Novembro de 2012

20

Cidade menina
R. Santana

O dia 28 julho é uma data significativa para Itabuna, é o dia do seu aniversário de emancipação política desde os idos de 1910, este ano, Itabuna fez 101 anos. 101 anos de luta, de trabalho, de desenvolvimento, de prosperidade e de afirmação histórica, uma das principais cidades da Bahia. Uma referência cultural, terra de poetas, de trovadores, de escritores e artistas Uma cidade menina que pouco e pouco deixa para trás sua coirmã Ilhéus que um dia lhe teve mando administrativo e político. Hoje, é o comércio mais pujante e a economia mais promissora do Sul da Bahia.

Itabuna é uma cidade jovem, uma cidade menina de 101 anos... O que significa um século para uma cidade? Nada ou quase nada. E, diferente do homem, que vai se quebrantando e se definhando ao longo do tempo, a cidade cresce, se desenvolve, se remoja, e fica mais bonita ao longo dos anos, São Paulo, Paris, Roma, Londres e Nova York são exemplos de cidades muitas vezes centenárias e mais jovens e mais bonitas, cada dia.

Tabocas de Félix do Amor Divino ou Itabuna de Firmino Alves foi amoldada pelos braços fortes dos retirantes nordestinos, dos tropeiros, dos trabalhadores rurais, dos mascates, dos plantadores de cacau, dos vaqueiros, dos comerciários, dos comerciantes e dos burareiros, dos coronéis do cacau, também, forjada com o sangue de pequenos fazendeiros que não se rendiam às tramóias do caxixe.

É um equívoco alguém dizer que Itabuna não tem “identidade cultural”, não tem “história” nem “memória”, é negar Jorge Amado, Valdelice Pinheiro, Plínio de Almeida, Minelvino, Telmo Padilha, Helena Borborema, Walter Moreira, Firmino Rocha, Zélia Lessa, dentre outros. Afirmar que Itabuna não tem “identidade cultural” é negar a FICC, a Editus, a Litterarum, a TV Itabuna, o jornal AGORA, o Clube dos Poetas, as escolas de capoeira e as academias ALITA e AGRAL e o Centro Cultural Adonias Filho, onde se desenvolve dança de salão, dança de rua, ballet, jazz, modelo e manequim, pintura, fotografia, etc., etc.

Seria importante que esta terra respirasse cultura, tivesse educação de qualidade, um Centro de Convenção, alguns Mecenas patrocinando artistas, escritores e cientistas. Seria importante que Itabuna tivesse teatros, museus, salas de cinema, programas culturais em rádio e TVs, mas é recorrente e justo o argumento que esta terra é uma cidade menina, é uma princesinha que ainda não desabrochou e quando o seu tempo chegar, ela irá adquirir os mesmos status de civilização de cidades do Sul e Sudeste do país e quiçá os mesmos fumos civilizatórios do mundo.

É verdade que Itabuna tem políticos desonestos, empresários egoístas e mercenários, porém, é verdade que homens desonestos, criminosos, corruptos, malfazejos têm em todas as sociedades, desde que gente se entende por gente, todavia, é verdade que qualquer sociedade, também, abriga homens trabalhadores, corretos, de idoneidade ilibada, e, graças ao Criador, é maioria, senão, estaríamos perdidos...

Não se pode negar o valor dos bens intelectuais, espirituais e morais na formação de um povo e quão são necessários na definição do comportamento e no caráter do homem, porém, o homem é corpo e alma, matéria e espírito, ambos têm que

ser alimentados, ou seja, o homem se alimenta de poesia, de prosa, de pintura, de fotografia, de dança, de filosofia, de religião e doutras expressões culturais, mas se alimenta, também, de pão, de leite, de café, de feijão, de arroz, de carne, de galinha, de peixe, portanto, o homem é um ser interativo, o escritor, por exemplo, é tão necessário quanto o padeiro, o peixeiro, o açougueiro, todos têm sua importância na vida comunitária.

Será que um governo só de filósofos como queria Platão, resolveria os problemas do povo? Não! Pois as coisas ficariam no mundo das idéias e a prática é condição sine qua non da vida. Se Jesus Cristo tivesse vivido, somente, em oração, não praticasse a cura, a multiplicação dos pães, a ressurreição de Lázaro, não teria construído sua igreja que já tem 2000 anos.

Às vezes, certas homenagens prestadas no dia da cidade, por políticos, entidades e indivíduos aos benfeitores comunitários ou pessoas de destaque em determinada atividade, não são justas, são ações bajuladoras, de caráter pessoal, elas não têm o reconhecimento da população, são puxa-sacos, são egos feridos, políticos e intelectuais vaidosos que usam de artifício político ou midiático para se promoverem através do outro que já é reconhecido pela sociedade, não são homenagens verdadeiras.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 02 de agosto de 2011.

21

Compromisso
R. Santana

Do alto dos seus 83 anos de vida bem vivida, tio Pedro, diz que o homem não é obrigado assumir nenhum compromisso, porém, uma vez assumido, tem o dever de cumpri-lo, pois se ele for useiro e vezeiro em negligenciá-lo, chegará um momento, que sua palavra não valerá um tostão de mel coado.

A tradição popular diz que longe é o tempo que o homem não assinava nota promissória, nem cheque, nem duplicata, nem escritura, mas um fio de bigode e a palavra selavam qualquer compromisso moral, financeiro e material. Hoje, se a assinatura não é cumprida, a palavra menos ainda, por isto, foram criados instrumentos de proteção ao crédito e identificação do indivíduo e empresa (CERASA, SPC, CPF,

CNPJ, SNPC), além doutros registros que permeiam as relações do grupo, da comunidade e da sociedade, mesmo assim, os velhacos se multiplicam...

O baiano Rui Barbosa foi profeta e feliz no seu pensamento quando disse: “De tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantar-se o poder nas mãos dos maus, o homem chega a rir-se da honra, desanimar-se de justiça e ter vergonha de ser honesto”. É engraçado quando os políticos jactam-se de sua honestidade, de honrar sempre os seus compromissos, como se a honestidade deixasse de ser uma obrigação, mas uma qualidade extraordinária, uma virtude de poucos.

A falta de compromisso de certas profissões é nociva, às vezes, fatal. Quantas pessoas morrem nos hospitais por negligência profissional de médicos e enfermeiros? Quantos sinistros naturais poderiam ser evitados se os responsáveis pela atividade pública fossem comprometidos? Quantas mortes no trânsito seriam evitadas se os motoristas fossem comprometidos com as regras de trânsito? Quantos desvios de comportamento de crianças, jovens e adolescentes seriam evitados se os profissionais da educação fossem mais comprometidos? Eis alguns exemplos, dentre muitos, que a falta de compromisso pode acarretar.

O compromisso deixou de ser imediato para ser mediato. Hoje, qualquer jovem ou adulto, desde cedo, tem consciência que se não tiver compromisso com sua qualificação profissional, será rejeitado no mercado de trabalho. Atualmente, não basta a qualquer profissional ter formação intelectual ou prática, é necessário que ele tenha em mente a necessidade (compromisso) de se recapacitar, sempre, enquanto estiver na ativa.

Os compromissos afetivos e sociais são de somenos importância, uma boa justificativa recompõe a confiança entre as partes. Quem ainda não deixou a namorada ou o namorado na praça a ver navio? Qual o convidado que não faltou a uma festa de um amigo, feito o compromisso? Qual o estudante que não foi vítima de professor irresponsável? Qual a entidade filantrópica que não tem problema de frequência com seus membros?... Todavia, se o sujeito acostuma-se tratar e não cumprir, pouco a pouco, sua credibilidade irá para o beleleu porque quem não é honesto no pouco não é honesto no muito, é o que diz a sabedoria popular.

Os princípios éticos, morais, bom senso, todos se jactam de tê-los, no entanto, alguns preferem negligenciá-los, quase sempre, a falta de caráter acontece com aqueles em que a vergonha é moeda rara. O homem de princípios morais arraigados, de conduta ilibada, não foge aos seus compromissos mesmo que surja um contratempo em sua vida, o homem de vergonha mesmo diante do imprevisto, de um infortúnio, ele esgota todas as possibilidades até cumprir o seu dever.

Hoje, alguém dá um “chapéu”, enganar, faltar ao compromisso, corromper e usar o “jeitinho brasileiro”, a “Lei de Gérson”, é não ser trouxa, é esperteza, é regra geral, é sabedoria, é maioria; porém, cumprir o compromisso, ser honesto e não querer levar vantagem, é ser bobão, é ser ultrapassado, é ser trouxa, é ser Mané, é minoria!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 04 de julho de 2011.

22

D. Morte

R. Santana

A morte é uma bicha traiçoeira, quando menos se espera, ela bate na porta do ser vivente, independe de idade: criança, jovem, adulto, velho, todos estão em sua lista desde o nascimento, uma coisa é certa: “Quem moço não morre, velho não escapa”. Não se pode dizer que a morte é preguiçosa, ela trabalha diuturnamente.

Alguns caricaturistas representam-na como um ser esvoaçado com uma grande foice; outros, um ser encoberto por uma capa preta com uma foice no ombro; há ainda quem a represente com duas foices em xis, com asas e flutuando; os gozadores representam-na sentado no esqueleto de um reles pangaré ou ostentando um grande relógio numa das mãos e a maldita foice na outra, alertando: - Olhe sua hora!...

Ninguém gosta de fila. Fila de banco, fila de lotérica, fila de médico, fila de hospital e outras filas são ojerizas de todos os mortais, de quando em vez, espertinho é repellido quando usa a Lei de Gerson para ser atendido primeiro, mas a fila da eternidade nenhum espertinho quer ser o primeiro, pelo contrário, cede com presteza o seu lugar:

- Se o senhor quiser pode ir. Eu não tenho pressa...

- Não! Eu não furo fila, é sua vez, eu tenho todo tempo do mundo... – completa:

- se lá for bom o senhor venha me dizer! - ninguém tem pressa...

Até Jesus Cristo no seu momento humano de angústia e aflição, antes do beijo de Judas, teve pavor da morte, dizendo: “Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a Tua” (Lucas 22:42).

Para os ateus, a morte não é uma passagem para outra vida, mas o retorno da matéria à sua origem e a fluidez de energia concentrada num corpo. Para alguns religiosos, uma evolução do espírito; para outros, o homem morre porque é pecador, limitado, São Paulo enuncia: “Por que o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 6:23).

Os gregos, os romanos e os povos orientais renderam-lhe tributos em suas mitologias deístas: Tânatos, Kali, Shinigami e Yama etc. Tânatos deus da morte de coração duro, filho de Nix, deusa da noite e Hipinos ou Érebo, a noite eterna do Hades. O hinduísmo tem o seu deus da morte, personificado por Kali, uma mulher escura com um colar de crânios e braços decepados, um horror!... Shinigami é o deus da morte dos japoneses, pra cada tipo de morte, é um deus diferente, ele leva a alma humana para o outro mundo. E, Yama é o senhor da morte dos indianos.

Os poetas e os ficcionistas de todas as gerações falaram da morte pessoalmente ou através de seus personagens. A escola literária romântica foi quem mais descreveu a luta, a angústia e o drama existencial do ser humano e o medo da morte. Os seus representantes se afogavam na boemia, na bebida, no nacionalismo exacerbado, no amor utópico, no amor ideal, nos prazeres da carne, nas volúpias e não foram poucos os que morreram, prematuramente, pelo “Mal do Século”.

Lord Byron teve premonição de sua morte, Mozart compôs o seu Réquiem, Augusto dos Anjos cantou tanto a morte que recebeu o título: “O poeta da morte”. Mário Quintana, também, escreveu sobre o amor, a vida e a morte. Machado de Assis “imortalizou” a morte com o seu romance “Memórias Póstumas de Brás Cuba”. Brás Cubas, depois de morto, escreve suas memórias com palavras sarcásticas, irônicas, fúnebres e começa o seu livro deixando ao primeiro verme que lhe comeu esta dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico com saudosas lembranças estas Memórias Póstumas”.

O melhor livro de Jorge Amado: “A morte e a morte de Quincas Berro d’Água”, ao contrário de Machado em que Brás Cubas destila o seu humor negro, Quincas, um antigo funcionário público, morre três vezes (morte moral, morte natural e morte no mar), ao lado dos seus amigos, regado de muita cachaça e música.

Porém, a morte não é tão má, tem o seu lado folclórico. A consciência coletiva registra mitos e estórias humoradas, aforismo, de uma morte bonachona e boazinha, veja:

Num lugar bem distante, no outeiro de uma serra, morava um casal ainda não maduro. O homem, um destemido lavrador; a mulher, cuidava da casa e das criações. Viviam para o trabalho de sol a sol, com exceção do dia de domingo quando eles iam a cidade louvar a Deus e comprar o fato e a carne-de-sol da semana. Certo dia, D. Morte bate no barraco do casal e pergunta à mulher pelo paradeiro do seu marido. A mulher atabalhoada, responde-lhe que o seu marido àquela hora, deveria estar lavrando a terra ou no cabo do machado cortando lenha. Sisuda, com as faces descarnadas, vestida de preto, deixa-lhe um recado:

-Avisar ao seu marido que no próximo inverno virei buscá-lo, dou-lhe esse tempo para descansar! – num piscar de olhos, desapareceu...

O tempo passou, o lavrador redobrou-se no trabalho, sua mulher o admoestava:

-Homem, D. Morte mandou-lhe descansar, pára homem!... -Mulher, “cavalo de corrida morre na pista”, não vou ficar esperando D. Morte na cama, morte é morte, não é? – colocava o embornal nas costas e se mandava pra roça. Os dias se passaram e as estações do ano também e quando o tempo chegou D. Morte bateu na porta do lavrador para levá-lo, mas não o encontrou. A mulher questionada repassou-lhe o recado do marido e D. Morte, ao invés de levá-lo, admirou-lhe a coragem e não lhe tirou a vida por uma centena de anos...

Porém, quando alguém lhe quer engambelar:

Um velho enfermo recebeu a visita de D. Morte. Ele choramingou, implorou, pediu-lhe mais um tempo, pelo menos que lhe deixasse viver até o aniversário da netinha... D. Morte derreteu-se de dó, quê significava mais uns dias? Nada! Nada demais satisfazer o pedido de um avô e deixou o pobre diabo em paz. Os dias se passaram, o velho rijo, vendendo e emprestando saúde fez o aniversário da netinha e gozou da festa. Final de festa, todos recolhidos aos seus aposentos, o

velho também, D. Morte lhe reapareceu para cobrar o trato. O velho ardiloso, tratante, pediu-lhe mais tempo, queria ver a nota formada... patati... patatá... patiti... patatá... e joga conversa fora em D. Morte... Então, estressada de muito trabalho, preveniu o velhaco: - Tudo bem! Você me pegou de boa maré, quando for sua hora me chame!... Os dias se passaram. O puto velho, mais alegre que “pinto no lixo”, caiu na gandaia, na bebedeira e na esbórnia, trato esquecido... Certo dia, na mesa de um bar, passa D. Morte encarnada numa morena de tirar o chapéu: bumbum empinado, peitos furando o sutiã, cabelos cor de graúna, rebolando num salto quinze, aí o velho não agüentou:
-Mata o velho!... Mata o velho!... .Mata o velho!...
E o velho morreu! Não se engambela D. Morte...

Autor: Rilvan Batista de Santana – Academia de Letras de Itabuna – ALITA
Itabuna, 22.01.2010

23

Deus deu as costas ao homem
R. Santana

Léo e Mateus têm uma amizade do outro mundo, diria Chico Xavier se vivo fosse, é que desde que Léo veio ao mundo, Mateus lhe dispensa cuidado e amizade. Agora, que Léo tem 19 anos de idade e Mateus mais de 50 anos de vida, a diferença de idade não os afastou, mas os uniu cada vez mais e não pense algum desavisado que eles pensam da mesma forma, têm as mesmas ideias, Mateus é socialista cristão e Léo agnóstico, positivista, todavia, um compreende o outro: Mateus lhe atribui os arroubos da juventude e Léo lhe atribui a prudência da maturidade.

Naquele dia que não vai muito longe, ambos tiveram um diálogo que despertaria o interesse de qualquer indivíduo ouvi-los por mais bronco e desligado que fosse da vida e das coisas do mundo, Deus em sua providência permitiu que tudo fosse ouvido pelas pessoas em volta e colocado no papel:

- Velho, passei no vestibular de medicina! – começou Léo.
- Medicina, rapaz!?
- Medicina!
- Se tivesse sua juventude, faria filosofia, psicologia, exegese, teologia...

- Maluqueceu Mateus? Eu acredito no que vejo, posso tocar, experimentar e não em elucubrações estéreis, metafísicas, religiosas... Medicina é ciência, dá dinheiro e prestígio social!

- Meu caro discípulo de Hipócrates, não existe conhecimento mais sublime do que o conhecimento de Deus e do homem...

- Não sou ateu, mas não entendo esse Deus insensível que deixa as criancinhas sofrerem nos hospitais de males incuráveis, os pobres morrerem na fila do SUS, crimes hediondos proliferarem impunes, políticos corruptos, ditador em várias partes do mundo, massacrar o seu povo, pastores enriquecerem em nome de Jesus Cristo e os maus prosperam e têm saúde – fez uma pausa e continuou:

- Não comungo com o niilismo de Nietzsche, nem com o deísmo de muitos, existe uma energia cósmica inteligente que deu origem ao universo, com leis físicas e biológicas imutáveis, todos nós somos centelhas dessa energia não no aspecto panteísta, mas no aspecto intelectual e consciência moral...

- Bravo, rapaz! Eu sei que tu és um leitor voraz e inteligente, já me arrependi da intromissão que fiz, porém, para mim Deus é o Deus da Bíblia, que celebrou uma Aliança com o homem, e, Jesus Cristo, seu filho unigênito, nos deu sua palavra de ressurreição e vida eterna. Os males decorrem dos pecados humanos, da sua desobediência ao Pai Eterno, mas Deus é amor absoluto, bondade suprema, perdoará o mais infame dos pecadores, desde que ele se arrependa e continue no caminho da retidão. Se fôssemos, somente, “centelhas de energia”, qual seria o significado da vida? Nenhum!

- Meu caro Mateus, eu vejo que ao longo dos anos tu não perdeste as ideias atávicas religiosas e atribui os males da vida ao pecado, a desobediência do homem a Deus. Porém, os infortúnios, os sinistros da natureza e as doenças não são castigos de Deus, mas são possibilidades contingenciais e reais da existência do homem e do mundo. Se fosse de acordo o seu parecer, o homem bom seria sempre feliz e o homem mau sempre infeliz!...

- Meu querido Léo, não é dado ao homem conhecer os desígnios de Deus, por isto, eu perseverei em minha fé. Tem razão quando diz que eu não perdi as ideias religiosas dos meus pais e meus avós e não quero perdê-las, elas me fazem bem à alma, ao espírito... Não me interessa conhecer a natureza de Deus, mas tê-Lo comigo a todo instante da minha vida. Nasci na fé, confio nas promessas de Jesus Cristo, concordo com São Paulo, quando diz: “Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não

ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a nossa fé” (1 Cor.15,12-13), portanto, é estéril nossa discussão, é ir a lugar nenhum, não é!?

- Concordo. Quero lhe lembrar que não puxei conversa religiosa, apenas, vim lhe dar a notícia do meu vestibular. Admiro sua prática religiosa, talvez, quando tiver a sua idade, tomarei o caminho da igreja sem discussão. Não sou ateu, no máximo um agnóstico, um positivista, um racionalista... Porém, não entendi ainda a razão de tanta maldade, de tanta injustiça, de tanto sofrimento, de tanto sinistro, de tanta desgraça... – fez uma pausa e arrematou:

- Meu bom amigo não me queira mal, não pense que é arroubo da juventude, mas faz muito tempo que Deus deu as costas ao homem!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna: 20.03.2013

24

Diálogo de esqueletas
R. Santana

Caro leitor, eu juro por Nossa Senhora de Caravaggio, não a Nossa Senhora de Caravaggio de Farroupilha, mas a original, a Nossa Senhora de Caravaggio italiana, que tudo que vou contar é verdadeiro, aconteceu em um encontro de duas esqueletas, se por acaso tu és ateu, não acreditas na minha madrinha Nossa Senhora, juro pela Morte que tu não hás de negar!...

As duas ainda não tinham chegado ao paraíso, ao inferno ou ao céu, porém, perambulavam num nimbo distante da terra. Uma quase com o dobro da idade da outra, todavia, ambas jovens e bonitonas. Uma, baixa, rechonchuda e alegre; a outra, alta e esquelética, porém, as duas muito simpáticas. A esqueleta gordinha trajava discretamente; a esqueleta magérrima trajava um elegante vestido de tubinho de panos finos:

- Bom dia, senhora!

- Bom dia!

- A senhora é daqui?

- Ninguém é daqui, estou passando uma chuva! – acrescentou:

- Não gosto desse negócio de “senhora”, meu nome é Maria!
- Desculpe-me, é o costume...
- Não se desculpe menina... e o seu?
- Hein!?
- O seu nome?
- July!

Maria mais despojada, mais extrovertida, contou em poucos minutos, alguns lances de sua vida terrena, quantos filhos teve, a saudade do xodó, as festas que ela participou, os admiradores que deixou, mas sentia falta mesmo, era da feijoadada, da buchada, dos miúdos, do peixe no caldo de coco e dendê, do caldo de pitu, da bacalhoadada, da lambreta, do chope, da caipirinha, do murcha-venta e, dos forrobodós de finais de semana:

- Nega (July era nome de grã-fino, alegou), conheci muitos homens, namorei à beça, chifrei a maioria até ser fisgada pelo negro Zé, comi e bebi o quanto pude!...

- Maria (mais íntima), quem lhe trouxe para este lugar?
- O filho da puta do Zé!
- Como assim? – July, agora, puxava conversa.
- Depois de uns Whiskys, o negro virou o carro! – Maria quis saber:
- E você, nega?
- O meu “personal trainer”, a minha nutricionista e o mundo da moda...
- Oxente, a menina é modelo!? – E, completa:

- Já sei, lhe empurraram a dieta de frango ou peixe, salada ou arroz integral, adoçante e pouco sal e nada de fast-food... não foi? – não esperou a resposta:

- Esses filhos duma mulher solteira, lá embaixo, viram e reviram a cabeça dessa gente tola! – July se espinhou:

- Eh mulher, eu não sou tola!
- Você se olhou, hoje, no espelho!?
- Claro!!!
- Não parece...
- Desembuche!
- Não precisa, nega!... – Maria continuou reticente.

July, esqueleto novo, perspicaz, inteligente, mas de idade impulsiva, entendeu as indiretas de Maria, é que não obstante ser nova, o tempo anoréxico deixou-lhe

esfrangalhada e estropiada enquanto a colega, mais velha e mais irreverente, estava mais disposta e mais em cima, por isto, lhe continuou provocar:

- Eu não gosto de sua maneira reticente!

- Nega, é o meu jeito!

- Vai pra lá com seu jeito de merda!!!

- Não me grite!

- Daí!... Você vai me bater?

- Não! – completa:

- Porém, não serei obrigada conviver com você no mesmo nimbo. Eu irei embora na próxima nuvem, pois não sou culpada de ter estragado o seu corpo com sua vaidade de mulher bonita desmiolada. Ademais, os promotores e agentes de moda, do outro planeta, continuam aliciando outras meninas com promessas de modelo de beleza ideal, sacrificando-lhes a alma e o corpo. E, ao invés de você descer lá e aconselhá-las, quer vir me importunar.

Dois quartos de hora depois:

- Maria, não me deixe!... – acrescentou:

- Quero lhe fazer uma proposta, posso?

- Se não for...

- Não, não é indecente, é de bem-querer...

- Não me deixe em suspense... é o quê?...

- Quer ser minha mãe emprestada?

-Ah, ah, ah, ah!...

- O que foi!? – July cismou...

- Nada. Apenas, fiquei assustada!

- Qual a razão desse susto, mulher!?

- Por pouco, você estranhou...

- Você tem razão, reconheço que estou um caco!

- Não exagere!

- Desculpe-me, mas não me deu a resposta!

- Precisa?... – Não esperou resposta:

- Mãe é bênção, é a natureza feminina de Deus! Quem não se sente honrado com esse apelo?... - July não esperou mais nada, correu para os braços de Maria e as duas se afagaram e se beijaram.

O céu e o povo daquele nimbo celebraram a história de mãe e filha daquelas esqueletas para sempre.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Nota: A palavra “esqueleta” não deve ser tomada como erro ortográfico, mas um “neologismo”...

25

Helena Borborema

R. Santana

Não sei se todo escritor tem dificuldade de escolher o título de suas produções literárias, confesso-lhe meu caro leitor, a minha dificuldade é enorme, às vezes, levo dois ou três dias para ter um insight, uma intuição repentina, uma luz... Enquanto não encaixa na minha cabeça um título que faça jus ao texto, eu não desenvolvo o tema, existe quem primeiro escreve o texto, depois, lhe atribui o título. Quando fui escrever este texto, pensei em vários títulos que os descartei à medida que não se encaixavam no meu projeto de prestar um preito, uma homenagem, mesmo tardia, à saudosa escritora e educadora Helena Borborema.

Dentre muitos títulos colocados no papel e riscados algum tempo depois, lembro-me: “A operária de educação”, “Helena Borborema, a pedagoga”, “A obreira da escola”, “A filha do cacau”, “À mestra Helena Borborema, com carinho”, “À mestra com carinho” etc. etc. Não dei o título “À mestra com carinho”, pois entendi que seria uma derivação de “Ao mestre, com carinho”, interpretação de Sidney Poitier do engenheiro e professor improvisado Mark Thackearay, numa escola do bairro inglês de East End, mas me tocou muito, enfim, ficou, somente, Helena Borborema.

Também não me debrucei nos livros “Terras do Sul”, “Retalhos” e “Lafayette de Borborema – Uma vida, um ideal” da escritora Helena Borborema, histórias de sua juventude, histórias de sua cidade, histórias do Sul da Bahia e lembranças do seu pai, o advogado Lafayette de Borborema, tangido de Salvador em 1907 para as terras do cacau, mas moveu-me o desejo de contar a história da Helena Borborema que conheci nos meados dos anos 60 no Colégio Estadual de Itabuna – CEI.

Naquela época, o CEI era o único colégio do estado da Bahia em Itabuna e referência educacional na região do cacau, rivalizando tête-à-tête com as escolas de Ilhéus. As nomenclaturas dos cursos de “1º Grau”, “2º. Grau”, “Fundamental” e

“Médio”, eram nomenclaturas representadas por cursos de “Ginásio”, “Científico”, “Magistério” e “Clássico”. O acesso ao CEI ou o Ginásio Divina Providência, escolas de ensino de qualidade, não era para os despreparados, mas exigia conhecimento primário completo e tudo era aferido pelo vestibularzinho de “Admissão ao Ginásio”, repositório de “Gramática”, “História do Brasil”, “Ciências”, “Matemática” e a avaliação minuciosa de uma banca examinadora.

Quando a conheci, fazia o 4º. Ano de Ginásio e estudava à noite num dos pavilhões (Anexo) do CEI. O espaço físico se caracterizava pela modernidade daquele tempo: as paredes de blocos perfurados, de tijolos à vista, sem reboco, que eram uma delícia no verão, mas incômodas no frio do inverno, além de facilitar a entrada de mosquitos, escorpiões e sapos. Porém, eram coisas de somenos importância, a nossa juventude, a busca de conhecimento e o desejo de ascensão social eram decisivos para afastar os empecilhos da natureza.

Helena Borborema fazia-se aceitar sem muito esforço entre os jovens por suas atitudes firmes e justas. Alta, morena clara, cabelos castanhos, compleição robusta, não era feia, mas chamava a atenção mais pela personalidade simpática, marcante, educação refinada, elegância de vestimenta, do que pela beleza física. Professora de Geografia competentíssima, cultura invulgar sem ser esnobe, suas aulas eram concorridas no seu horário pelos alunos fascinados em conhecer o mundo.

Comprometida com o saber, entendia as dificuldades de aprendizagem do aluno pobre, aluno de más condições sociais e culturais, mas ao invés de censurá-lo, reprová-lo, estimulava-o transpor as dificuldades momentâneas do seu meio ambiente e achar um caminho. Sem chamar a atenção, sem alarde, ela espalhava o bem com discrição cristã, muitos estudantes pobres foram amadrinhados por Helena Borborema com fardas, livros e materiais escolares, como não tinha filhos, fazia seus filhos os desafortunados da vida.

Quando Secretária da Educação do prefeito Fernando Cordier, valorizou as condições de trabalho e a remuneração do magistério municipal e incentivou o professor não licenciado fazer o curso de pedagogia para mudança de nível e melhorar sua formação profissional. Celebrou convênios de recursos materiais e financeiros permanentes com a FAFI e a FACEI, únicas faculdades existentes em Itabuna, naquela época, em troca de bolsas de estudo.

Helena Borborema não foi somente uma escritora de causos de sua cidade, histórias de coronéis do cacau, escritora de textos econômicos, de linguagem concisa,

escorreita, frases buriladas, estilo simples e claro, mas foi, também, uma educadora comprometida com o saber e a aprendizagem do educando e uma gestora da educação de recursos administrativos raros.

Enfim, Helena Borborema saiu da vida para se immortalizar na história de sua cidade de Itabuna e do Sul da Bahia em 7 de maio de 2008. Ainda hoje, é lembrada pelos seus conterrâneos com eterna saudade.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 05 de março de 2013.

26

João Bode

R. Santana

O prenome era João, porém, o nome “Bode” não lhe foi dado na pia batismal, mas por algum espírito crítico, gente espirituosa, gente que tem facilidade de colocar apelido no outro que se encaixa como uma luva, e, quem criou esse apodo de “bode” para o negro João, deu-lhe com tanta precisão que de apelido “bode”, virou João Bode. Aliás, não foi nenhuma genialidade desse autor porque João Bode não falava, não raciocinava, ele “bodejava”, suas palavras saíam atropeladas, não dizia coisa com coisa, “berrava” com voz rouca ininteligível, enfim, o negro João Bode era um retardado mental, um idiota de alma pura.

Não sei precisar a idade quando o conheci no início dos anos sessenta, deveria ter naquela época, uns 40 anos de idade com idade mental de 8 anos. Raros fios de cabelo branco começavam despontar na sua cabeça preta encarapinhada. Se a sabedoria popular não falha: “negro quando pinta tem três vezes trinta”, João Bode deveria ter muito mais idade do que aparentava, melhor diria que João Bode tinha idade indefinida ou a idade que se quisesse lhe dar.

Ele se aproximava um pouco da figura do homem de Neandertal: queixo comprido reforçado, um pouco dentuço, nariz acompanhando o maxilar, olhos perdidos no tempo, dentes perfeitos, baixo, truncado, pés chatos e era preto como as asas da graúna. Não se sabe se por doença ou acidente, puxava um pouco a perna esquerda.

Tinha boa índole, quando os moleques troçavam-no, ele não usava de violência física nem nomes impróprios, no máximo, bodejava algumas palavras sem significado e seguia o seu caminho.

Não tinha sido chocado, contudo, não se conhecia sua família. Ele convivia há muito tempo com a família de Antônio Sena e Horácio Almeida, o seu cunhado, não como filho ou empregado, porém, como uma espécie de escravo alforriado do Século XX, um agregado, um criado, um serviçal, sem direito a salário ou tempo de serviço, João Bode comia e vestia as sobras dos seus protetores e era feliz!...

Embora João Bode fosse um retardado mental, os seus trajes e sua higiene pessoal chamavam a atenção do mais desligado indivíduo, ele não andava sujo ou rasgado, gostava de roupa branca, sapatos limpos, escanhado, carapinha escovada, banho tomado, quem não lhe conhecesse, tomava-o como alguém importante e mente perfeita.

Naquela época, não se falava de alopado, de dólares na cueca, rublos nas meias, reais no paletó, valerioduto ou outros meios de surrupiar, de roubar o dinheiro público, todavia, os políticos eram tão desonestos quanto os políticos atuais, pífio era o controle jurídico dos recursos públicos, os Tribunais de Contas não eram tão aperfeiçoados quanto os de hoje e a imprensa tinha suas limitações.

O político que assumia cargo executivo ou legislativo, mesmo de uma cidadezinha do interior, se fosse pobre saía rico, pois as maracutaias de superfaturamento de obras, fraudes de notas fiscais, malversação e desvios do dinheiro público grassavam com a mesma força dos tempos modernos. Nunca se soube que um político ladrão fosse parar atrás das grades por meter a mão no dinheiro do povo.

Foi nesse clima de imoralidade pública generalizada, que a juventude elitizada de Itabuna promoveu (eleição de 1962 para prefeito e vereadores), com o apoio da sociedade, um movimento de protesto político e João Bode foi escolhido como candidato de mentirinha a vereador para representar a insatisfação da população itabunense com a política e os políticos.

Ele teve um desempenho melhor do que o esperado e tornou-se folclórico com o slogan: “Vote em João Bode, comigo ninguém pode”. Em sua campanha política não faltou carro de som, não faltou palanque, não faltaram “santinhos”, não faltou outdoor, não faltou nada na campanha do candidato a vereador João Bode, até um teco-teco foi alugado para que o candidato, lá de cima, inundasse a cidade de panfletos do seu

programa legislativo, dentre muitas promessas, a promessa de colocar os políticos corruptos na cadeia.

O movimento de protesto liderado pelo filho do advogado Ubaldino Brandão (ex-prefeito), começou fraco, mas, pouco e pouco, foi tomando gosto pelo povo e no meio da campanha política já esvaziava os comícios dos principais candidatos de verdade. A molecada, os jovens e os menos jovens não perdiam um comício de João Bode, a zombaria, a algazarra, os assovios e os apupos ensurdeciam a praça quando o candidato dizia (alguém soprava detrás do seu ouvido), que ia “transformar o rio Cachoeira num rio de leite com ribanceiras de cuscuz” ou “soltar os presos e prender os políticos ladrões” ou “mudar o mar de ilhéus para Itabuna” etc.

Em cima do palanque ou da sacada de um prédio, de terno e gravata, João Bode, compenetrado, gozava de satisfação com as palmas e as vivas ao seu discurso e às suas tiradas espirituosas e o povo ainda mais.

O dia da eleição chegou. Não havia urna eletrônica, o eleitor depositava na urna uma cédula que o mesário lhe dava, que naquela eleição, habilmente foi substituída por uma cédula de João Bode. Ele foi “eleito” e “reeleito” várias vezes se sua eleição fosse de verdade, porém, o pobre diabo ficou mais doido do que antes: - só bodejava eleição!...

Diz a sabedoria popular que Deus marca no nascimento os seus filhos prediletos com uma deficiência física ou mental para não lhe perder de vista, portanto, João Bode deve ter sido um desses filhos marcados por Deus, não obstante ter sido usado, zombado, achincalhado, humilhado, debochado e aviltado em sua natureza, ele foi útil, permanece, hoje, o exemplo do seu protesto para que as novas gerações utilizem-no e erradiquem os malfazejos do povo.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 20 de junho de 2012

27

João Victor
R. Santana

Branco, cabelinhos castanhos, enrolados atrás da cabeça, bracinhos rechonchudos, perninhas quase cambotas, três dentinhos rompendo a gengiva superior,

dois dentinhos rompendo a gengiva inferior e 10 meses de nascido. Para os desconhecidos, João Victor de Santana Barbosa, para os mais íntimos, Vitinho, para mim, avô coruja: meu Príncipe, meu Pituquinha.

Pituquinha está na fase de descobertas, descobriu que andar é melhor do que ficar no colo, descobriu a liberdade, se estica todo pra descer até que o coloquemos no chão. Ainda não se aguenta nas pernas, não possui o equilíbrio das crianças maiores, sai cambaleando, igual ao bêbado de Chaplin, agarra-se no sofá, no freezer, na geladeira, no pé da mesa e quando lhe ofereço ajuda, ele rejeita, com linguagem que aprendi a entender:

-Nhan... nhan... nhan... – já sei que é “não”, “me deixe”, “quero andar sozinho...”

Gozo de prazer, falo para os meus botões: “o pimpolho tem personalidade”, “é independente”, “não será um banana”, “é nordestino”, “é cabra da peste”, “Macho com eme maiúsculo”, “não é machochô, tchê!” Porém, quando lhe ofereço algo que lhe agrada: uma maçã ou um pedaço de pão ou um pão-de-ló, ou um pedaço de bolo ou um iogurte, ele abre sua linda boquinha e pede imitando a música de Thaeme e Thiago:

- Thá... thá... thá... – mais compreensível fica quando lhe mostro a fotografia do seu pai:

- Pa... pa... pa... papá... papá! – ou de sua mãe:

- Ma...ma...ma...ma... mamã... mamã! – o moleque só fala certinho, quando fala de si mesmo:

- Nenê... nenê... nenê!

Mostro-lhe o banner do avô e da avó e repito uma dezena de vezes:

- Vovô... vovô... vovô... vovô! – então:

- Vovó... vovó...vovó... vovó! – mas quem disse que o safadinho atende ao vovô? Olha para o pôster do pai e da mãe mais acima:

-Pa... pa... pa... ma... ma... ma... papá... mamã!!! - não me incomodo com a rebeldia do meu Pituquinha, fico feliz.

Não sei se fosse rico, faria com João de Santana Barbosa, o que Joseph Patrick Kennedy fez com os filhos John Kennedy e Robert Kennedy: - desde cedo os preparou para ser presidente dos Estados Unidos e ainda teve a ventura de vê-los no Senado e na Casa Branca. Não que eu tenha ojeriza à política e aos políticos. Atualmente, é politicamente correto quem malha os políticos, não se separa o político ruim do bom político, todos têm o mesmo estigma de improbidade, cada vez mais se diminui o prestígio político dos políticos, mas que seria do povo se não houvesse ninguém para

administrar as coisas do estado? Os interesses do povo? Seria um estado de anarquia! Ruim com eles, pior sem eles...

Aristóteles foi sábio quando disse que “o homem é um animal político” no sentido mais expressivo da palavra, portanto, não existe restrição de meu Príncipe vir a ser político, o importante, é que em qualquer lugar que a vida lhe reserve, ele esteja feliz e faça os outros estarem felizes.

Leitor amigo, deixemos os prolegômenos, de conversa mole, e, partamos para os finalmentes como diria Odorico Paraguaçu, prefeito de Sucupira e voltemos falar de meu Pituquinha que neste momento encontra-se de sono solto... E, de vigília, eu observo cada riso que ele faz e recordo-me da velha Maria portuguesa que noutra situação parecida, dizia: “Patrãozinho, ele está a sonhar com os anjos”.

No dia 29 de agosto de 2012, o meu Príncipe fez 10 meses que veio ao mundo, e, justamente neste dia, começou andar de verdade, antes, ele puxava-me pelo dedo e saíamos a caminhar ou fazíamos da andadeira suas pernas. Não anda mais como o bêbado de Chaplin, que cai aqui e cai acolá, mas firme percorre todos os cantos da casa com muita alegria – apenas, temos que ter cuidado com os batentes.

Filho é um pedacinho da gente, um presente de Deus, mas o neto é o amor maior, a sublimação da existência, o prazer da vida e a doçura da velhice. Não trocaria o prazer de brincar com João Victor, sentados no piso da minha sala ou lhe escanchando no ombro, trotando como um cavalinho, por um prêmio da sorte grande porque o dinheiro ao invés de prazer e momentos de felicidade, o dinheiro me traria preocupação e tormento, portanto, é melhor o prazer de ouvi-lo choramingando dizer:

- Nhan... nhan... nhan... nhan!... – ou pedir cantando:
- Thá... thá... thá... thá!... – então, clamar por seus pais:
- Pa... pa... pa... ma... ma... ma... papá... mamã!!!

Autor: Rilvan Batista de Santana

Não faz muito tempo, solicitei o serviço de uma empresa de informática para consertar e configurar o meu computador. Enquanto o técnico mexia e remexia no CPU, observei que certas operações eram automáticas e repetitivas, o técnico, certamente, já

tinha feito aquelas operações dezenas de vezes, embora o serviço de informática tenha o status de conduta inteligente, o raciocínio pouco lhe era exigido no desempenho daquela tarefa, então, descobri naquele momento, que as experiências retidas na mente de uma pessoa, são condições necessárias para o bom desempenho da inteligência.

Se inteligência é a capacidade de resolver problemas ou a reestruturação imediata de dados perceptivos com ingredientes emocionais e cognitivos, a medida do QI é tão relativa e inesperada quanto um atirador acertar na “mosca” de um estande a longa distância. A mente do ser humano não é um pedaço de matéria sujeito à medida do homem e a sabedoria popular de que “nunca se conhece o outro” corrobora no mistério da mente.

Para explicação de mentes como a de Einstein, Leonardo de Vinci, Darwin, Winston Churchill, Thomas Edison, Rousseau, Maomé, e, outros gênios da humanidade, que tiveram desempenho sofrível em determinadas atividades e foram capazes de revolucionar o mundo quando descobriram os seus reais dons, a ciência, hoje, recorre às teorias de Daniel Goleman, Alfred Binet, Theodore Simon, mais recente, a teoria da Inteligência Espiritual de Danah Zohar e Iam Marshall, pois uma só teoria não responde às perguntas que o homem faz ao longo do tempo.

Existem coisas que quanto mais se explica, mais se tropeça em definições e conceituações. O neófito estudante de matemática não entende quando o professor conceitua a “Teoria dos Conjuntos” e dentre os conceitos, ele se depara com “Conjunto Vazio” e “Conjunto Unitário” que não aceção do dia a dia, conjunto significa várias coisas, ele não entende como “um elemento” e um “espaço vazio” têm o significado de “conjunto”, isto vale pra explicação de inteligência, quanto mais se conceitua ou se define “inteligência”, mais questionamentos se suscitam.

Sem rigor científico, “inteligência” é um grande labirinto, de compartimentos pequenos, médios e grandes, interligados (sinapses), em que o pensamento percorre e desenvolve elementos lógicos, elementos emocionais e elementos espirituais com potencialidades diferentes. Alguém afeito à lógica jamais irá cultivar a digressão, porém, em condições sócio-econômicas iguais, ele terá as mesmas possibilidades se perseguir os mesmos ideais.

O mestre chamar o discípulo de “burro”, “orelhudo”, por dificuldade de aprendizagem, é ignorar os meandros psicológicos e mentais, não se apreende o que não inspira prazer e significado (a percepção do menino da cidade é diferente do menino da

zona rural), se o mestre souber combinar o gosto pela aprendizagem e o seu significado, ele não terá dificuldade de ensinar nenhum assunto.

A tradição de que a pessoa culta é mais inteligente do que a pessoa não culta vem de longe até os dias atuais. A Grécia berço da civilização ocidental reservava o trabalho manual, o trabalho braçal, enfim, a mão-de-obra não qualificada, para os escravos, as mulheres e os camponeses. Os filósofos, os oradores, os políticos, os sofistas (mestres do saber e contemporâneos de Sócrates), eram os cultores do saber, os detentores do conhecimento, os guardiães da justiça e do estado, a elite inteligente...

O homem comum, intelectualmente, é diferente do gênio? Potencialmente, não! Todos têm as mesmas faculdades e as mesmas possibilidades em condições iguais, apenas, o interesse e o significado de algo para o homem comum é diferente do interesse e do significado de algo para o gênio.

Se alguém, por exemplo, é um gênio da música, é que a música, aliada à disciplina e muito trabalho, foi o seu norte e sua razão de viver, se um gênio não persegue o seu ideal, ele não é gênio, é um homem comum.

Se Darwin e Isaac Newton não perseguissem suas idéias, eles não teriam deixado a “Origem das Espécies” nem a “Philosophiae Naturalis Principia Mathematica”, duas referências da Ciência Moderna. Certa feita, alguém perguntou a Thomas Edison, se seus inventos eram frutos de sua genialidade e para surpresa do curioso, ele lhe respondeu que os seus inventos eram frutos de “transpiração” e não de “inspiração”.

Um indivíduo de emoção instável, sob pressão, jamais terá o mesmo desempenho de um “cuca fresca” em um exame de vestibular ou coisa que valha, não por ser menos inteligente ou por ter menos conhecimento, decerto, a sua memória e o seu raciocínio serão embotados por fatores emocionais instáveis, portanto, desconfie de escalas Stanford-Binet, desconfie dessas medidas de QI, cuidado com os aplicadores contaminados desses testes!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 10.08.2011

Assim que Christina deixa o Shopping Iguatemi de Salvador e pára no primeiro semáforo, o seu carro é tomado por moleques que vendem água mineral, biscoito caseiro, doces, frutas ou limpa o para-brisa com água e sabão numa operação recorde e eficiente. Christina não quis nada, dispensou todos os moleques com doçura e educação, porém, um deles insistiu e jogou dentro do carro, em seu colo, um panfleto que convidava visitar os serviços espirituais de uma mãe de santo pra o lado de Matatu de Brotas, a Yalorixá Anastácia Ogum Xoroquê.

Christina, católica de nascimento, pouco se deixava guiar pela fé, não conhecia pelo nome, meia dúzia de santos de sua igreja, jamais se sensibilizou ou quis conhecer seitas de oguns, oxuns e orixás, terreiros, muito menos visitar a Yalorixá ou algum Babalorixá, para bem da verdade, ela não sabia nem o que esses títulos significavam, cresceu ouvindo falar de candomblé, pai de santo, mãe de santo, cigana, cartomante, vidente, sensitivo, bruxo, mas nada disso lhe tocava o coração, todavia, aquele panfleto lhe mexeu com o coração e a razão, mais com o coração do que com a razão, eis aí o que dizia o panfleto:

“Yalorixá Anastácia Ogum Xoroquê tem mais de 25 anos de santo e sua casa é aberta a todos que buscam... Atende com JOGOS DE BÚZIOS E CARTAS com hora e dia marcados, conforme sua ligação. Lembre-se: os orixás vão lhe mostrar o caminho certo a ser percorrido.”

Christina não conhecia Flávio nem Roseli, ambos tinham sido colegas de faculdade de Ricardo. Quando o seu marido convidou os seus ex-colegas de faculdade para trabalharem em sua empresa de venda de carros novos e usados, ela foi contra sem muitos argumentos convincentes, mais ciúme de Ricardo do que razões profissionais:

- Não se mistura negócio com amizade!

- Querida, estou contratando dois profissionais de qualidade administrativa comprovada, cursos no exterior, ele irá gerir o departamento comercial e Roseli o RH, não é só amizade! – Christina não se conteve:

- Eu sou idiota Ricardo? Vocês já foram pra cama! – Ricardo não tossiu nem mugiu, deu-lhe as costas e saiu.

Enquanto subia a rua procurando a casa da Yalorixá Anastácia no endereço indicado no panfleto, Christina ia rememorando os argumentos do seu marido para

trazê-los do Rio de Janeiro para Salvador, ela tentou demovê-lo da ideia, argumentou custos, que o mercado baiano estava cheio de bons administradores, não teve jeito, ele bateu pé e os dois estavam lá na empresa de Ricardo há mais de um ano. Agora, ele não se cansava de celebrar a vinda de Flávio e Roseli para capital baiana, ao passo que cada dia, ela se tornava mais infeliz com a indiferença e o desprezo do marido, por isto, resolveu, mesmo sem a fé dos seguidores, consultar a famosa mãe Anastácia para encontrar resposta que lhe tirasse daquela tormenta e cisma.

Certamente, a casa de terreiro da Yalorixá não era naquele luxuoso sobrado colonial, exceto a sala em que ela foi atendida, não havia vela a bruxulear os santos, não havia ostentação, tudo era discreto sem ser vulgar, porém, os móveis e o prédio denunciavam a prosperidade da mãe de santo. A antessala onde os consulentes aguardavam a Yalorixá parecia o consultório dum médico de nomeada.

- Filha, antes das cartas, oremos ao Pai Ogum para que as causas de suas dificuldades sejam reveladas e pisadas com os cascos do seu cavalo e eliminadas com a força de sua espada... – começou a Yalorixá:

- Ó Pai Ogum, a vida desta jovem senhora está confusa e conturbada, peço-lhe que lhe indique o caminho a seguir e lhe dê coragem e força para que ela esmague todo o mal que a persegue. Com sua proteção, ela terá segurança e o apoio de guias e orixás, que a paz de Oxalá seja perene em sua vida... Assim seja e assim será! - feita a oração, a mãe de Santo começou a leitura das cartas, Christina nervosa e tensa não se aguentava na cadeira... A primeira carta foi Valete de Espadas:

- Filha, o naipe de espadas indica violência e desgraça. Homem sedutor, mas traiçoeiro e mau caráter lhe persegue... – Fez um “Anh!” e a Dama de Espadas caiu na mesa:

- Filha, ele e ela estão em conluio para lhe destruir!... Mulher bonita, mas perigosa e traiçoeira... – a mãe de santo foi interrompida por Christina:

- Meu Deus! Meu Deus! Ricardo deveria estar aqui, mãe Anastácia! – e desabou em pranto.

A sessão de cartas foi interrompida, Christina emocionalmente desabou, mãe Anastácia e suas filhas de santo colocaram-na num quarto para descansar. Coincidência ou não, o Valete e a Dama de Espadas, significavam de maneira clara, os seus desafetos Flávio e Roseli. A mãe Anastácia não os conhecia, portanto, não era coincidência, as energias de Exu e Ogum, tinham sido canalizadas de maneira certa, decerto, essas

entidades fariam justiça através da Yalorixá e foi sua promessa assim que Christina saiu do transe:

- Filha, a mãe Anastácia lhe promete com ajuda dos meus guias espirituais, debelar o mal de sua vida, a concórdia e a paz voltarão reinar no seu lar. O seu marido irá reconhecer o seu erro e lhe pedir perdão, mas para isto acontecer, a filha terá que ter muita fé e obedecer aos conselhos desta Yalorixá Xoroquê, a começar pela sua iniciação, deseja ser iniciada!?

Sim! - promessa feita, promessa cumprida, dias depois o bem vence o mal.

Pareceu que tudo foi arranjado, pois Ricardo chegou num momento em que Roseli estapeava o marido numa crise histérica, xingando-lhe para quem a quisesse ouvir:

- Seu veado, seu xibungo, seu pedófilo, me traindo com esse fedelho – o rapazinho não se aguentava nas pernas de medo, trêmulo, não conseguia recompor sua roupa -, nós tínhamos um plano para nos dar bem com Ricardo e você não consegue deixar a bicha enrustida por mais tempo!?

- O quê!? – todos tomaram susto com o aparecimento inesperado do patrão. O plano foi esclarecido: Roseli bonita e atraente assediaria o seu ex-colega, agora, patrão, e, quando ele estivesse completamente apaixonado, o divórcio de Christina e a extorsão do marido traído, deixariam Ricardo em maus lençóis, inclusive, financeiro.

Ninguém sabe se as coisas feitas da Yalorixá foram providenciais, certo é que o mal por si se destrói sem a intervenção dos orixás.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 09.01.2013

30

Noite de terror

R. Santana

Era ainda cedo quando chegamos à fazenda “Cacau na Barcaça”, no município de Camacan, do cacauicultor Boaventura Andrade Neto, do administrador à cozinheira, tudo estava nos conformes para nossa visita. O fazendeiro havia propiciado a mim e minha esposa, uma semana de lazer em sua fazenda, depois de vitorioso numa tremenda batalha jurídica de reintegração de posse de outra fazenda e fui seu advogado.

Uma sesmaria de terra a fazenda “Cacau na Barcaça”. Embora a casa da sede tivesse uma fachada barroca, o seu interior havia recebido uma moderna reconstrução do piso ao forro do telhado, tudo cheirava a novo e riqueza, o quarto que nos foi indicado, os tapetes engoliam os nossos pés, um pôster na parede dos donos da propriedade, um enorme guarda roupa embutido, uma cômoda de 6 gavetas, uma escrivaninha, os cobertores e os travesseiros de penas de ganso tinham cheiro de alfazema e colchão macio de espuma de densidade máxima, um luxo!...

A velha Bertoleza era riso da cabeça aos pés, tataraneta de escravos, a pele parecia pintada de piche, não se cansava de gentilezas:

- Doutô se precisá da nega veia é só chamá, eu drumo nus fundus! – eu a tranquilizava, dizia-lhe que tudo estava ótimo, a minha esposa lhe abraçava e lhe era agradável.

Às 17 horas, mata fechada, estava noite... Depois do banho e vestirmos roupas leves, Bertoleza encheu a mesa de iguarias: bolos de aipim, de puba, de arroz, de ovos, cuscuz, aipim, inhame, carne-de-sol e frango assados na brasa, leite e café - comida leve para que as visitas não se empanturrassem e tivessem pesadelo, dizia. Para não lhe desagradar, comemos um pouquinho de cada coisa e depois de bate papo informal com os camaradas no alpendre da casa grande, fomos dormir.

Dormíamos o sono dos justos quando fui acordado pela badalação do relógio de algarismos romanos da sala contígua que marcava meia noite. O silêncio da noite me assustava, vez em quando, uma ave noturna quebrava a monotonia com seu canto engasgado e lúgubre, quando ruídos e movimentos estranhos surgiram em todos os cantos da casa como se provocados por alguém ou por alguma coisa.

A minha mulher ressonava, parecia sonhar profundamente, cutuquei-lhe algumas vezes em vão, então, deixei-a rressonar em paz e me fiz ouvido!... Agora, além do ranger de dobradiças, bater de portas, arrastar de cadeiras, comecei ouvir passos e voz sussurrada de alguém. Não era voz de mulher, queixava-se de alguma coisa numa conversa confusa e interminável, a custo, eu ouvi dizer: “nã... nã... nã quer... nã quer... nã... quer... estranh... aqui”, foi tudo que ouvir! Acho que o medo que se apoderou de mim e a distância do meu quarto dificultavam-me compreender a fala daquele ser estranho deste mundo, ou, do outro...

O medo crescia ainda mais dentro de mim, puxava com sofreguidão o cobertor até a cabeça, deixando de fora a ponta nariz para respirar, o coração disparava, suave por todos os poros, tampava os ouvidos para não ouvir o toque e toque dos sapatos do

fantasma que, agora, se deslocava da cozinha à sala principal, parecia que era manco e arrastava uma das pernas e sempre resmungando.

Quando tudo parecia perdido, lembrei-me de Bertoleza que ao se despedir com seu “bua noute”, recomendou-me que se ouvisse algo estranho pegasse o crucifixo ao lado da cama, levasse ao peito e rezasse o “Pai Nosso”, ainda debochei da negra velha:

- Ah, ah, ah... Bertoleza, um homem de 1,87 m de altura, com este corpanzil (mostrei-lhe a caixa torácica e os muques), vai ter medo de alma penada!? Isto é superstição minha negra! – e, caí na risada, mas ela não se fez de rogada:

- Sinhuzinho, Dêus ti live du coroné Bua Vintura aparecê! – conclui com bazófia:

- Se esse tal coronel Boa Ventura aparecer, eu irei lhe expulsar a pontapés daqui!... – a negra fez um muxoxo de incredulidade e foi dormir.

Portanto, quando tudo parecia perdido, lembrei-me de Bertoleza, tateei as peças no escuro, peguei a cruz de madeira, abri a porta do quarto devagarzinho, com o fôlego no limite, de repente, vi um homenzarrão, branco, de cabelos alinhavados, de terno branco e gravata, em pé, olhando pra mim. Uma força estranha tomou conta de mim, fiz do medo, coragem, empunhei a cruz em sua direção e bradei:

- Sangue de Cristo tem poder! Sai daqui alma penada! Eu lhe ordeno Satanás, deixe esta alma em paz, em nome do Senhor! Vade retro, Satanás!!! – O fantasma se mexeu em minha direção...

- Pai Nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome... Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco... Santa Maria, Mãe de Deus. Rogai por nós, pecadores... Amém! – O ser estranho virou-me as costas e começou se afastar como se o corredor fosse infinito...

Fui acordado ainda noite por Judite e Bertoleza. A minha mulher me chamava e estapeava o meu rosto enquanto Bertoleza me benzia com galhos de arruda dos pés à cabeça para espantar os espíritos maus! Com dificuldade, abri os olhos e lhes perguntei:

- Que dia é hoje?

- Sexta-feira, 13 de agosto de 2011!

Tudo estava explicado... Ainda meio grogue, lembrei-me de alguém que disse: “Quem não tem superstição não tem alma”, dali em diante, jamais iria brincar com as coisas do além e falei sonolento:

- Sangue de Cristo tem poder! Sai daqui alma penada! Eu lhe ordeno Satanás, deixe esta alma em paz, em nome do Senhor! Vade retro, Satanás! – e continuei:

- Pai Nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome... Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco... Santa Maria, Mãe de Deus. Rogai por nós, pecadores... Amém!

Autor: Rilvan Batista de Santana

31

O cadáver
R.Santana

Ele estava ali estirado, o cadáver, o nada diante do tudo e tudo diante do nada, mas o tudo é o nada... Deus, ó Deus, onde estás que não vês o nada?! Nós todos, somos o nada diante de Ti! O nada é o cadáver, mas o cadáver já foi o tudo e o tudo um dia será o nada! O nada é o que existe...

Meu Deus, meu Deus, por que o tudo um dia tem que ser o nada? Não basta à angústia do homem não saber de onde veio, quem é, e, para onde vai? É preciso ainda ter consciência que não é nada?! Se os nossos dobrados de lágrimas e dor chegassem a Ti, o mundo deixaria de ser imundo e seria mundo. Deus, ó Deus, se o homem fosse tudo, deixaria de ser besta fera, desumano, desalmado e passaria ser humano!...

Deus, ó Deus, as frias carnes depositadas ali na pedra fria da funerária, serão comidas pelos vermes sem cerimônia, não importa para o verme, se um dia essas carnes foram vestidas por cambraia, seda, algodão, casimira, brim, cáqui ou jeans. Se a carne é de sábio ou de ignorante, o que importa para o verme que a carne será sua comida, depois, verme e carne serão pó e mais do que nada.

Meu Deus, meu Deus, é justo ao homem o nada?! Nenhuma morte é digna, a morte é a indignidade da vida. Se o apóstolo diz: “Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual possuís da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo.” (Cf. 1Co 6:19,20). Como justificar a presença do Deus no nada? Não seria mais fácil dizer que Deus nunca esteve no corpo do homem? Portanto, o nada sempre foi o nada desde o início dos tempos!...

Estava ali o cadáver, pranteado e amado pelo tudo, tudo que amanhã será nada. Cadáver maniqueísta que foi bom ou mau e que viveu bem ou mal, qual o lado que o verme primeiro vai comer? Se o verme for bom, primeiro ele vai comer o lado mau se o verme for mau, ele vai começar pelo lado bom. Na vida não existe meio termo, só existe o bem ou o mal.

Porém, quando a vida se esvai, resta, somente, o cadáver, a luta entre o bem e o mal não tem sentido. O tudo não chora à chegada do nada, o tudo chora à exiguidade da vida, o tudo percebe que não é nada.

Estava ali estirado, o cadáver, sem vida e sem alma, mas será que existe alma, independente do corpo? Ou, alma é a energia que anima o corpo e se exaure deixando o cadáver? Os cientistas já conseguiram captar (filmar) a “energia” que se esvai do corpo nos estertores da morte. Há, hoje, quem advogue que esse processo não é instantâneo, leva em média, 20 dias para que o moribundo se torne cadáver.

Filhos, mulher, parentes, e amigos, choram e se descabelam sobre o cadáver, mas o cadáver é o nada, então, eles devem estar chorando, lembrando de tudo que é nada, a separação é eterna, a ressurreição e a reencarnação são embasadas na fé... Será que o nada um dia voltará ser o tudo? Ou, sempre o tudo será nada? Mistérios que o homem ainda não conseguiu decifrá-los, mas aceitá-los.

Ah, pais! Não devem chorar, porque o cadáver ali não é mais o seu filho, é um corpo depositado na pedra fria e indiferente da funerária, é um corpo estranho, não responde mais ao seu clamor, é o tudo diante do nada, ele não mais será acalentado no seio da família, pois o mundo da possibilidade exerceu o possível e desordenou a ordem natureza.

Em vão é o esforço do homem para juntar riquezas em detrimento da vida se o nada é o fim. Quantas vidas são ceifadas pelo vício e ambição material? Não se pode contar. O homem moderno ainda continua com idéias atávicas, sua mente pouco evoluiu em relação ao tempo, os cientistas afirmam que o cérebro do homem tem uma grande parte inexplorada. Se a mente humana tivesse desenvolvido todas suas potencialidades ao longo do tempo, sua espiritualidade fosse zen, ele tivesse mais amor à vida e à natureza, o nada seria diferente...

Deus, ó Deus, por que fez do tempo o nosso cutelo? Não se entende a exiguidade de vida que destes a vossa criação diante do tempo infinito! Um meteorito leva centenas de anos para se desintegrar (morrer) no espaço enquanto o homem e as outras espécies, a vida é fugaz. Se a vida é tão curta, melhor é morrer... Se não nascêssemos não

teríamos a angústia que somos nada, a exiguidade da vida desperta insegurança no homem desde o nascimento á morte.

Chora humanidade que hoje é tudo e amanhã será nada!... Chora alma minha que hoje é vida e amanhã será o meu cadáver depositado no inferno, onde os vermes não deixarão em paz as minhas frias carnes, devorando as carnes boas e as carnes más!... Se as promessas de vida eterna e remissão dos pecados de Jesus Cristo não se cumprirem, debalde foi nossa luta entre o bem e o mal!...

Autor: Rilvan Batista de Santana
03.10.2011.

32

O desespero do Diabo

R. Santana

Não faz muito tempo o Diabo reuniu os seus assessores e comunicou o seu desespero: - Eu estou farto de tanta gente ruim! – Assim começou o Senhor das trevas... No seu discurso, alegou que quando rompeu com Deus, pensou fundar o “Império das Trevas”, de gente boa, gente santa, gente direita, gente que não lhe desse trabalho, por isto, deu muita abertura, escancarou as portas do Inferno, mas fazer o quê? Estava sozinho! Precisava de gente para fundar o seu reino, gente pra colocar a mão na massa!... Pensou que no decorrer dos Séculos, ele pudesse separar o joio do trigo, mas o diacho é que só tinha joio não tinha trigo, os filhos de Deus desconfiaram de tanta bonança, do caminho largo demais, sem percalços, tudo permitido e aceito, esmola grande até cego desconfia, então, os filhos de Deus enveredaram pelo caminho estreito e o tiro tinha saído pela culatra!...

Reconhecia o seu erro logístico, deveria ter imitado o Altíssimo e ter estabelecido regras rígidas de conduta, pois quem o procurasse, seria por convicção, seria por amor, lhe fosse fiel, não lhe traísse as ideias, lhe fosse companheiro, amigo, mas lhe restou: malfazejos, assassinos desalmados, políticos venais, comerciantes inescrupulosos, juízes corruptos, policiais criminosos, padres e pastores pedófilos, traficantes, afora os escravos do vício e da luxúria. Portanto, iria reunir o seu staff e conversar com o Criador, não foi Ele que criou o homem? E, completava: - Quem pariu Mateus que balance...

Pela misericórdia de Jeová não lhe foi difícil ser ouvido:

- Altíssimo, confesso-Lhe que fui vencido, não cuidarei mais de alma humana – começou o anjo rebelde -, quero Lhe entregar todas as almas que estão no inferno!...

- Lúcifer, quando criei o homem, Eu lhe dei raízes e asas...

- Senhor, o homem não soube usar o conhecimento nem o livre arbítrio, hoje, o homem é a maldade em si... Não nasce bom como disse Rousseau, ele já nasce mau!... –

O Senhor deu corda ao Diabo:

- O quê tu queres Satanás?

- Tu deste a vida ao homem, agora, Tu dê-lhe o céu como abrigo...

- Satanás, o homem foi a única criatura que me agachei... Eu peguei o barro e o modelei à minha semelhança, portanto, Eu o amo, se tu o converterdes, o céu será o seu refúgio!

- Senhor, varei Séculos ensinando Te arrenegar, como irei, hoje, convencer o homem Te amar!?

- Espírito das Trevas, o meu amor é infinito, conhecestes o meu fiel servo Abraão e o desafio que lhe fiz quando intercedeu para que Sodoma e Gomorra não fossem destruídas?... Ide e mostre tua verdadeira face e os homens arrependidos terão o céu como abrigo!...

Leitor amigo, o Anjo que me contou esta história, jurou de pés juntos, que o Arrenegado vociferou, vociferou, vociferou... mas não voltou mais ao céu, menos ainda, na presença do Senhor... Mais uma vez as Escrituras Sagradas se cumpriram quando diz: "... demais, entre nós e vós está firmado um grande abismo, de modo que os que querem passar daqui para vós não podem, nem os de lá passar para nós..." (Lucas, 16:19-31). E, o Anjo completou:

- Filho, o Inferno está em polvorosa e o Bruxo das Trevas em maus lençóis. Descobriram o que ele foi fazer no Céu, agora, é chamado pelos opositores de "traíra", "Joaquim Silvério dos Reis", "Judas", pois além dele quebrar a hegemonia de poderes, ele não consultou os infernenses... – não o deixei concluir:

- Quem lhe faz oposição?

- Os criminosos, os pervertidos, os sindicatos, os ladrões, os pedófilos, professores enganadores... – insisti:

- Anjo, eu quero saber dos políticos!?

- Ah, ah, ah!... Políticos? Alguns políticos querem ser o presidente do Inferno!

- Meu Anjo, os nomes?...

- Saddam Hussein, Bush, Hitler, Pinochet, Papa Doc, Stalin... - eu o interrompi novamente...

- E brasileiro?

- F. Pei..., Méd..., AC..., C. Sil..., C. Bran..., Fig..., C. Pres... C. Marigh..., G. Var..., eles preferem ser o primeiro no Inferno a ser o segundo no Céu... – continuou:

- Mas o brasileiro é jeitoso de natureza, é manhoso, é malandro, é escorregadio, é oportunista e gosta do poder... Por enquanto, ainda estão com Satanás, mas quando a turba do mal se levantar contra o Tinhoso, os brasileiros darão o bote e assumirão o comando do lugar das trevas.

Leitor amigo, a declaração do Anjo me fez pensar quão difícil será a extinção do mal porque nem o Diabo dá conta...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 04.09.2011

Sempre gostei de ser o último da assembleia ou o último da mesa. Acho que nunca perdi o complexo de inferioridade, aprendi com o mundo. As pessoas, afora os bajuladores, nunca elogiam, sempre elas querem puxar o tapete. O primeiro romance que publiquei, fiz a introdução elogiando um conhecido professor de português desta terra, mas ao invés de me agradecer, de me parabenizar pela criatividade e coragem de exposição, ele teceu críticas sobre as sutilezas da língua, mais uma questão de estilo.

Resguardando as devidas proporções históricas e saber, a mesma coisa das “Réplicas” e “Tréplicas” de Rui Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro.

Às vezes, prefiro sacrificar uma próclise, uma mesóclise ou uma ênclise, por exemplo, mais por ser agradável ao ouvido do que não sacrificar as normas da gramática. A língua é dinâmica, quem faz o idioma é o povo, o que é errado hoje pelos filólogos, é incorporado amanhã pela força da repetência popular. É evidente que as convenções têm que ser seguidas, mas sem prejuízo da comunicação e da criatividade.

Caro leitor, eu não quero lhe ser enfadonho, o preâmbulo foi para justificar o título e o episódio que lhe irei contar e que me deu força e ânimo para continuar escrevendo, mesmo que alguém não goste do que escrevo, escrever para mim é um prazer, é um gozo, é uma maneira de exorcizar o “demônio de ideias” que me persegue. E, sou feliz viver no tempo da Internet, pois não existe barreira de comunicação e divulgação, se daqui alguns anos o que escrevi não for alimentado, não for literatura, o destino será o lixo eletrônico.

O episódio ocorreu no início dos anos 70. Escrevi, naquela época, algumas crônicas para o “SB Informações e Negócios”, semanário de Nelito Carvalho e redator o poeta e jornalista Plínio Aguiar. O “SB Informações e Negócios” era o jornal de maior prestígio de Itabuna, naquele tempo, um luxo editorial, combativo e independente, em seu quadro funcional integrava os melhores jornalistas e articulistas, os leitores e os intelectuais afirmavam sem pejo que “o domingo sem o SB em Itabuna não é domingo”, com razão, o jornal de Nelito Carvalho foi um diferencial no jornalismo itabunense.

Dentre essas crônicas que escrevi para o “SB Informações e Negócios”, duas ficaram registradas na minha memória: “Buracolândia” e “Colônia Nosso Lar: Obra de fachada”. A primeira, por tecer uma crítica humorada e de fina ironia pela buraqueira da cidade; a segunda, por mexer na obra social de Fernando Dantas, nesta quase fui linchado.

A “Colônia Nosso Lar”, hoje, é o “Lar Fabiano de Cristo”. Fernando Dantas adquiriu uma área significativa e fundou uma casa de utilidade pública que abrigava e alimentava menores carentes e que não tinham pais. Lá, havia escola, horticultura, quadra de esporte e um zoológico, tudo bonitinho, tudo arrumadinho, mas havia muita conversa desairosa na comunidade sobre a finalidade das verbas públicas e comportamentos suspeitos de funcionários com os menores. Com base nesses fatos, fiz a minha crônica: deu um pega pra capar, uma dor de cabeça dos diabos, ameaça de

processo e outras coisas, mas Nelito e outros amigos influentes aguentaram as pontas e ficou o dito pelo não dito.

Ney Ferreira, coronel da reserva da polícia militar, professor de Direito da UFBA, genro de Antônio Balbino e deputado federal, leu uma dessas crônicas e quando o saudoso deputado estadual Daniel Gomes informou-lhe que me conhecia, Ney Ferreira pediu-lhe que me convidasse, fui encontrá-lo no apartamento presidencial do “Lord Hotel”:

- Mas é um menino!...

- Ney, já passa dos dezoito anos de idade! – informou-lhe Daniel Gomes, brincando.

- Franzino e baixinho, Daniel, não lhe daria mais do que 17... – virou-se pra mim:

- Rapaz, eu gostei de sua crônica, você escreve como gente grande, parabéns!

Até hoje, desconfio que foi conversa de político, o deputado federal Ney Ferreira quis conquistar o meu voto e os votos dos meus eleitores, ele era candidato à reeleição e o cronista tupiniquim, candidato a vereador.

Porém, deixei seu apartamento cheio de sonhos de escritor: Nei Ferreira, advogado de quatro costados, genro de governador, presidente do Vitória de Salvador, oficial da polícia baiana, um dos próceres do MDB nacional, político de vasta experiência e prestígio tinha elogiado a minha crônica, confesso-lhe leitor, saí da lá com 2 m de altura de vaidade e 120 kg de presunção: - porque foi o dia que alguém me fez sentir importante!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 25.01.2013

34

O Fuminho

R. Santana

Nos idos de 1947, o bairro São Caetano era um aglomerado de poucas casas espalhadas, cercadas por roças de cacau, roças de mandioca, bananeiras, jaqueiras, canaviais, frutas em abundância, muita mata e uma fauna maravilhosa. Sua gente era de trabalhadores rurais, pequenos cacauicultores, pescadores, caçadores, oleiros,

carpinteiros, marceneiros, lavadeiras, parteiras, benzedadeiras, pedreiros, açougueiros e alguns minguados bodegueiros.

A vida no povoado corria sem novidade, monótona, lazer só para os machos, à noite, nas casas das caftinas Helvécia e Rosa, ou, algum bate-coxa de final de semana em cabaré fétido, quando dois sujeitos roubaram umas bolas de fumo de algum armazém da iniciante Itabuna, e, numa canoa (a ponte Lacerda estava em construção), atravessaram as água limpas e caudalosas do rio Cachoeira e vieram ao povoado passar as bolas de fumo ao atravessador.

Os elementos, ladrões chinfrins, foram presos, logo depois, com o atravessador, o bodegueiro Permínio, que tinha uma bodega no início, hoje, da avenida princesa Isabel. Naquela época, não havia Direitos Humanos nem humanos direitos, advogado era luxo, coisa de gente rica, os pobres diabos devem ter levado uma boa surra de cipó-de-boi ou foram corrigidos com palmatória de jacarandá e soltos.

Porém, o imbróglcio do roubo das bolas de fumo, serviu para despertar o sentimento bairrista dos poucos moradores contra os deboches e desdéns dos cidadãos que passaram chamar o seu lugarejo de “Fuminho”. Se alguém do outro lado do rio Cachoeira se atrevesse chamar o São Caetano de “Fuminho” ao habitante do lado de cá, poderia não dar briga, mas a reação e o repúdio eram imediatos de menino ao velho.

No entanto, não foi a primeira nem a última vez que o bairro São Caetano foi ameaçado do seu nome ser substituído. Com o assassinato do presidente dos E U A, John F. Kennedy, em 22 de Novembro de 1963, os bajuladores dos ianques espalhados em todo mundo, deram o seu nome, in memoriam, aos bairros, ruas, praças, jardins etc. Nós, de terras tupiniquins, das terras do sem fim, não fugimos à regra. O vereador Antônio Calazans, velha raposa política, quis pegar o bonde da História e elaborou um anteprojeto de lei que mudava o nome de São Caetano para bairro presidente John Kennedy. A reação dos líderes comunitários Pedro Batista de Santana (Pedro do Bar), Eduardo Fonseca e o povo, foi enfurecida, irrefreável, movimentos de protestos pipocaram nos quatro cantos do bairro.

Os reclames do povo e dos líderes comunitários chegaram ao prefeito, o Sr. José de Almeida Alcântara (apelidado carinhosamente pela meninada de “Arranca”, derivativo deformado de Alcântara), mestre da demagogia e da encenação. Ele foi sensível e oportunista aos protestos e reclames da comunidade caetanense, prometeu aos líderes e à comunidade, negociar com os vereadores, vetar o projeto, tirou proveito político o quanto pode...

Os vereadores Calazans e Antônio Côrtes (relator da matéria), insistiam em submeter o projeto à assembléia para votação final, estavam irredutíveis, queriam a qualquer custo americanizar o bairro, trocando “São Caetano” por “John Kennedy”, a data da votação foi definida, parecia que os caetanenses estavam na casa do sem jeito, num beco sem saída, teriam mesmo que embolar a língua e pronunciar: - John Kennedy!...

O dia D chegou. Os vereadores estavam convencidos da aprovação fácil do seu projeto, pouco se lixando para população, quando o prédio da Câmara de Vereadores (atual prédio da 27ª. Zona Eleitoral), a Praça Olinto Leone e as ruas circunvizinhas, foram tomadas de assalto por milhares de populares, moradores do bairro São Caetano e doutros bairros, gritando palavras de ordem, discursos, carro-de-som, faixas, cartazes, apitos, numa demonstração de cidadania e civismo nunca visto.

Calazans acuado, sem respaldo popular, sem apoio político das autoridades da cidade (exceto seus pares), numa saída de mestre, esvaziou o plenário da Câmara, suspendeu o projeto por falta de quorum, articulou com os líderes do bairro uma nova proposta: não mudar o nome do bairro, mas manter a homenagem ao presidente americano, dando-lhe o seu nome à principal avenida, por muito tempo, o São Caetano teve sua “Avenida Kennedy”, mas graça ao sentimento patriótico das novas gerações, a posteriori, foi batizada com o nome de gente nossa: - Avenida Manoel Chaves!...

Portanto, “São Caetano” continuou “São Caetano”, nome de santo da Igreja Católica e justa homenagem foi feita ao lavrador José Batista Caetano, o fundador do bairro São Caetano.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 02.02.2011.

35

O pestinha

R. Santana

O diacho da criança não deixava a jovem mãe em paz na fila do caixa do mercado. Deveria ter no máximo uns dois aninhos de vida. Bulia nos doces, nos barbeadores, nos jornais, tudo que estava exposto à beira do caixa, de quando em vez berrava de choro a qualquer intervenção da mãe que lhe contrariasse.

Rechonchudo, cabelos loiros anelados, feições viçosas, um garoto bonito e saudável... Se o diabinho não fosse tão estripulento, dava-se gosto colocá-lo nos braços em aconchego.

De repente, uma senhora, atrás da fila, incomodada com as más-criações do fedelho, irrompe agastada:

-Moça, repreenda essa criança!... - a jovem mãe bufou:

-Quem é a senhora para me mandar ralhar com o meu filho?

-Desculpe-me moça. Apenas, pedi-lhe para conter os viços e as más-criações da criança...

O pestinha nem estava aí para o entrevero, pulava no carrinho-de-feira, esticava os cabelos da mãe e choramingava:

-Ma... ma... maaaa... ma... ma... maaaa!... – outra senhora da fila, menos refinada:

-Dê mama a esse pestinha para nos deixar em paz! – gritou.

Não houve mais papo. A mãe, ofendida pelo xingamento de “pestinha”, avançou pra cima da senhora como uma leoa e a luta se deu...

Não houve morte nem ferido, os seguranças deram um basta no conflito, contudo, não foram diligentes suficientes para evitar que a mãe levasse uns bons tabefes das matronas que se uniram na desavença...

O fedelho alheio à briga, continuou berrando e choramingando:

-Ma... ma... maaaa... ma... ma... maaaa!...

Gênero: Conto

Autor: Rilvan Batista de Santana

36

O que é filosofia?

R. Santana

Não sei. O saudoso professor Flávio Simões dizia que filosofia: “... é procurar um gato preto num quarto escuro e o gato preto não se encontra lá”. Claro que não passava de bazófia do professor, de brincadeira, uma maneira espirituosa de Flávio Simões definir o que não se define. Um dos primeiros impactos do iniciante de filosofia é não encontrar resposta pronta na busca do conhecimento. As ideias positivas não têm

lugar na filosofia. Sócrates, com sua maiêutica, foi o pensador que deu rumo e método às discussões filosóficas.

O significado etimológico da palavra é de origem grega: “Philo” e “Sophia”, que é “amor à sabedoria”. O objeto primeiro da filosofia é o estudo do ser, causa primeira, princípio e fim em si mesmo, mas o estudo da natureza (os pré-socráticos), da Ética, da Lógica, da Sociologia, da Gnosiologia, da História, da Antropologia, “faz parte”, como diria o big brother Bambam, encimada pelas experiências do pensamento, do raciocínio lógico, da análise e da síntese.

Caro leitor, no início dos anos 70, quando comecei estudar filosofia, ocorreu um episódio que jamais esquecerei: egresso do curso “científico”, aluno esforçado, mas sem brilho, acostumado com matérias menos abstratas e mais objetivas, eu obtive aprendizagem insuficiente na primeira avaliação de Gnosiologia da professora Helena dos Anjos (este nome de gnosiologia é difícil de pronunciar, parece estrambótico, mas não é nada mais, nem nada menos, do que a teoria sistematizada do conhecimento), fui às lágrimas, pois havia estudado dias a fio o conhecimento na visão de pensadores gênios como Aristóteles, Locke, Hume, Kant, etc., etc.

Porém, fazer filosofia não é bicho de sete cabeças, é refletir a realidade do dia a dia sem a preocupação dos seus mistérios. Que importa saber quem veio primeiro se o ovo ou a galinha, se essência ou existência, se descendemos de Adão e Eva ou somos primos do macaco de Darwin e se o fim do homem é a morte, são discussões estéreis!...

O filósofo não é um ser alienado da realidade que vive em perene contemplação, mas um homem que se distingue por aprofundar seu pensamento na sociedade e nas coisas do mundo. Os estereótipos construídos ao longo do tempo de filósofo andando nas nuvens ou de comportamentos excêntricos não se sustentam nos dias atuais. Hoje, fazer filosofia é buscar solução existencial, é compromisso moral e intelectual com o outro, sem necessariamente, renunciar às questões metafísicas.

Por isso, é difícil definir filosofia face sua abrangência intelectual, o seu objeto de estudo é a reflexão do conhecimento e o conhecimento por si não é estanque é de natureza infinita, didaticamente, ela foi definida por “amor à sabedoria”, pois é o amor ao saber que faz o homem filósofo. Certas discussões filosóficas como a existência de Deus, de espírito, de alma, o que é vida e seu significado, se a morte é o fim em si mesmo ou a se a morte é, apenas, outro estado de matéria, são discussões inúteis se não forem respaldadas pela fé e pela ciência.

Parodiando Aristóteles, o homem é um animal político e um filósofo, o homem consciente faz digressão da existência e do mundo todo tempo. Se ele não faz política partidária, faz política na família, na escola, no trabalho, no lazer, então, é envolvido por políticas públicas, do mesmo modo, o homem é um ser que pensa, sofre, se angustia, gosta, ama e persegue a felicidade.

Portanto, não é necessário saber o que significa filosofia, é necessário viver filosofia, distinguir o bem e o mal, desejar para o outro o que deseja para si, não corromper e não se deixar corromper, ser solidário com o sofrimento do próximo, sublimar o defeito do amigo e mais tolerante com o inimigo, agradecer a Deus pelo dom da vida, ter tentado mais e aprender com o que não deu certo, não fazer do conhecimento uma obsessão, não desperdiçar a vida com elucubrações fúteis, viver como se cada dia fosse o último na prática das boas coisas.

Filosofar é que mantém o homem vivo. O homem é o único animal que medita, que raciocina e que é capaz de matutar pensamentos e ações. Sócrates discutia filosofia com jovens, sofistas, soldados e gente do povo de maneira simples e descomplicada. Platão enquanto passeava pelos jardins de sua academia, refletia com os seus discípulos os temas que açambarcavam o conhecimento daquela época.

Enfim, filosofar é a arte de suavizar os problemas existenciais do homem sem negligência dos valores morais e estéticos, melhor do que definir filosofia é conduzir a vida na busca da verdade e do amor. O homem nasceu pra ser feliz na simplicidade, porém, se a vaidade, o egoísmo, o orgulho e a inveja prevalecem nele, decerto, ele contraria os desígnios de Deus e será infeliz sempre.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 15 de janeiro de 2013.

37

O retrato

R. Santana

Entre um gole de whisky e outro, à beira da piscina, Narvil não se cansava de fazer considerações sobre aquela velha foto de 20 x25. Embora a foto não lhe tocasse o coração, Nadva ajudava o marido tecer conjeturas sobre o passado

distante. Ela compreendia a angústia de Narvil, aquele pedaço de papel representava um corte no tempo, um tempo finito em um tempo infinito. Embora a foto tivesse parado o tempo, o tempo continuou e os personagens não eram mais os mesmos, até o papel estava pardo pela ação do tempo, jamais aquelas circunstâncias se repetiriam... Nem os objetos que davam forma ao cenário não eram mais os mesmos, o tempo teria se incumbido de transformá-los, ou, pouco e pouco desgastá-los.

Nadva quis saber do marido quanto tempo tem a foto? 50 anos? 60 anos? Mas o que representa 50, 60 ou 70 anos num tempo infinito? Nada de nada. Não teria sido melhor se o homem não tivesse inventado o relógio? Não! O tempo é abstrato, mas a ação do tempo é palpável e não é retroativa. O tempo caminha sem pressa, o homem é que tem pressa, mas o tempo continua e o homem fica.

Nadva não quer esmiuçar as sutilezas do tempo, tampouco, o significado daquela velha fotografia, aliás, se Narvil não fosse um dos personagens da foto o destino dela seria o lixo, não iria se debruçar em um pedaço de papel em branco e preto para descobrir o que ali se encerrava. Naquela manhã de sol, Nadva não desejava outra coisa, senão, curtir o banho de piscina, ler um bom livro e que o sol fosse o sol de Diógenes e Narvil não fizesse sombra como fez Alexandre, o Grande, mas de tanto ele lhe perguntar, limitou-se responder suas perguntas, de quando em vez, metia o bedelho:

- Este aqui (apontando com o olhar), atrás de Rasec, não quis aparecer, não foi!?

-Não, querida, deve ter sido falha do fotógrafo, ou a posição que ele se encontrava, ou ele não era da família, observa-se que o fotógrafo preocupou-se em captar à família!

- Olhe, eu não quero lhe agradecer, mas o meu queridinho (fez carinho na cabeça de Narvil) aqui, tem uma postura de príncipe!

- Príncipe! Eu? Não exagere querida!

- Não estou exagerando... Você sentou-se em ângulo reto, segura o copo de bebida, delicadamente, nas pontas dos dedos, bem penteado e bem vestido, como se tivesse se preparado para o momento, além de uma imagem bonita – prosseguiu com o comentário:

- Rasec está despenteado, nem aí para câmera, com cara de pouca amizade para seu pai e seu irmão mais velho que entornam a garrafa com gosto. Não se sabe a razão, Rasec é o único que não está bebendo. Ramelc, seu irmão mais novo, com o copo de bebida pelo meio, olha-o com jeito de gozação, e, sua mãe fixa-lhe um olhar de admoestação! Você, meu amor, com o olhar pensativo, é o único que saiu bem na foto...

- Gosto de ver a foto com o olhar de saudade, não com o olhar de crítica, portanto, não temos o mesmo parecer!

- Concordo. O meu olhar é de análise, é de entender, é de procurar, é de leitura, é de buscar significado, eu não estou dentro da foto!

- Querida Nadva, veja a vida, apenas, com os olhos do coração, entender o quê?...

- Mas querido, a curiosidade cativa o espírito. Seria importante, se com o olhar de análise, compreendêssemos o verdadeiro significado, por exemplo, desse momento de família na foto!

- Pra quê? A câmara fez um corte no tempo, aí nada muda, a não ser a nossa percepção de beleza. Se alguém encontrar o belo no feio irá lhe satisfazer o espírito e a foto passará ter significado e não o registro histórico de um fotógrafo!

- Meu amado Narvil, eu sou uma administradora de empresa, trabalho com número, estatística, meta, desempenho, projeto, estimativa, tudo concreto, enfim, não tenho sensibilidade e alma de poeta para descobrir o feio no belo, a beleza das obras de Picasso, de Paul Cézanne, dos pós-impressionistas... Para mim, não importa a beleza das flores, mas se uma floricultura é viável ou não no mercado. Nesta foto, por exemplo, gostaria que

você me informasse o paradeiro dos retratados, se foram ou são homens empreendedores, ou, uns derrotados da vida!?

- Se eles são empresários ou foram empresários?

- Para ser um homem de sucesso não é condição sine qua non ser empresário. O homem pode se realizar em qualquer atividade, mesmo a literária e de ensino que é o seu caso, mas tem que ter atitude, perseverança, determinação, objetivo, foco, é a receita do sucesso, se alguém passa na vida por passar, é um fracassado! – Narvil a aplaudiu de pé:

- Muito bem! Muito bem! Muito bem! Agora, eu lhe compreendo, o seu conceito de sucesso é amplo, não é somente, os resultados do mercado, mas a posição do homem diante do mundo, não é “deixe a vida me levar”, assim, satisfarei sua curiosidade e lhe adianto: todos, nesta foto, com exceção deste (indicou a foto com um gesto) que a câmara registrou só o cabelo e não me lembro dele, todos são homens de sucesso!

- Ufa!!! Estamos nos entendendo... Agora, me fale do paradeiro deles, se todos moram aqui e eles fazem, hoje, o quê?

- Bem, Ordep e Aslec, os pais, estão de idade avançada e moram nesta cidade. A velha está muito doente. O velho, ainda se aguenta nas pernas e faz do trabalho terapia, porém, com mais de 86 anos de vida, não é mais o mesmo homem rijo da foto. Construíram um bom patrimônio, mas o patrimônio maior foi ter educado e formado todos os filhos: Oslec é engenheiro agrônomo, Rasec, juiz de direito de uma cidade não muito longe daqui e Ramelc é funcionário de um grande banco do país em Brasília, quanto a mim, não lhe será necessário contar a minha trajetória, você conhece tudo que fiz e conquistei, até os meus defeitos, as minhas qualidades e os meus sonhos!...

- Não é verdade que lhe conheço. Aliás, ninguém conhece ninguém, o homem é uma caixinha de segredo de atitudes inesperadas!

- Por exemplo?

- Sacrificar o ócio da manhã para suscitar lembranças de um passado esquecido na gaveta da saudade!

- Parabéns! Parabéns! Parabéns! Aplausos para mim, senhora, pois acabo de descobrir na administradora uma poetisa que se nega fazer poesia... – e correu pra piscina.

Não se pode negar o absurdo de Camus e de Heidegger, a impossibilidade acontece, uma corrente de vento apareceu do nada e foi varrendo tudo que encontrou. A foto foi puxada pela corrente de ar sem resistência, como uma pluma, subiu aos céus e desapareceu.

Narvil não conteve o pranto e chorou, chorou, chorou...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Licenciado: Creative Commons

Itabuna, 02 de maio de 2013.

38

O segredo

R. Santana

As peraltices de Karina e suas traquinagens davam-lhe graça e beleza ao invés de torná-la mal educada e birrenta. Naquela tarde teimou contar um segredo à Amanda, sua mamãe, mas exigia-lhe que ninguém lhe ouvisse, nem mesmo os totós, o canário e o gato, ela queria cochichar ao ouvido da mãezinha um segredo.

- Mãeinha... mãeinha... é um segredinho... bem pequenininho!...

A jovem mãe, grudada ao computador, ciosa em fechar um relatório de trabalho e acostumada com as peraltices de Karina, às vezes, com brincadeiras exageradas pelo fogo da idade, não estava prosa:

- Filha, eu estou ocupada, conte ao papai!...

- Já falei... – Amanda protela:

- Conte ao totó!

Silêncio.

-Mãeinha... mãeinha...

- Quê é Karina?!

- Já contei a Billy!...

- Ele disse o quê? – Amanda adiava...

- Hein?...

- Billy falou o quê?

- Latiu e me deu um beijo!

Silêncio.

-Mãeinha... mãeinha... é um segredo pequenininho!...

- Conte, agora, a Hanna!

Silêncio.

-Mãeinha... mãeinha...

- Fale filha!

- Totó gosta de Karina!...

- Eu também gosto de Karina!

Silêncio.

- Mãeinha... mãeinha... é um segredo pequitinho!...

-Deixe a mamãe trabalhar!

Silêncio.

- Mãeinha...

-Hein?!

- Lolita disse que você não gosta de Karina!...

- É mentira! Essa gata...

-Por que mãeinha não deixa falar meu segredinho?... – já com bico de choro...

- Conte ao canário!

Silêncio.

- Mãeinha, o canário cantou que Karina é linda!...

Silêncio.

- Mãeinha...

- Karina me deixe em paz!!!

Foi a gota d' água... Ela correu para o quarto, agarrou-se à boneca e abriu o berreiro:

- Mãeinha não gosta de Karina!... Mãeinha não gosta de Karina!... Mãeinha não gosta de Karina!...

Amanda desabou... Correu atrás dela, ninou-lhe junto ao peito, e, quis saber o segredo:

- Qual o seu segredo, filhinha? Qual o seu segredo, filhinha? Qual o seu segredo, filhinha?...

Karina puxou a cabeça da mamãe à altura de sua boquinha e cochichou:

- Karina ama mãeinha de coração!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: Conto

39

Otelo de Akira

R. Santana

Na minha rua, eu sou conhecido como “Otelo de Akira” ou “Vovô de Akira”, eu gosto do epíteto, Akira não é minha neta, mas é como se fosse minha neta, aliás, gosto mais dela do que as minhas netas de sangue, porque os netos de sangue não me dão nenhuma atenção, tive o desprazer de passar alguns dias na casa dos meus netos, eles não desperdiçavam palavras comigo, sempre tinham alguma coisa importante pra fazer do que conversar com velho, quando muito, “tchau vô”, ou, um pálido beijinho nas bochechas, na saída ou na chegada, e, os pais dos netos não deixavam por menos.

Sozinho num apartamento enorme, eu passava o dia entediado antes de conhecê-la. Distraia-me com a televisão e a leitura, às vezes, ambas me aborreciam e eu corria para jogar conversa fora com outros velhos no jardim, distante poucas quadras da minha residência, porém, o queixume de doença e o apego ao passado dos meus companheiros me irritavam, eles não sabiam aceitar o ocaso da vida e a irreversibilidade do tempo, “se correr o bicho pega e se ficar o bicho come”, logo, é necessário que se sublime o pouco que resta de vida e entender que a morte é o bem maior do homem. A morte encerra todos os males físicos, depois da morte é com o Criador...

Akira foi abandonada na soleira da minha porta, ainda bebê, enrolada de panos e dentro de uma caixa de papelão, eu acho que alguém quis me pregar uma peça ou quis preencher a minha solidão, balbuciei alguns impropérios para o malfeitor, mas uma voz interior gritou lá de dentro: “fica!...”

Hoje, Akira é a alegria do lar. Nós passamos parte do tempo passeando sem compromisso pelas ruas do bairro e a outra parte, nós discutimos a relação do homem com Deus e o significado da vida e da morte. Se acreditasse na metempsicose de

Pitágoras, diria que Akira antes de se reencarnar em yorkshire, teve experiência de sabedoria e ciência, é uma cachorra muito inteligente e percepção aguçada.

Aprendi ler nos seus olhos e no seu latido tudo que me quer dizer. Claro, que não digo para os vizinhos que converso diuturnamente com a minha yorkshire, senão, iria ser estigmatizado de doido, lunático, alienado, maluco, mas a verdade é que conversamos e ela me tem ensinado muitas coisas. A sua mente transmite mensagens telepáticas, mesmo que não dê um latido. Capto tudo que Akira pensa com a mesma facilidade que conversasse com alguém.

Abre parêntesis:

Caro leitor, se o céu não conspirar contra mim, mas me conceda o favor de colocar tudo que penso no papel e a leitura não lhe for enfadonha e cada pensamento meu e de Akira sejam mitigados, espero que no final da leitura, pelo menos, tu me concedas o benefício de Voltaire: “Posso não concordar com uma só palavra sua, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-la.”

Fecha Parêntesis.

Naquela manhã acordei mal humorado, quase não havia pregado os olhos, um amigo de infância havia morrido corroído por um câncer. Nunca o vi se queixar, enfrentou a doença com a resignação de Irmã Dulce e a força de Sansão, nós, os seus poucos companheiros, é que não queríamos entender o seu sofrimento, pois Matheus foi um filho exemplar, um pai extremado, um esposo devotado, um amigo fiel quanto um cão e um homem de fé. Foi neste clima de pesar, que começou o dia:

- Akira, tem gente que de tão bom, não deveria morrer!

- Auau!!!

- Eu sei que a morte não é uma fatalidade, quem moço não morre, velho não escapa... Porém, ninguém deveria morrer com o sofrimento de Matheus, ele não merecia...

- Keihin!

- Então, concorda comigo?

- Keihin! – completou:

- Auau! Auau! Auau!

-Ah!... Você é espírita e a morte é uma passagem... O sofrimento do corpo faz parte do processo de evolução do espírito, sim?

- Keihin!

- Akira, me desculpe, mas não acredito em reencarnação! O homem não é uma planta que morre e sua semente faz renascer outra planta igual, é uma tese que não se sustenta na lógica!

- Auau! Auau! Auau?

- Se eu acredito na ressurreição? Não, eu não acredito!

- Auau! Auau! Auau?

- Em que acredito? Em Deus, mas não acredito que Deus permita o sofrimento do homem e de suas criaturas. A história de Adão e Eva é muito fraca para justificar os males da humanidade, a origem do pecado, o bem e o mal, acredito que é maior o plano de Deus e o nosso sofrimento se encaixe no “mundo das possibilidades” que estamos sujeitos desde o nascimento!

- Nahum! Nahum! Nahum!

- Não entendeu!?

- Eu vou lhe explicar e não se apoquente, porque o “mundo das possibilidades” é um princípio filosófico fácil e prático e desmistifica muita coisa arraigada na mente humana há séculos: não existe castigo divino, destino, acaso, determinismo, premonição e o livre arbítrio é uma “possibilidade”... – Akira ficou impaciente:

- Auau! Auau! Auau!

- Calma, minha linda yorkshire!

- Auau! Auau! Auau!

- Você quer exemplo?

- Keihin! Keihin! Keihin!

- Olhe, antes irei lhe dizer para melhor entendimento que as possibilidades podem ser: necessárias; contingenciais e reais. A necessária é a que se impõe por si, não deixa de ser, que eu queira que eu não queira, é verdade absoluta, portanto, a possibilidade necessária é Deus. A possibilidade contingencial é de natureza absurda, fere as leis da razão e o bom senso de Descartes. E, a possibilidade real é quando as condições socioambientais confluem para determinado fim... – Akira estava impossível:

- Auau! Auau! Auau!

- Você não quer conversa fiada, não é nervosinha?

- Keihin! Keihin! Keihin!

- Bem, já lhe disse o que é “possibilidade necessária”, não foi!?

- Keihin!

- Quer que eu teça mais comentários?

- Nahum! Nahum! Nahum!

- Então, minha querida Akira, eu dou-lhe de exemplo o lamentável afogamento na piscina, seguido de morte, não faz muito tempo, de um garoto de 3 ou 4 anos de idade, numa escola de elite em São Paulo, não obstante o seu aparato logístico de segurança. Claro que o funesto incidente não foi uma punição divina aos pais ou algum carma do filho, mas a possibilidade contingencial! – Akira pulava de contente e suplicou-me o exemplo da possibilidade real, porém, lhe perguntei se ela tinha entendido as possibilidades, necessária e contingencial, assentiu com a cabecinha.

- Olhe minha pequerrucha, particularizar princípio filosófico é imprudência, contudo, o seu pedido é uma ordem, vamos lá! – acrescentei:

- Se o pai de Joãozinho é cantor e sua mãe uma atriz, ele está cercado de circunstâncias socioambientais para ser, também, um artista, porque são as possibilidades reais, circunstanciais, todavia, nada impede que Joãozinho seja um astronauta da NASA, um piloto de Fórmula 1 ou um escritor, aí, os elementos “livre-arbítrio” e “vontade” prevalecem! – pensei que Akira se desse por satisfeito com este último exemplo, ledado engano:

- Auau!? Auau!? Auau!?

- O que tu me pedes agora, sua peralta, é difícil de responder, aliás, eu não sei responder, era o que Sócrates mais exortava: “Conhece-te a ti mesmo”, tu me perguntas além: “Quem eu sou?”, “De onde vim?” e “Para onde vou?” perseguem o homem desde que o mundo é mundo. Descartes deu uma resposta que justifica a existência do homem “Cogito ergo sum”, então, “Dubito, ergo cogito, ergo”, mas sua identidade e o seu fim permanecem difícil de compreender! – Akira não se fez de rogada:

- Auau!? Auau!? Auau!?

- Se eu não acredito na ressurreição e na reencarnação, em que acredito? É o que tu me perguntas?

- Keihin! Keihin! Keihin!

- Bem, não sei quem sou eu, de onde vim nem para onde vou, ousaria dizer que nós somos mais do que matéria física, mas não sei se podemos chamar esse “mais” de espírito, de alma ou coisa que valha... Tenho lá as minhas suposições, mas me reservo externar!

- Auau! Auau! Auau!

- Para lhe dizer?

- Keihin!

- Não! Não! Não!

- Prometer lhe dizer outro dia?

- Keihin! Keihin! Keihin!

- Tudo bem, outro dia lhe direi!

- Auau! Auau! Auau!

- Não acredita? Então, juro por Jesus Cristo, Moisés, Maomé e o Deus de Abrão!

- Auau! Auau! Auau! – pergunta-me se sou ateu que o “mundo das possibilidades”, parece coisa de ateu:

- Não, minha amiga, não sou ateu, mas a fé pela fé não tem sentido, é preciso se discutir e desmistificar alguns dogmas religiosos. O homem é suas circunstâncias... Deus não permite nem pune ninguém. Se uma criança morre de uma doença incurável, não foi Deus que quis ou deixou, mas é que havia essa possibilidade patológica nos seus genes e não um castigo dos céus. O princípio da possibilidade se destrinchado, poderá estabelecer um novo padrão de conduta e comportamento do homem e melhorar sua relação com o Criador... – Akira queria mais:

- Auau! Auau! Auau!

- Se eu sou criacionista? Não o criacionismo da Bíblia! Diria que acredito na criação e na evolução No princípio do mundo, minha yorkshire, não havia luz e Deus disse: “Faça-se a luz!” (Gênesis 1,3). Ora, se não havia luz, Deus estava mergulhado na escuridão, aí começa a incoerência exegética... Por quê? Se Deus é luz infinita, não poderia estar na escuridão! Por último veio a criação do homem com Adão e Eva, em consequência o “pecado original” e depois, Jesus Cristo que se sacrifica na cruz para redimir o homem desse pecado e vence a morte com a ressurreição. O mundo real existe e não o de Platão, mas o mundo biológico e o universo que nós conhecemos, devem ter passado por bilhões de anos de evolução, que não implica negar a criação!

- Keihin! Keihin! Keihin!

- Você concorda? Por quê?

- Keihin! Keihin! Keihin! Auau! Auau! Auau!...

- Entendi, obrigado pela solidariedade teórica, porém, espero que eu e você não estejamos blasfemando!

- Nahum! Nahum! Nahum!

- Vamos comer, minha querida Akira, já é meio dia!

- Keihin! Keihin! Keihin...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna (BA), 02 de dezembro de 2012.

40

São Caetano

R. Santana

O São Caetano, hoje, é privilegiado pela quantidade de suas igrejas, a igreja Santa Rita de Cássia é a mais velha e a mais suntuosa, mas existe templo Adventista, Batista, Testemunha de Jeová, Universal, Assembleia de Deus, Igreja da Graça, além de igrejas dissidentes locadas em salão de garagem, portanto, se algum pesquisador fizer uma enquete, encontrará mais igreja do que bar (não é heresia), o que é generoso para a população, não obstante algumas servirem de fachada para exploração da fé e do bolso de incautos fiéis.

Porém, em tempos idos, muito antes de Frei Joaquim Cameli desembarcar por estas bandas, muito antes dos padres capuchinhos passarem aqui, na época das missões, a fé dos moradores do São Caetano era confiada a Dona Pedrina, Manuel Canguruçu, Mãe Ester, Caboclo Ló e Maria Sertaneja, os primeiros e principais pais-de-santo, filhos de Iansã, Obá, Ibeji, Oxossi, Ogum, Iemanjá e outros orixás, filhos da umbanda de Angola...

O seu sincretismo religioso fazia inveja às idéias ecumênicas atuais. Todos, sem traumas, tinham idéias cristãs permeadas de orixás, salvo, os pais-de-santo charlatães, de interesses escusos, manifestavam crença nos exus como meio de solucionar os males físicos e os casos de possessão dos seus clientes. Naquele tempo, todo barracão tinha um espaço reservado aos santos, à queima de velas, às oferendas e um quartinho escuro cheio de mistério, onde segundo a lenda, o babalorixá mantinha o Diabo preso e o soltava em sessões especiais.

Missa? Missa nos eventos anuais: Sexta-Feira Santa, Natal, Dia de São José e Quarta- feira de Cinzas. Os moradores emperiquitados, roupa domingueira, cabelo brilhantina, desciam a pé, a cavalo ou de carroça para o centro da cidade, no retorno, se despiam daquela parafernália indumentária, arregaçavam a bainha, penduravam os sapatos nas costas e voltavam pegando picula na estrada, às vezes, estrada enlameada.

Porém, os adultos gostavam mais das festas e danças de candomblé, não movidos pela fé, mas pela superstição e requebro dos quadris das morenas e negras ao som dos tambores, possuídas pelos orixás... O som dos tambores era ouvido ao longe e ao invés do som repicado e monótono dos sinos, era mágico o som dos tambores de D. Pedrina ou de Manoel Canguruçu ou de Maria Sertaneja. As filhas de santo, de corpo escultural, de roupa branca e descalça, todo o corpo se mexendo, principalmente, os quadris e os ombros, movimentos eróticos levavam à loucura os filhos de santo, de vez em quando, uma filha de santo embuchava do pai-de-terreiro ou dos filhos-de-santo, aí, o pobre coitado ficava na casa do sem jeito, o jeito era amancebar-se. O pai-de-terreiro participava da dança de candomblé ou ficava sentado num estrado com postura de bispo, abençoando-os e recebendo louvores.

Cada pai-de-santo incorporava um orixá (Bará, Ogum, Oiá-Iansã, Exu, Ibeji, Odé, Otim, Oxalé), estes orixás controlam (conforme a crença), as forças da natureza, portanto, existe o orixá de cura, o orixá para expulsar os espíritos maus, orixá pra controlar as paixões, orixá Tinhoso, orixá para benzer as encruzilhadas, orixá da fortuna, enfim, orixá para fazer o bem e orixá para fazer o mal.

Os candomblés mais arrumados eram o de Dona Pedrina, o de Manoel Canguruçu e o candomblé de Maria Sertaneja. O candomblé de Pedrina era freqüentado pela elite e pelos políticos, a elite, interessada em suas lindas filhas de santo e os políticos interessados no aumento do seu cacife eleitoral. O candomblé de Manoel Canguruçu era voltado para cura de pessoas com obsessão de perseguição, vítimas de bruxaria, endemoninhadas, possessas, e, não para o tratamento de neuroses histéricas, depressão, perturbação obsessivo-compulsiva, esquizofrenias e outras psicopatias. O candomblé de Maria Sertaneja cuidava dos despachos, da coisa-feita e das mandingas de encruzilhada.

Os malucos eram tratados por Manoel Canguruçu por certa “unguentoterapia”, uma substância estranha de rato morto, sapo, urubu, cobra, lagartixa que ele triturava tudo num pilão e deixava de fusão com uma mistura de ervas, após alguns dias, no sol e no sereno, aquilo se tornava uma “pasta putrefata” que era espalhada no corpo do maluco que se não ficasse bom...

Porém, as mulheres malucas, as moças histéricas, de calundu, as moças mal amadas, reprimidas pela ignorância dos pais e dos costumes, cheias de faniquitos, eram tratadas por Manoel Canguruçu com água de cheiro e muita mordomia, as más línguas juravam que elas caíam na lábia e na cama do pai-de-terreiro como a “mosca no leite”.

Um episódio policial acerca do candomblé é contado até hoje pelos moradores mais velhos, protagonizado pelo sargento Mário Silva, delegado do São Caetano naquela época: - As filhas de Iemanjá do Pai João Demétrio, voltavam do Rio Cachoeira com uns tabuleiros de oferenda, vazios, todas de traje branco, pulseiras e argolas, quando foram paradas pelo Jeep Willys do delegado, que autoritariamente, fez as moças subirem no automóvel com os tabuleiros e as levou para cadeia da cidade a pretexto de nada, minto, a pretexto de alimentar o seu ego étlico e autoritário.

Hoje, as histórias de antigamente, parecem contos da carochinha, histórias de Trancoso, fatos inverossímeis, porém, são histórias verdadeiras, credices de gente simples, credices que contribuíram para crença racional e o sincretismo cultural e religioso atuais. Naquela época, padre, pastor, médico, advogado e engenheiro eram de ouvir dizer... O São Caetano daquele tempo era uma comunidade de trabalhadores rurais, jagunços, burareiros, carroceiros, aguadeiros, bodegueiros, retirantes, mestres de ofício, a maioria absoluta, analfabeta e supersticiosa, mas sem essa gente, os caetanenses de hoje, não poderiam contar sua História.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Fonte oral: Pedro Batista de Santana

41

Velho é molambo
R. Santana

Pedro não é letrado, mas é cheio de sabedoria, alguns dos seus ditos influenciaram o meu modo de ver a vida: “Quem moço não morre, velho não escapa”, “Pé de galinha não mata pinto”, “Farinha pouca, meu pirão primeiro”, “Mentira tem pernas curtas”, “É melhor um pássaro na mão do que dois voando”, “Não deseje para o outro, o que não que não quer pra si”, “Entra na forja pra ficar novo, gajão”, “Todo mundo é direito, mas o meu capote sumiu”, etc.

É sabido que esses e outros provérbios são de domínio público, mas, os aprendi com Pedro, portanto quero lhe dar o domínio e a autoria, além disto, ele e o papa são as únicas pessoas que coloco a minha mão no fogo sob sua palavra sem medo de me queimar, Pedro mais do que o papa porque o conheço desde o ventre de minha mãe.

Não faz muito tempo, ele me contou uma história que presenciou numa casa lotérica, entre dois homens, um jovem e um velho disfarçado de moço. Um episódio bobo, de somenos importância, se velho e jovem não chegassem às vias de fato e eles não fossem parar na delegacia de polícia e a história não servisse para confirmar a resistência e o preconceito à velhice.

Contou-me Pedro que o velho com roupas e jeito de novo se ofendeu quando o jovem lhe sugeriu que ele se posicionasse na fila preferencial que tinha menos gente e fizesse jus à prerrogativa de idoso:

- Tio, sua fila está quase vazia!

- Não sou irmão do seu pai ou de sua mãe para que me chame de “tio”!

- Não se incomode com o “tio”, é o tratamento que dispensamos aos mais velhos! – o idoso broqueou:

- Não sou velho, velho é molambo! – o jovem perdeu a estribeira:

- Além de idoso, tu és grosso e complexado!

- E tu és mal educado! Seus pais não lhe deram educação!? – aí começou a baixaria:

- Não fale dos meus pais, Matusalém!!! – quase gritando.

- É melhor ser Matusalém do que cheirador de pó!

- Eu, cheirador de pó!? É mais fácil, velho desassuntado, tu sejas uma bicha enrustida, com esse cabelo rabo de cavalo e essas roupas de garotão do que eu consumi pó! – os clientes intranquilizaram-se com o rumo da conversa, algumas mulheres deixaram a casa lotérica de fininho, os egoístas não se mexeram para conter a discussão, apenas, Pedro interveio:

- Meus amigos, palavras impensadas ferem mais do que navalha amolada, quem diz o que não pensa, ouve o que não deseja, por isto, respeitemos as diferenças e rejeitemos o embate, pois o mal nunca pariu o bem! – o rapaz foi desastroso:

- O senhor é testemunha que tentei ser educado e indiquei-lhe a fila dos idosos, porém, ele foi estúpido. Esse brechó com cara de maracujá enrugado quer ser novo, onde já se viu!? – o velho deu-lhe uma bofetada de supetão, mas o rapaz lhe devolveu a bofetada incontinenti e enrolaram-se no chão.

A polícia foi chamada e apartou os brigões que resistiram separar-se. Eles foram levados à delegacia de polícia e soltos após tremenda admoestação do delegado.

Finda a história, lamentei ao meu amigo, o tempo que lhe dera ouvido pra bobagem, porém, Pedro não se importou com a minha falta de sensibilidade e falou como se eu não estivesse ali:

- Nem sempre o tempo traz maturidade e sabedoria. Muita gente tem rejeição à velhice como se fosse possível ter uma juventude eterna. Desde o início dos tempos que o homem persegue o elixir da juventude, hoje, não é diferente com botox, cirurgias plásticas, cremes de pele, banhos miraculosos, pintura pra cabelo, peitos e bumbuns siliconados, à toa, tudo é reversível, jamais o homem vai dominar o envelhecimento da matéria e a morte – fez uma pausa e continuou:

- O rapaz foi indiscreto, talvez, sem intenção, contudo, lia-se na fisionomia daquele homem, no seu jeito, nas suas vestes, que a velhice lhe é um fardo, um complexo, uma dor difícil de suportar... Certamente, a idade não lhe trouxe maturidade e sabedoria, ele é escravo da aparência, valoriza mais o não-ser do que o ser. Aquele velho ainda não compreendeu o sentido da vida e da morte e o tempo não lhe foi suficiente para que entendesse que a velhice só é sublimada com a certeza que a morte é uma realidade necessária!...

Pedi-lhe desculpa da minha leviandade e não tornei mais vê-lo, por algum tempo, de propósito.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 27 de outubro de 2012

42

Walker Luna

R.Santana

Nunca é demais repetir a frase de William Shakespeare: “Existem mais coisas entre o céu e a terra do que pode supor nossa vã filosofia...”, para justificar o caminho que me levou ingressar na Academia de Letras de Itabuna – ALITA, com o título acadêmico de membro fundador efetivo, sob a égide patronal de Walker Luna. Far-se-á necessário dizer, a priori, antes mesmo de traçar o caminho que percorri até ALITA e discorrer sobre Walker Luna, que nunca persegui tamanha honraria e não tenho mérito para merecê-la, mas o título me foi concedido por um conjunto de circunstâncias alheias

à minha vontade e a generosidade intelectual e grandeza moral de homens da terra do cacau.

Embora apaixonado pela leitura e escrita desde jovem, não sou escritor no sentido lato do termo, um profissional da palavra, um mestre da criatividade da prosa e do verso, um artista da expressão e da forma, mas um escrevinhador de poucos recursos linguísticos e literários, sem talento criativo, sem conhecimento científico ou técnico, mais um aprendiz e um autodidata, que pouco sabe usar a estética da palavra e o conhecimento da ciência.

Aprendi gostar de literatura desde cedo nas feiras-livre com os cantores de cordel. Qual o garoto de passado distante que nunca parou numa praça para ouvir um trovador cantar sua história de trancoso?... Eram contos da carochinha, histórias de príncipes desalmados e princesas socorridas por um herói surgido do nada; reis tiranos e rainhas submissas; bruxas malvadas e homens virando lobisomens, cangaceiros e volantes, padres e mula-sem-cabeça, etc.

Porém, foi na juventude, no colégio, que tomei conhecimento das diversas escolas literárias e seus principais escritores. Como todo estudante, li **an passant** a literatura portuguesa com Camões, Eça de Queirós, Gil Vicente, Castilho e Fernando Pessoa e os seus heterônimos, Alberto Caieiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos e na literatura brasileira li Gregório de Matos, Cláudio Manuel da Costa, padre Antônio Vieira, Gonçalves de Magalhães, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e o meu conterrâneo Tobias Barreto, porém, não tomei muito gosto pelos escritores e poetas românticos e do arcadismo, com exceção de Castro Alves e José de Alencar, Gregório de Matos e padre Vieira, mas me amarrei com os escritores e poetas do realismo e a literatura moderna e a literatura contemporânea, que tecerei alguns comentários, a posteriori, de obras e autores.

Conheci a obra de Machado de Assis pelo fim e não pelo começo, isto é, pelo realismo e não pelo romantismo, ao invés de ler Helena, Ressurreição, Crisálidas e Falenas, comecei por Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro. Em Memórias Póstumas de Brás Cubas, intrigou-me e deixou-me chocado o recurso mórbido de um morto contar sua própria história, desde o introdutório presságio, diferente, por isto, peço-lhe licença meu querido leitor, para transcrevê-lo, sem acrescentar nem tirar:

Capítulo I - Óbito do Autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco. Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia -peneirava- uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira de minha cova: -«Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.» Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o undiscovered country de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, -a filha, um lírio-do-vale, - e... Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção. -Morto! morto! dizia consigo. É a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o vôo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, -a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correieiro. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma. Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

Achei uma ideia ousada, um método diferente, naquela época, nunca havia lido nada igual, somente muito tempo mais tarde, li “A morte e a morte de Quincas Berro D’Água” de Jorge Amado, um romance mais ou menos parecido na morbidez, mas se em Machado de Assis, o morto conta sua vida e sua morte; no livro de Jorge Amado, toda pantomima é feita pelos amigos de Quincas Berro D’Água, que morre duas vezes, uma no fundo do mar.

Outro livro que me impressionou e me arriscaria tecer alguns comentários, é **Dom Casmurro**, a começar pela escolha do título, onde o autor se confunde com o personagem, pois se Bento Fernandes Santiago tornou-se um misantropo, Joaquim Maria Machado de Assis não deixava por menos: - mãe doméstica, neto de escravo alforriado, pai operário, mulato, epilético, gago, criado pela madrasta no morro do Livramento vendendo cocada nas escolas, aprendeu francês, inglês e latim por sua conta e risco, depois de adulto, tornou-se arredio, quase antissocial.

A trama de **Dom Casmurro** é uma trama comum com ingredientes de amor, amizade, traição e vingança - Bentinho deixa Capitu morrer esquecida num país da Europa e cria condições para que seu filho bastardo Ezequiel morresse lá fora, numa expedição científica no Egito -, porém, os traços psicológicos dos personagens são tão fortes, o enredo tão bem articulado, a linguagem fácil, não rebuscada, quase cotidiana, que é difícil não considerar o “Bruxo de Cosme Velho” de Drummond, o maior escritor brasileiro de todos os tempos.

Frases significativas definem a personalidade dos principais personagens de **Dom Casmurro**: “olhos de cigana, oblíqua e dissimulada”, “olhos de ressaca”, “tio Cosme tinha escritório na antiga Rua das Violas, perto do júri... trabalhava no crime”, “José Dias, agregado da família, amava os superlativos, as cortesias que fizesse, vinham antes do cálculo do que da índole”, “prima Justina vivia conosco por favor de minha mãe”, “ a mãe de Capitu, era alta, forte, cheia, como a filha, a mesma cabeça, os mesmos olhos claros”, “Escobar, era um rapaz esbelto, olhos claros, um pouco fugitivos, como as mãos... como tudo” e “Filho de Capitu e Bentinho. Tem o primeiro nome de Escobar. Imitava as pessoas. Vai para Europa com a mãe, estudou antropologia e mais tarde volta ao Brasil para rever o pai. Morre num país da África de febre tifoide.”

Li, afora os autores portugueses, alguns escritores estrangeiros: Kafka, Hemingway, Sidney Sheldon, Morris West, Harold Robbins, Fiódor Dostoiévski, Allan Poe, Saint-Exupéry e outros, que a memória no momento me trai, todavia, nenhum desses autores, é maior do que Machado de Assis, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, José Lins do Rego, Drummond, Manuel Bandeira, Jorge Amado etc., etc.

Faz-se necessário esclarecer que a inserção de escolas literárias e autores, nos parágrafos anteriores, antes de definir a minha trajetória até ALITA e a escolha do meu patrono, Walker Luna, não foi para esnobar conhecimento, mas teve o objetivo de

demonstrar a minha fragilidade no saber literário, embora seja um leitor contumaz, leio por prazer, não por obrigação de adquirir conhecimento, não sou um experto do assunto do ponto de vista formal e um letrado de relevância.

Uma semana ou duas semanas antes da fundação da Academia de Letras de Itabuna – ALITA, em 19 de abril de 2011, a minha esposa recebeu um telefonema do ilustre juiz da Vara da Infância e Juventude da Comarca de Itabuna, Marcos Bandeira, que desejava falar comigo. Diz a sabedoria popular: “Quem não deve não teme”, porém, recado de autoridade da justiça ou da polícia, que não é de sua intimidade, mesmo que não deva, fica um bichinho cutucando sua mente.

Não o conhecia pessoalmente, não sabia se era gordo ou magro, baixo ou alto, preto ou branco, se era cordato ou arrogante, apenas, o conhecia de nome por ouvir dizer e de algumas notícias de jornal, notadamente, da Vara da Infância e Juventude itabunense, porém, dois ou três dias depois do recado de minha esposa, soube o verdadeiro motivo do ilustre magistrado: a fundação de uma academia de letras.

Encontramos-nos em seu gabinete de trabalho pouco tempo depois. Fui acompanhado de minha filha, como se tratava de cultura, da fundação duma academia de letras, presenteei-lhe com dois livros de minha autoria e marcamos nos encontrar com os futuros membros na Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania – FICC. Tive uma boa impressão do magistrado em nosso primeiro encontro. Notei que não se tratava dum pedante, dum presunçoso da função, mas um humanista de grande saber jurídico e antenado com o mundo.

Aprendi com o saudoso professor Jorge Visca, no curso de psicopedagogia, que uma das dificuldades de aprendizagem é o medo do novo. Jamais faltei em 32 anos no exercício do magistério, um dia de aula, era o primeiro que chegava e o último que deixava a escola, porém, em 19 de abril de 2011, eu fui o último a chegar à FICC. Acho que estava com medo do novo, com medo das novas circunstâncias, da ideia de contribuir para fundação de uma academia de letras, principalmente, com medo de tornar-me membro de uma confraria de intelectuais de escol e fazer feio.

Com exceção do professor e babalorixá Ruy Póvoas e da professora Dinalva Melo, conhecidos de priscas eras, do tempo da FAFI e do juiz Marcos Bandeira que o tinha conhecido recente, não conhecia mais ninguém no dia de fundação da ALITA. A diretoria da academia foi rapidamente definida e como presidente da academia, Dr. Marcos Bandeira e na vice-presidência, a juíza aposentada Dra. Sônia Maron. Os

patronos e cadeiras vieram a seguir, por ordem alfabética, fui designado para cadeira nº. 09, e, escolhi para patrono: Joaquim Maria Machado de Assis.

Mas, na reunião subsequente, ainda no processo de arrumação dos membros efetivos e suplentes, um diálogo subjacente entre o presidente da ALITA Marcos Bandeira e o diretor de biblioteca, o escritor Cyro de Mattos, me chamou a atenção:

- Ele aceitou?

-Sim, mas com uma condição...

-Qual a condição!?

-Machado de Assis como patrono!

-Mas... Machado... já foi escolhido... – o presidente embaraçado...

A conversa foi destrinchada logo depois, é que o jornalista e escritor Hélio Pólvora só aceitaria ser membro efetivo da novata academia de letras itabunense se o seu patrono fosse Machado de Assis. Não deixei que a conversa se estendesse, incontinenti, abri mão do patrono que eu escolhi, não quis ser empecilho, quedei-me diante do prestígio intelectual do escritor Hélio Pólvora, que além de itabunense, é membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), da Academia de Letras da Bahia (ALB), e da Academia de Letras de Ilhéus (ALI), e, publicado em vários países estrangeiros, aí, fiquei na casa do sem jeito, o jeito foi ficar com Walker Luna.

Nunca havia lido uma linha sobre Walker Luna, não conhecia sua obra, não sabia se ele era autor de prosa ou poesia, ou, ambos, eu não sabia se ele havia nascido na Bahia, no Pará, ou, na Cochinchina, mas não manifestei a minha ignorância aos demais confrades, resignei-me com o ensinamento de Paulo Freire: “Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa, todos nós ignoramos alguma coisa”. Voltei para casa e consultei o “Google”, o pai dos burros e não o “Aurélio”, mas não encontrei nada ou quase nada de Walker Luna, agora, meu patrono.

Recorri aos amigos, Antônio Lopes e Eglê, eles enviaram por e-mail algum material, porém, incipiente para o resumo biográfico do patrono, um mês depois, recebi um e-mail do filho de Walker Luna, através do presidente Marcos Bandeira, parabenizando-me pela homenagem que tinha prestado ao seu pai, com a promessa de disponibilizar o material necessário para se elaborar uma descrição mais completa e colocá-la no quadro de patrono, infelizmente, foi tudo.

Walker Luna escreveu pouco, a exemplo de Castro Alves, Álvares de Azevedo, Firmino Rocha, Valdelice Pinheiro e Helena Borborema. Os seus livros: **Esses seres de mim (1969)**, **Companheiro (1979)**, **Estação dos pés (1983)** e **Um ângulo entre**

montanhas (1985), são no dizer de Telmo Padilha: “... de elaboradíssima tessitura, são personalíssimos e possuem uma ductilidade rara entre os seus companheiros”.

Homem arredio, antissocial, sofrido, se preocupava mais com a qualidade de sua poesia do que quantidade de editoração, ele mereceu de Assis Brasil e de seu conterrâneo Cyro de Mattos, sinceros elogios, para Cyro de Mattos, a poesia de Walker Luna “possui homogeneidade temática e formal, seus poemas interligam-se por um fio narrativo, um complementando o outro, atingindo níveis vertiginosos, compartilhando perplexidade, angústias, emoção que vibra o ontem e o hoje em sua dicção solitárias, ao mesmo tempo em que mistifica imagens.”

Nascido em Itabuna, em 6 de agosto de 1925, começou o curso primário com Dona Etelvina de Andrade e o terminou no Colégio Belfor Saraiva, aos 14 anos, mudou-se para Salvador e concluiu o curso secundário na colégio do professor Hugo Baltazar. Conta-se que não fez curso superior e aos 19 anos radicou-se no Rio de Janeiro, onde começou publicar suas poesias.

Não obstante a escassez de referências bibliográficas do poeta itabunense, sua falta de raízes da região do cacau, faz-se necessário transcrever (abaixo), na íntegra, o seu poema “A cidade Perdida”, extraída do livro: “Um ângulo entre montanhas, ano 1985”, quando o poeta retorna para sua terra natal.

A CIDADE PERDIDA

Walker Luna

Minha cidade estendeu-se
Alargou suas redondezas
Multiplicada em distância
Insatisfeita
Subiu
Buscando mais horizontes
e perdeu-se dentro dela.
Volto hoje a procurá-la.
Transfiguraram-se os jardins
E os encantos do seu rio
Tomaram novas feições.
Até o céu era outro,

ou eram outros os meus olhos?
Sob a ação de tanto tempo
Anoiteceu em si mesma
E confundiu seus vestígios
Entre as formas
De mais gritos.
Agora
É só pensamento
- minha cidade de outrora.

Além de correção de técnica e forma, o poeta expressa sensibilidade nostálgica, não reconhece mais a cidade pura de outrora, que nasceu e viveu parte de sua adolescência. Agora, atingida pelos fumos de desenvolvimento e progresso: “Insatisfeita subiu”. As imagens do passado não são mais as mesmas... O rio, o céu e os jardins perderam os seus encantos ou foi ele que perdeu o encanto do olhar. Hoje, a cidade só pensa em crescer e tudo ocorreu sob a ação inflexível do tempo, então, o poeta descobre que a Itabuna de outrora não mais existe: “É só pensamento, minha cidade de outrora”.

Hoje, estou convencido que Walker Luna alçou vôos tão alto na poesia quanto Machado de Assis na prosa, por isto, eu o aceitei como meu patrono!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 26 de novembro de 2012.

43

Zé das Medalhas
R. Santana

Conversei com Zé das Medalhas faz pouco tempo. Acredito que “Medalhas” não é nome, mas um apelido que se adquire para estigmatizar o indivíduo. Nunca me atrevi perguntar-lhe se “Medalhas” é um apodo ou nome de família, a descrição é o segredo de uma longa amizade, além disso, morro de medo da ironia e do humor refinado, às vezes, escrachado de Zé das Medalhas. As más línguas juram por todos santos vivos e os que se encontram nos céus que o apelido de “Medalhas” foi tomado emprestado do casal conflituoso Lulu e Zé das Medalhas de “Roque Santeiro” em 1985, é que Zé naquela época tinha um casamento parecido e a molecada, quando não é verdade, inventa...

Porém, o que me atrai em Zé das Medalhas grapiúna não é o seu passado de infidelidade doméstica, aliás, todos nós somos vítimas de traição, de deslealdade, quando a pérfida não é da santa esposa, é da filha, do amigo, do parente, mas o seu jeito crítico e esrachado de gozar o mundo. Num dado momento, ele parece pessimista ao alheio espectador, contudo, se for reparado com atenção, Zé é um humorado anarquista.

Naquela manhã de domingo, que o sol estava em paz com a chuva, encontrei-o como de costume, na Praça Olinto Leone, lendo um dos semanários da cidade itabunense:

- E aí Zé, tudo bem?

- Para alguns, sim! – pensei com os meus botões: “vem chumbo grosso”, e, cutuquei:

- Mas, lhe falta o quê? Filhos formados, esposa dedicada, netos encaminhados, e, tu ainda gozas dum baíta saúde...

- Meu filho, eu não penso em mim, estou com 77 anos de vida, mas num país que grassa a violência e a impunidade, aposentado vive numa pendenga de dar pena, moleque de barba e bigode é protegido pelo ECA, médico mata paciente que não tem plano de saúde, político corrupto não vai pra cadeia e homem casa com homem no papel, não posso lhe dizer que tá tudo bem!

- Zé, o mundo muda, são as circunstâncias, temos que aprender conviver com os novos tempos ou enterramos a cabeça na areia como avestruz!

- Meu filho, eu sei que a única realidade é a mudança... O velho Protágoras Já dizia que não tomamos banho duas vezes na mesma água de um rio, porém, entre o bem e o mal, temos que escolher o bem. Se nós não somos agentes de uma boa mudança o mal prosperará, é o que queremos?

- Não! – contudo, contemporizei:

- Nem tudo é ruim... Não se deve comparar as expectativas de vida, hoje, com as expectativas de vida dos nossos avós. Em tempos remotos, não havia água na torneira, fogão com gás liquefeito, luz elétrica, geladeira, metrô, ultrassom, tomografia, computador, internet... – fui interrompido com sua risada:

-Ah, ah, ah!!! – não gostei:

- Qual foi a graça!?

- Tu enxergas como animal de carroça!

- Como assim!?

- O burro de carroça enxerga pela viseira, não vê o perigo ao lado. Muita gente vê, somente, os fumos do progresso, e, não enxerga a fumaça que entra pelo seu corpo e intoxica-lhe os pulmões e os olhos – continuou:

- Ninguém é insano para não reconhecer o avanço de ciência e da tecnologia, mas a que preço? Não precisa me responder, pois lhe direi o custo de todo esse avanço: arsenal nuclear capaz de destruir a humanidade muitas vezes, gados e aves bombadas de hormônios para crescerem e engordar antes do tempo, cultivo de frutos e verduras com agrotóxicos, armas biológicas, armas químicas, destruição da flora, destruição da fauna e a poluição dos rios, o reflexo de tudo isto, são as endemias, as epidemias e os sinistros da natureza. Mas, existe um mal maior: a corrosão do caráter humano, o homem se tornou cada vez mais corrupto e cínico... – não o deixei continuar:

- Meu caro Zé, seria uma discussão estéril se fosse contra-argumentar, mas lhe responder o quê? Não iremos mudar o curso da história, além disto, hoje, o dia promete e não quero encher a minha cabeça de caraminholas. Quando lhe vi, pensei: “vou bater um papo gostoso e bem humorado com o meu amigo Zé”, porém, o meu velho Zé neste dia bonito de descanso, é mar que não está pra peixe!...

- Meu filho, nem sempre o humor é a nossa disposição de espírito, às vezes, a realidade nos embrutece e nos deixa pessimista, principalmente, quando se tem um senso crítico aguçado, todavia, não me deixo levar sempre pelo pessimismo, afinal, estamos aqui de passagem e aprendi ao longo dos anos, correr a favor dos ventos, bronca é arma de trouxa!

- Meu velho, é assim que se fala!

- Não me chame de velho, pois velho é molambo que se joga no lixo!

- Zé, idoso é sinônimo de velho, quando lhe chamo de “meu velho”, não é para lhe depreciar, mas uma maneira carinhosa e possessiva de chamar o amigo, então, direi doravante: “O Zé da melhor idade”. Tá certo?

- Desculpe-me Fred, acho que exagerei... Hoje não é o meu dia, porém, prefiro o tratamento de “idoso”. Não sei quem inventou que a idade do diabetes, da hipertensão, do mal de Alzheimer, do Parkinson, da osteoporose, e, por aí afora, seja chamado de “terceira idade” ou “melhor idade”, seria melhor, que fosse tratado de “pior idade” ou “última idade”. Se soubesse quem teve essa brilhante ideia, iria mandá-lo pra ser implodido pelas bombas de Sadan Hussein!

- Zé, Sadan Hussein morreu, agora, o Iraque é outro governo!

- Morreu!?

- Não soube?
- É o mal da velhice... Então, mandaria o infeliz pra aquele maluco que ameaça despejar bomba nos Estados Unidos!
- Quem?
- O Cara da Coreia do Norte!
- Pyongyang?
- Acho que é esse Pyongyang, pois mandaria quem inventou esse desatino de “melhor idade” pra lá! – contemporizei:
 - Zé, a velhice é o estado da matéria em decadência. Entretanto, é ao longo da maturidade que se adquire experiência e sabedoria. O adolescente é um “aborrecente”, o jovem é insatisfeito com o mundo, um revolucionário, quer a todo custo transformar o seu status quo, o cinquentão se acomoda e deixa a vida lhe levar, mas a velhice é o equilíbrio e a cristalização de tudo isso, portanto, a idade da experiência e sabedoria!
 - Fred, é necessário fazer uma reflexão na leitura dos livros, tudo é relativo. Não se mede o conhecimento pela idade. A história da humanidade está cheia de feitos de gente jovem. Claro que a idade acumula experiência, mas não sabedoria, tem tanto velho estúpido, concorda comigo?
 - Sim!
- Naquele dia de domingo, não encontrei o velho Zé humorado, mas valeu o encontro.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Licença: Creative Commons

Dados Bigráficos:

Rilvan Batista de Santana

Natural de Lagarto (SE)

Nascido: 01 de junho de 1946

Licenciado em Filosofia/Matemática e pós-graduado em Psicopedagogia

Professor de Matemática aposentado do Colégio Estadual de Itabuna e IMEAM, e,

Membro fundador da Academia de Letras de Itabuna.- ALITA.

Obras:

- 1) A face obscura do homem
- 2) Maria Madalena
- 3) O empresário
- 4) O enviado
- 5) O DNA de Emanuel
- 6) Atir
- 7) Carta para Paula
- 8) Guriatã, o intérprete
- 9) Hanna
- 10) O Juiz
- 11) O homem nasce para ser feliz?...
- 12) Retalhos da vida
- 13) Rosas com espinhos
- 14) Suor, cacau e sangue

Licença:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/deed.pt>
O trabalho Suor, cacau e Sangue de Rilvan Batista de Santana foi licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Brasil.